

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LETÍCIA PREZZI FERNANDES

**PRODUÇÕES DE CASAMENTO CONTEMPORÂNEAS: EDUCAÇÃO,
CULTURA E GÊNERO**

Porto Alegre
2014

LETÍCIA PREZZI FERNANDES

**PRODUÇÕES DE CASAMENTO CONTEMPORÂNEAS: EDUCAÇÃO,
CULTURA E GÊNERO**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do Doutorado em Educação.

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Orientador – Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos

Porto Alegre
2014

CIP - Catalogação na Publicação

Fernandes, Leticia Prezzi
Produções de casamento contemporâneas: educação,
cultura e gênero / Leticia Prezzi Fernandes. -- 2014.
137 f.

Orientador: Luís Henrique Sacchi dos Santos.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. currículo. 2. cultura. 3. gênero. 4. sujeito-
noiva. I. Santos, Luís Henrique Sacchi dos, orient.
II. Título.

Agradecimentos

Comecei a escrever estes agradecimentos como forma de motivar a escrita da tese. Foram momentos bem difíceis, mas queria, justamente quando as coisas não pareciam sair do lugar, deixar registrada minha gratidão a algumas pessoas que continuavam ao meu lado dando seu apoio.

Agradeço a UFRGS, que me proporcionou ensino desde a graduação e que se tornou meu local de trabalho. Agradeço aos colegas da Escola de Engenharia, especialmente à equipe da Comissão de Graduação de Engenharia: Victor, Rafael, Akie, Isabel, Mariana, Thamy e Altair que me possibilitaram estar afastada desde fevereiro de 2013 para a conclusão da tese. Não tenho nem palavras para dizer o quanto eu agradeço.

Ainda dentro da UFRGS, agradeço ao Núcleo de Apoio ao Estudante que direta ou indiretamente vem me acompanhando nessa trajetória desde 2011. O acompanhamento deste núcleo e de seus membros foi fundamental para que eu pudesse voltar a escrever.

À Faculdade de Educação, pela formação, pelas aprendizagens e pelas/os amigas/os que fiz. Aos colegas Circe, Vera, Camilo, Alana, Z, George e Jonathan, pelos momentos alegres e de trabalho que tornaram as coisas menos ásperas e mais divertidas.

Às professoras da banca de qualificação Simone, Rosa e Dagmar pelas palmadas carinhosas e por serem grandes exemplos para mim. E às professoras Sandra, Simone e Rosa Hessel que aceitaram ler esta tese com um tempo exíguo, agradeço desde já suas contribuições a este trabalho.

Aos/as amigos que fiz nesses anos: Damico, Luiz Fernando, Carin, Sandra, Ile, Catha, Helena, Maria, Simone, Jeane e ainda outros, que foram parceiros que sempre pude contar. Pelos encontros nos eventos, os jantares e tudo o que aprendi enquanto éramos colegas. Meu muito obrigada, também, àquelas professoras especiais que muito me ensinaram dentro e fora de sala de aula: Guacira Louro, Rosa Fischer, Carmen Craidy.

Às quatro-marias, que agora são cinco e já tem mais uma caminho, que estiveram junto comigo nesses longos anos.

A minha mãe e minha irmã, duas grandes amigas – que às vezes só atrapalham, mas sem as quais eu não seria feliz. São as distrações de vocês que me fazem seguir

aqui... A minha família 2, que está sempre por perto, com carinho e cuidado – e sempre na torcida para que esta tese acabasse o quanto antes.

Ao meu sobrinho Pietro que de tanto dizer que “vai estudar como eu”, obrigou-me a estudar mais para que eu me tornasse um melhor exemplo.

Ao Gustavo, razão para que eu levante todo dia, que não me deixou perder a confiança e que esteve ao meu lado sempre, mesmo quando eu não merecia. Que aguentou todas as minhas loucuras (e foram muitas!) e me deu a mão para que pudéssemos dizer, mais uma vez, que conseguimos, juntos!

A Dagmar, cujo puxão de orelha foi tão dolorido e tão necessário. Agradeço a cumplicidade, a amizade, o afeto e os aprendizados que fizemos nesses longos anos. Tua presença é tão forte em minha vida que não precisamos estar juntas ou próximas para que eu a sinta.

Por fim, agradeço a todos que não mencionei e que fizeram parte desta tese. Agradeço ainda a experiência vivida e o que ela me fez aprender.

RESUMO

Esta tese trata de como e o que uma revista voltada para noivas ensina sobre casamento. Fundamentada nos aportes dos Estudos de Gênero e Culturais em aproximação com o Pós-Estruturalismo, analisei um conjunto de 14 revistas da *Inesquecível Casamento-RS (IC-RS)*, publicadas entre 2005 e 2012, mapeando as coisas ditas e veiculadas em suas matérias e propagandas. Entendo que a produção desse sujeito-noiva é parte de um currículo de formação de feminilidade na contemporaneidade. Assim, para formar uma noiva é necessário passar por um longo currículo em que se ensina a ser bela (mesmo que não seja assim considerada), sentir-se o centro da cena do casamento, dedicar-se aos outros e à produção de casamento, a entender a importância da data, a contratar bons profissionais, a ver o casamento como ápice da vida a dois, a entender do que é feito um casamento, a personalizar a produção e, ao mesmo tempo, respeitar e seguir tradições. Foi possível constatar que há um grande investimento em significar o casamento de determinadas formas, sobretudo ligadas ao consumo e à espetacularização do eu. Entendo que os ensinamentos da revista são muito persuasivos, uma vez que instituem o casamento como o grande sonho da vida de uma mulher e para o qual ela deve trabalhar arduamente. Esse trabalho envolve contratos com prestadores de serviços, escolher e definir o projeto de casamento e entender a importância deste momento em sua vida. Assim, mais do que um dia romântico e de expressão do amor, este é um grande momento de consumo. A constituição do sujeito-noiva passa também pela construção de um sujeito de consumo que esteja atento ao que é necessário e importante numa produção de casamento. A noiva é produzida, então, como uma consumidora exigente e soberana. Ensina-se, ainda, que a importância do casamento se dá pela sua irrepetibilidade e pela oportunidade de realizar sonhos – descritos como existentes desde a infância. Tamanha importância deve justificar os gastos, a contratação das/os melhores profissionais disponíveis. Ainda mais, o sucesso da festa é descrito como sucesso na vida conjugal – o que aumenta a demanda pela festa inesquecível e perfeita. Instituído como a coroação da relação, a produção de casamento parece significar a dimensão do amor, bem como, coloca-se como ápice da vida conjugal: momento em que todos/as os/as amigos/as e familiares terão suas atenções voltadas para esse casal, desejando o melhor futuro possível. A concentração da produção de casamento como algo feminino é reiterada durante todo o período analisado. Mesmo em áreas em que predominam profissionais homens, as mulheres que adentram estes ramos se colocam como mais qualificadas para atender casamentos, uma vez que possuem o que é denominado como “alma feminina”. Esse “relicário da essência feminina” aparece como um verdadeiro tesouro repleto de sensibilidade, dedicação e amabilidade. A espetacularização do eu parece atingir seu ápice com a celebração de casamento, de modo que é difícil retornar à “vida normal” de simples mulheres. Casar implica sentir-se bela, soberana e responsável pelas próprias decisões. Além disso, coloca-se como um momento especial em que todas as atenções se voltam para a noiva e que todos os seus desejos devem ser atendidos. Acredito que a partir dessas considerações é possível entender a necessidade de estender ao máximo esse momento descrito como de plena felicidade.

Palavras-chave: currículo – cultura – gênero – sujeito-noiva

ABSTRACT

This thesis deals with how and what a magazine for brides teaches about marriage and femininity. Grounded in the contributions of Gender and Cultural Studies approaching with the Poststructuralism, I analyzed a set of 14 journals *Inesquecível Casamento -RS* (IC- RS), published between 2005 and 2012, charting the things said and transmitted in their materials and advertisements. I understand that the production of the bride-subject is part of a training curriculum of contemporary femininity. Thus, to form a bride is necessary to go through a long curriculum that teaches to be beautiful (even if not so considered), feel the center of the wedding scene, devote yourself to others and production of wedding understand the importance of the date, hire good professionals, see wedding as the culmination of life together, to understand of what is made a wedding, personalize the production and at the same time, respect and follow traditions. It was found that there is a large investment to mean the wedding of certain forms related to the consumption and the spectacle of self. I understand that the teachings of the magazine are very persuasive, establishing marriage as the great dream of a woman's life and for which she must work hard. This work involves contracts with service providers, choose and define the project of marriage and understand the importance of this time in your life. Thus, more than a romantic day and of expression of love, this is a great time of consumption. The constitution of the subject-bride also involves the construction of a consumer-subject aware of what is necessary and important in producing wedding. The bride is produced, then, as a sovereign and demanding consumer. It teaches also that the importance of wedding is in its uniqueness and the opportunity to fulfill dreams - described as existing since childhood. Such importance to justify the expenditures and hiring of the best professionals available. Moreover, the success of the party is described as success in the marriage - which increases demand for an unforgettable and perfect party. Established as the coronation of the relationship, the production of wedding seems to mean the dimension of love as well, stands as the apex of married life: moment the friends and family turned their attention to this couple, wishing the best possible future. The concentration of production of marriage as something feminine is reiterated throughout the analysis period. Even in areas where professionally men dominate, women who enter in these branches themselves as more qualified to attend weddings, as they have what is termed as "female soul". This "temple of feminine essence" appears as a treasure trove full of sensibility, dedication and kindness. The spectacle of the self seems to reach its peak with the wedding celebration, so it is difficult to return to "normal life" of single women. Marry implies feel beautiful, sovereign and responsible for their own decisions. In addition, arises as a special time when all eyes turn to the bride and that all your wishes must be met. I believe that from these considerations is possible to understand the need to extend the most of this time described as complete happiness.

Keywords: curriculum - culture - gender - subject-bride

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	8
<i>1 Um modo de olhar</i>	10
1.1 Uma noção de currículo	11
1.2 Sobre os modos de celebrar o casamento: uma revisão histórica	16
1.3 Casamento contemporâneo como sintoma da cultura	23
<i>2 Um jeito de fazer</i>	42
2.1 Um jeito de analisar	44
2.2 A Revista Inesquecível Casamento	51
2.2.1 O Portal Inesquecível Casamento	56
<i>3 O que é um casamento?</i>	59
3.1 Personalizar.....	67
3.2 Seguir tradições.....	74
<i>4 A importância do dia</i>	88
4.1 Contratar bons profissionais	93
4.2 Festa de sucesso – vida feliz	98
4.3 Casamento como ápice da vida a dois	101
<i>5 Centralidade do feminino</i>	105
5.1 Dedicadas.....	114
5.2 Estar linda	117
<i>E foram felizes para sempre?</i>	124
<i>Referências</i>	128
<i>Anexo 1 – Mídia Kit</i>	135

Apresentação

Esta tese trata de como e o que uma revista voltada para noivas ensina sobre casamento e feminilidade. Fundamentada nos aportes dos Estudos de Gênero e Culturais em aproximação com o Pós-Estruturalismo, analisei 14 edições da Revista Inesquecível Casamento – RS, publicadas entre 2005 e 2012, com o propósito de mapear os discursos que este artefato cultural faz circular sobre feminilidade e casamento.

Ao analisar o material empírico foi possível constatar que há um grande investimento em significar o casamento de determinadas formas ligadas ao consumo e a espetacularização do eu. Assim, organizei esta escrita em cinco capítulos para dar conta dos ensinamentos produzidos pela publicação.

No primeiro capítulo, *Um modo de olhar* trato do modo como fui me aproximando da temática, bem como meu trajeto teórico conceitual para entender a cultura que possibilita a emergência das produções de casamento contemporâneas. Nessa direção, faço um rápido recorrido histórico sobre os ritos e significados do casamento ao longo do tempo, especialmente na Europa Ocidental, além de uma breve análise dos discursos presentes em nossa cultura que convergem para produzir o casamento como grande acontecimento da vida e a necessidade de investimentos financeiros e de tempo para sua realização.

Em *Um jeito de fazer*, descrevo o trajeto metodológico, bem como as bases conceituais para as decisões que tomei. Além disso, faço uma apresentação da Revista, de como ela se organiza e do seu projeto editorial.

O terceiro capítulo, *O que é um casamento*, trata de como o material aborda o casamento e o que ele passa a significar nesse contexto. Analiso ainda as questões de tradição e personalização que se imbricam no âmbito das produções de casamento atuais.

No capítulo *A importância do dia*, os argumentos e as lógicas que sustentam o casamento como o dia mais importante da vida de um casal são abordados. Assim, pude constatar alguns enunciados como: contratar bons profissionais, festa de sucesso como sinônimo de uma união feliz e o casamento como ápice da vida conjugal.

A Centralidade do feminino trata de como as mulheres são posicionadas dentro dos discursos que produzem o casamento, não apenas enquanto noivas, mas também as

relações profissionais e suas atribuições neste contexto. Além disso, as mulheres, noivas e profissionais, são colocadas e estimuladas a serem dedicadas e a estarem belas para o seu dia. De algum modo, coloca-se o casamento como parte daquilo que se entende como esfera feminina da vida, tornando sua produção feminilizada.

Por fim, analiso como essas questões se colocam na cultura contemporânea e alguns de seus efeitos em outros artefatos pedagógicos de modo que a produção de casamento se torne uma obrigação desejável e sua prolongação como uma necessidade de espetacularização de si.

1 Um modo de olhar

“Uma tese é uma aposta”. Ouvi isso numa banca, não recordo qual era a tese em avaliação. No entanto, lembro de que ouvi Guacira Louro, uma das professoras convidadas para formar aquela banca, dizer “uma tese é sempre uma aposta”. Isso ficou gravado em minha memória: é essa aposta que apresento agora. Foi uma aposta que eu logo ‘paguei pra ver’, mas passei muito tempo com medo do que eu tinha nas mãos. Nesse momento, não me cabe mais esperar, uma vez que, encerrando meu prazo, a ‘banca’¹ pagou para ver o que eu tinha em minhas mãos.

Aceitei essa aposta abandonando alguns caminhos conhecidos: após ter feito minha formação nos estudos de gênero pesquisando políticas públicas voltadas para infância e família e ter ingressado no Doutorado com um anteprojeto que buscava analisar as trajetórias de pais e mães adotantes, mudei o curso ao ser seduzida pelas rendas, cetins e tules, pelas grinaldas, véus e buquês. A temática do casamento me arrebatou de uma maneira incomum – ao menos para mim – e, confesso, foi difícil sair do ambiente inebriante e mágico que atualmente o mercado das festas de casamento produzem.

Esta tese trata, então, da produção de um dado sujeito-noiva em nossa cultura contemporânea. Analisei um conjunto de 14 revistas da *Inesquecível Casamento-RS* (IC-RS), mapeando as coisas ditas e veiculadas em suas matérias e propagandas. Entendo que a produção desse sujeito-noiva é parte de um currículo de formação de feminilidade da contemporaneidade. Assim, para formar uma noiva é necessário passar por um longo currículo em que se ensina a ser bela (mesmo que não seja assim considerada), sentir-se o centro da cena do casamento, dedicar-se aos outros e à produção de casamento, a entender a importância da data, a contratar bons profissionais, a ver o casamento como ápice da vida a dois, a entender do que é feito um casamento, a personalizar a produção e, ao mesmo tempo, respeitar e seguir tradições. Junto a esses ensinamentos, amor, espetáculo e consumo são colocados em ação. Eles funcionam como engrenagens articuladas em que ora um tem mais força e mais peso que o outro, mas sozinhos eles não se sustentam e não fazem essa grande roda da *produção de*

¹ Utilizo aspas simples para colocar uma palavra em suspeição e aspas duplas quando se trata de uma citação.

casamento girar atualmente. Outros elementos poderiam, ainda, ter sido trazidos, mas procurei dar maior ênfase a estes porque em minha leitura eles parecem mais fundamentais para analisar a cultura que vivemos hoje.

Utilizo a expressão *produção de casamento* para dar conta de um processo específico: preparar e organizar o casamento além do rito que efetiva socialmente a união. A *produção de casamento* refere-se não só aos casamentos reconhecidos civil e religiosamente como casamento, mas sim a toda e qualquer produção que tenha como intuito celebrar a união de pessoas que desejam viver juntas. Essa *produção de casamento* se refere a tudo quanto se diz ser necessário para fazer uma festa de casamento acontecer. Nessa direção, entendo que uma festa de casamento é uma produção: tanto em sua dimensão discursiva quanto no sentido de algo que precisa ser feito, moldado, engendrado, fabricado, que necessita de trabalho e que não acontece ‘sozinho’, precisa que sujeitos se envolvam para executá-lo.

É no contexto de uma discursividade acerca dessas atuais *produções de casamento* que um sujeito-noiva é ensinado e produzido enquanto tal. Assim, parece-me que a discussão sobre como esse sujeito é formado passa pela análise de um currículo sobre casamento posto em circulação através da IC-RS.

1.1 Uma noção de currículo

A partir dos Estudos de Gênero e Culturais, em sua aproximação com o Pós-Estruturalismo, entendo que os processos educativos vão além daqueles que ocorrem nas escolas, especificamente dentro das salas de aula. A educação é um processo complexo e sem fim que busca transformar indivíduos em sujeitos de determinada cultura, possibilitando, dessa forma, que possamos compartilhar sentidos e significados sobre os modos de viver nossas vidas.

É nesse sentido que se ampliam as pedagogias exercidas sobre os indivíduos a fim de educá-los a serem sujeitos considerados ‘adequados’ em nossa cultura. Em sua tese, Viviane Camozzato (2012, p. 102) indica que “o uso desse conceito [pedagogia] vem sendo cada vez mais empregado para mostrar a operacionalidade de determinados discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos”. Nessa direção, o uso da expressão *pedagogia cultural* se refere à pretensão educativa dos discursos na formação de determinados tipos de sujeitos. A

autora argumenta, ainda, que as pedagogias do presente, como ela chama, tem se colocado como um campo necessário e profícuo para analisar a produção dos sujeitos contemporâneos. Contudo, como a própria autora discute, os discursos que embasam essas diferentes pedagogias que nossa cultura produz não cessam de ser repetidos e multiplicados, pois

apesar da vontade de fixar, controlar, construir um gestual particular para a obtenção de certos efeitos específicos, o reiteradamente planejado não cessa de ser desfeito. Dito de outra forma, o que alimenta as pedagogias é a intencionalidade, sempre reiterada, mas, ao mesmo tempo, nem sempre atingida. Aliás, é justamente essa condição da pedagogia que a torna cada dia mais necessária quando se trata de buscar construir condutas, gestos, comportamentos, modos de pensar, enfim, sujeitos que se inscrevam nas marcas e condições do tempo-espaço que habitam e vivem (CAMOZZATO, 2012, p. 112).

Nessa direção, as pedagogias culturais fazem parte da mídia, da família, da religião, das leis etc, constituindo-os em espaços onde esses processos educativos ocorrem. Assim, tais processos agem no sentido de nos tornar mulheres, homens, velhas/os, jovens, noivas e noivos de determinados modos. Essas e outras instâncias, bem como os artefatos culturais produzidos no âmbito delas, tornam-se lócus em que os discursos são veiculados a fim de conduzir os indivíduos transformando-os em sujeitos de determinada cultura.

Os discursos, tal como aponta Foucault (2009), englobam as práticas e os dizeres que constituem os “objetos de que falam”. Dessa forma, os discursos estão implicados com a materialidade das coisas, produzindo através da linguagem, os significados que compartilhamos (ou não) sobre os objetos. Em certa medida, pode-se dizer que os discursos são uma forma de nos produzir, de nos educar enquanto sujeitos de determinados tipos. Essa noção de sujeito refere-se ao quanto os indivíduos são sujeitados aos discursos, uma vez que só é possível constituir-se enquanto tal através dos discursos.

Dessa forma, a IC-RS faz parte de um contexto pedagógico que produz ensinamentos acerca dos modos de casar e de ser noiva e noivo no Rio Grande do Sul, no início do século XXI. Contudo, essas lições não são aleatórias, mas organizadas dentro de um currículo e com uma metodologia própria de ensino: a do exemplo através de noivas reais, as chamadas noivas inesquecíveis; além do uso da fala de especialistas

para dar confiabilidade e seriedade ao que é veiculado na revista. Marlucy Paraíso (2013, p.24) baseada nos estudos culturais em educação, “que defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais [...], ampliamos nossos objetos curriculares, para investigar todo e qualquer artefato cultural que ensina, buscando mostrar o currículo que eles apresentam”.

A partir disso, o que busco é justamente mostrar qual currículo é apresentado pela Inesquecível Casamento-RS para as noivas contemporâneas. O que pretendo nessa seção é trabalhar com uma noção de currículo alargada, pois foi a partir dela que as categorias analíticas desta tese foram elaboradas.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2003a), o currículo sintetiza aquilo que entendemos como conhecimento, tendo em vista que não é qualquer coisa que se torna parte do currículo, mas é uma seleção de conteúdos que o integrará. O autor ainda nos convoca a pensar no currículo como uma prática de significação, como uma “trama de significados, [que] pode ser analisado como um discurso” e finaliza: “tal como a cultura, é, sobretudo, uma prática produtiva” (2003a, p.19). É justamente essa produtividade que enxergo nas revistas analisadas, entendendo-as como uma trama discursiva que opera pedagogicamente na direção de formar a mulher-noiva para produzir o seu casamento. Enquanto trama discursiva, o currículo está implicado na regulação das condutas (MAKNAMARA, 2013). Assim, o currículo da revista funciona para formar sujeitos de determinado tipo que devem se comportar de determinada forma. Um currículo ocupa-se de transformar os indivíduos em sujeitos através dos discursos selecionados para essa formação. Nessa direção, o projeto editorial da revista opera também como um projeto pedagógico através do qual busca ensinar as melhores formas de se tornar uma noiva inesquecível. Silva (2003a) indica, então, algumas características que podemos analisar numa política curricular. Na medida em que estou entendendo a IC-RS como uma instância pedagógica que opera tal qual um currículo na formação de mulheres noivas, utilizarei sua argumentação a seguir mostrando como funciona a política curricular da revista.

A política curricular da IC autoriza determinados grupos de especialistas a falar e desautoriza outros:

Casar. Para a gramática, é um simples verbo. Para o dicionário, é "unir-se a alguém por matrimônio, ligar-se". Mas para as mulheres é a realização de um sonho. Esse ritual tão esperado recebe, muitas vezes, atenção de uma glamurosa [sic] produção cinematográfica. Mas para isso, é bom organizar cerimônia e recepção com cuidado e

buscar os melhores profissionais. A IC ouviu alguns deles e divide com você nas próximas páginas os segredos para uma festa de sucesso. (Ano VII, n.14, p.159)

Ao dizer que ouviu alguns deles, significa dizer que a revista chamou os melhores profissionais, desautorizando, assim, os demais profissionais de festas da cidade a falar e mesmo a atuar no seu casamento – isso se você quiser ter um casamento perfeito. Da mesma forma, os/as celebrantes, religiosos e civis, mesmo sendo autoridades no assunto – pois detém os ritos e os poderes para realizar a cerimônia – não são considerados especialistas. Uma vez que a questão é “uma festa de sucesso”, esses profissionais não possuem o respaldo necessário para poder falar, ou mesmo, o que eles têm a dizer ou podem dizer não interessa neste contexto.

Da mesma forma, a Revista hierarquiza e coloca lugares distintos aos diferentes sujeitos envolvidos na produção do casamento:

Segundo Margarida [Müller, cerimonialista], a noiva não deve esquecer de manter sempre o bom humor e a leveza, e deixar a organização para o cerimonial. (Ano VII, n.14, p.159)

Isso implica dizer que a noiva faz as escolhas, mas quem organiza e toma a frente da execução no dia são as profissionais capacitadas para isso. Há uma hierarquia clara aqui: a noiva deseja, mas quem realiza são os profissionais e todos orquestrados pela cerimonialista. Por mais que a noiva seja a estrela da festa, em termos de “como fazer” e de expertise, a cerimonialista é quem detém tais conhecimentos, tornando-se soberana nesse quesito. Há um conhecimento e uma técnica da produção de casamento que não são acessíveis às noivas, é oferecida a elas a escolha e a decisão do que é ofertado pelas/os profissionais. Ao mesmo tempo, parece não ser de interesse das noivas adquirirem a expertise das produções de casamento. E entre os profissionais existe uma hierarquia também. A cerimonialista ocupa um lugar de destaque, tal qual um regente numa orquestra. Os tempos, a harmonia e a visão do todo são dela. Os/as demais profissionais ficam, de algum modo, submetidos ao seu projeto, a sua partitura.

Além disso, outros e variados textos são produzidos a partir dessa política curricular da Revista: Workshops Inesquecível Casamento; o Portal Inesquecível Casamento na internet; cursos para profissionais; livros sobre festas; outras revistas da mesma editora como a Inesquecível Lua de Mel e a Momento Inesquecível, etc. Isso implica uma multiplicação e uma dispersão dos discursos dentro da cultura.

Ao longo dos sete anos de revista que foram analisados (2005 a 2012), é possível ver uma atualização desse currículo com a inserção de colunistas e blogueiras. A composição da revista vai se modificando e se movimentando conforme as mudanças no cenário consumidor vão se apresentando. Na medida em que alguns blogs tornam-se famosos e viram “febres” entre as noivas, as blogueiras vão sendo chamadas a compor a revista. Contudo, a sua composição não é fechada, ela varia de acordo com as “novidades da estação”, digamos assim².

O currículo pode ser pensado também, como aponta Silva (2003b), como um trajeto a ser percorrido em que, ao final do percurso, um sujeito será formado (ao menos é o que se espera). George Manske (2006), apropriando-se dessa ideia de currículo trajeto, indica que esse trajeto “não é algo transcendente, que esteja já e desde sempre pronta e a espera de que alguém [o] percorra. Uma pista [um trajeto curricular] é construída” (p. 124). Ao percorrer essa pista, este trajeto selecionado e construído para a formação de um determinado tipo de sujeito, não se pode garantir a formação do sujeito esperado, tendo em vista que os discursos que fazem parte dos currículos são disputados e que os sujeitos percorrem diversos currículos – que podem ser conflitantes e até contraditórios – ao longo de suas vidas. Nessa ideia de currículo-trajeto, é interessante pensar que, ao final do processo de produção do casamento, a noiva deixará sua condição de noiva para se tornar esposa. Poderíamos pensar que, no dia do casamento a noiva “morre” para a partir dela mesma nascer o sujeito esposa. Dessa forma, se a figura da esposa nasce a partir da noiva, é preciso ensinar-lhe as bases consideradas adequadas para a construção de um lar, de uma família.

Assim, tomo como questões de pesquisa:

- Entendendo que a revista *Inesquecível Casamento-RS* opera através de um currículo, que sujeito se pretende formar ao final deste percurso?
- De que modo esse currículo está organizado?
- Quais ensinamentos estão presentes na revista?

Ao operar as análises, pude observar que a revista está focada em ensinar as noivas a reconhecerem o que é importante dentro do cerimonial de casamento, podendo transformá-lo em uma produção, bem como em entender os lugares pretendidos para as

² A apresentação da revista será feita no capítulo 2.

mulheres-noivas nessa produção. Essas lições trazem à tona questões como consumo, espetacularização do eu e amor.

Contudo, o período em que se está efetivamente noiva é bastante curto fisicamente. Uma *produção de casamento* dura no máximo dois anos, mas tem como tempo médio um ano. Assim, o tempo que a revista ‘tem’ para ensinar é escasso, ao contrário, por exemplo, do corpo-projeto, em que o sujeito pode se dedicar durante uma vida inteira, consumindo revistas como a *Boa Forma* (ANDRADE, 2002). Ao mesmo tempo, culturalmente, a produção de um sujeito feminino inclui, no futuro, um casamento (normalmente nessa narrativa vem o conjunto completo: uma cerimônia religiosa e uma bela festa com um vestido branco), o que, de fato, leva muito mais tempo do que o tempo de noivado. Não raro meninas pequenas são ensinadas a imaginar um futuro com casamento e filhos/as (STEINBERG; KINCHELOE, 2001; VIDAL, 2008; SABAT, 2003).

Assim, trabalho com a noção de que a revista faz parte das pedagogias culturais e que ela se organiza através de um currículo que ensina, além de como produzir um casamento, formas de ser e viver a feminilidade enquanto noiva. Analiso esse currículo como fazendo parte de formações discursivas dispersas em nossa cultura (argumento que retomarei no capítulo 2).

1.2 Sobre os modos de celebrar o casamento: uma revisão histórica

A celebração do casamento como rito e contrato não existe desde sempre e foi se desenvolvendo conforme as mudanças e as necessidades impostas pela cultura. Minha intenção aqui é apresentar algumas “fases” de como os casamentos eram realizados sem a pretensão de produzir uma história do casamento. Também não almejo criar conexões causais ou coerentes, mas entender como alguns aspectos desses antigos rituais têm seus significados transformados atualmente, possibilitando que, mesmo que o ritual permaneça em alguma medida, seus sentidos são bastante distintos de seus “antecessores”. Esclareço, ainda, que a bibliografia sobre casamento, é um pouco escassa. Sobre o continente europeu temos o legado dos historiadores/as franceses, já aqui no Brasil temos tido um crescimento no número de historiadoras/es que se voltam para este tema, tal como mostrarei no que se segue.

Paul Veyne (2009), no primeiro capítulo da coleção *História da Vida Privada*, indica que na Roma Antiga todo cidadão poderia casar. O casamento era um ato privado, sem a necessidade de autoridades, apenas um contrato de dote – se houvesse dote – sem atos simbólicos obrigatórios. As testemunhas eram necessárias no caso de uma contestação do casamento.

Durante a Idade Média, ao longo dos séculos V a X, a figura do noivado entra em cena. Segundo Michel Rouche (2009), o noivado era uma “segurança contra a violência e um certificado de garantia da pureza da noiva” (p.456), tendo em vista que costumavam ser celebrados com os noivos bastante jovens. Joan Carreras (2004) chama essa fase de esponsal e explica que a partir daí os noivos já eram considerados casados. A ruptura do vínculo ainda era possível, mas ressarcimentos deveriam ser feitos. Para Rouche (2009) era no noivado que se cumpriam as festas, com banquetes, cantos e “divertimentos deliberadamente obscenos” (p.457). Ainda, segundo o autor, era um costume gaulês a noiva oferecer um par de pantufas e, seguindo a tradição romana, um anel de ouro simbolizando a eternidade, por fim os noivos trocavam um beijo. Já para Carreras (2004) é apenas na fase nupcial, quando ocorre efetivamente a união de corpos, que se dá a festa com a “despedida da esposa da casa paterna, com as bênçãos do pai (...) [para ser] conduzida à casa do esposo” (p.21).

É possível que, dependendo do momento e da região, as festas ocorressem em uma ou outra ou mesmo em ambas as ocasiões. A questão é que nesse momento o casamento aparece como um acontecimento que não só necessita de testemunhas como se entende que ele é motivo para comemoração. É interessante pensar que as pantufas presenteadas pela noiva eram entendidas como um sinal de paz doméstica (ROUCHE, 2009, p.457), remetendo a responsabilidade dessa paz à esposa.

Segundo Joan Carreras (2004), durante os primeiros séculos do cristianismo, “o mais importante da festa nupcial era o encontro personalíssimo dos esposos no tálamo (leito) nupcial” (p.26). Ele aponta ainda que, ao longo dos séculos XI e XIII, as celebrações de casamento vão migrando para as igrejas, sendo realizadas durante a missa. Essa mudança tem a ver com a significação que o consentimento passa a ter dentro do casamento. Mesmo que as uniões ainda sejam um arranjo dos pais e que não haja “livre escolha” do cônjuge, ao longo deste período vai se tornando importante que os noivos deem o seu consentimento a uma autoridade, neste caso a clerical, para que haja um casamento. Dominique Barthélemy (2009) reforça esse argumento ao dizer que

Por volta de 1100, aparecem os primeiros rituais litúrgicos do casamento para o Norte da França [...]. É o indício de uma penetração crescente do poder dos clérigos na vida das “famílias”: eles verificam os consentimentos dos dois esposos e investigam as relações de consanguinidade em grau proibido que poderiam impedir a união legítima (BARTHÉLEMY, 2009, p.133).

Trata-se, contudo, de um processo lento. É um investimento em formalizar a união matrimonial. Uma das situações que contribuiu para o entendimento do consentimento como parte crucial da formalização do rito de casamento é a *sponsa duorum*, a esposa de dois. Estando na fase esponsal, se a noiva tivesse relações sexuais com um homem que não era seu noivo ela deveria ser considerada adúltera. Porém, no final da Idade Média, são levantadas questões sobre como lidar com essa situação. Assim, a resposta dos canonistas³ passa a ser de que a noiva expressou seu consentimento àquele com quem foi “adúltera”, legitimando, em alguma medida, essas uniões já que se considera haver sinais de “consentimento matrimonial autêntico” (CARRERAS, 2004, p. 41). Assim o consentimento se torna, aos poucos, centro da liturgia e do direito canônico matrimonial.

Segundo Carreras (2004), além da *sponsa duorum*, outro problema com o qual a Igreja precisou lidar durante a Idade Média foi o dos casamentos clandestinos. Posto que o rito do casamento poderia ser realizado de forma privada, esse tipo de celebração possibilitava a proliferação da bigamia em meio a um contexto de aumento demográfico e crescimento do número de cidades. Essa questão levou tempo para ser “resolvida” e se tornou motivo de conflito entre Igreja e Estado sobre quem deveria regulamentar as uniões conjugais.

Quanto à celebração, Barthélemy (2009, p.137) nos dá algumas pistas de como se organizava o rito matrimonial:

Tendo verificado os consentimentos e a não-consanguinidade, o padre faz proceder a uma cerimônia que ele se contenta ainda em olhar e que apenas encerra com uma oração. A esposa (*sponsa*) é entregue ao marido por seu pai ou pelo parente próximo que a mantinha sob sua guarda: essa junção das mãos direitas realiza uma doação (com a parcela de artifício e de ambiguidade que se liga a esse ato); um pouco mais tarde, a

³ São chamados de canonistas a parte do clero responsável por estabelecer as regras e o direito canônico que rege os rituais e os procedimentos da Igreja Católica.

Igreja interpretará como um compromisso de fé mútua dos esposos, e seu próprio padre representará o papel de “juntador” (século XVIII). O homem passa em três dedos de sua mulher o anel bento pelo qual a desposa. Esse anel desviará dela os ataques do demônio; ele é entregue, diz já a teoria eclesiástica, por amor e pela fidelidade, mas o gesto recíproco só aparecerá após o século XVI. (2009, p.137, grifos do autor).

O Concílio de Trento (1545-1563) determinou a dispensa do consentimento familiar para a realização do casamento, a criação dos proclamas matrimoniais (que existem até hoje, inclusive na forma civil do casamento) e da necessidade de que o casamento se realizasse na presença de um sacerdote e duas testemunhas. Contudo, o texto apenas fala em presença, de modo que se o padre estivesse dormindo e houvesse duas testemunhas, o casamento era considerado válido. Esse “matrimônio por surpresa”, como chamado por Carreras (2004, p.67), só foi totalmente abolido por um decreto da Igreja Católica em 1908.

Ao mesmo tempo, antes da criação dos Estados Nacionais, em determinadas regiões da Europa, o sacerdote era o responsável por manter os registros das uniões, nascimentos e mortes (FARGE, 2009, p.553), necessitando, assim, sua “presença atenta” à cerimônia. Esses registros (incluindo aí os batismos e as encomendações funerárias) passaram a ser cada vez mais importantes, tendo em vista que a partir do século XVIII os estados começam a pensar nas estatísticas sobre a vida das pessoas. Assim, o casamento é inscrito no seio daquilo que vai se configurar como família. Ele é importante para delimitar quando se inicia uma família e seus registros passam a ser base para calcular o crescimento populacional. Essas ações estão dentro de uma lógica em que a família é a principal responsável por levar a cabo os investimentos criados pelos Estados para controlar a vida da população.

Enquanto sacramento (reconhecido apenas pela religião católica) é o único em que os noivos se “ministram mutuamente”, sem a intervenção de um sacerdote (CHARTIER, 2009, p.91), o que só muda ao longo do tempo dentro da liturgia eclesial. A revolução francesa foi um momento de cisão importante entre as jurisdições entre a igreja católica e o poder civil sobre a realização do casamento. Ao mesmo tempo, o protestantismo já havia aberto mão de legislar sobre o casamento e entendia que era dever dos estados celebrar as uniões, fazendo como sua parte apenas a bênção aos olhos de Deus. De algum modo se diz que o Concílio de Trento “inventou” o casamento civil

ao transformar o casamento num contrato – um contrato indissolúvel, que seria a manifestação da graça de Deus segundo os olhos da igreja católica (CARRERAS, 2004).

A cisão provocada pela Revolução Francesa entre a igreja católica e o Estado consolidou a ideia do casamento civil. Essa cisão é possível também, pelas aberturas que a Reforma possibilitou no modo como a religião passava a ser encarada neste período. Henrique VIII⁴, por exemplo, rompeu com o catolicismo em 1534 justamente por conflitos em relação aos preceitos sobre o casamento.

Durante o século XIX, algumas partes da burguesia francesa casavam apenas no civil e, aquelas que casavam na igreja e no civil, muitas vezes faziam a comemoração do casamento no dia do ato civil e não do religioso (MARTIN-FUGIER, 2009, p.224). Nesse período, normalmente se utilizava dois meses para preparar um casamento. Anne Martin-Fugier (2009) indica ainda que “o casamento é, sem dúvida, o rito privado mais público”, seja pelos proclamas civis e religiosos, seja pela magnitude que algumas bodas alcançam, sendo “espetáculos tão concorridos que os convites iam acompanhados por bilhetes de entrada para a igreja” (2009, p.225). A moda da viagem de núpcias também inicia durante o século XIX na França⁵, tendo em vista que a iniciação sexual do casal era entendida como muito constrangedora para ser vivida no círculo familiar (CORBIN, 2009, p.505). Ainda neste século, em que o individualismo vai tomando corpo, as escolhas do cônjuge se tornam cada vez mais de ordem pessoal e não familiar, estabelecendo os laços entre o amor romântico e o casamento (PERROT, 2009).

Pode-se dizer que na Europa, ao final do século XIX, as moças desejam um casamento por amor, contudo esse amor normalmente ocorre entre pessoas de mesma classe social, e sua iniciação sexual deveria ser feita no leito conjugal. Já os rapazes procuram uma boa moça de mesma condição social que a sua, mas, como atenta Alan Corbin (2009, p.496), satisfazem sua “demanda pré-conjugal” nos bordéis que, nesse momento, estão em seu apogeu.

O final do século XIX e início do século XX produzem algumas mudanças nas formas como o casamento é entendido. Isso modifica os modos de celebrar a união. Nesse período, a chamada primeira onda do feminismo aparece reivindicando educação

⁴ Henrique VIII foi rei da Inglaterra durante o período de 1509 e 1547. Sua busca por um herdeiro homem ao trono o levou a seis casamentos e ao rompimento com a Igreja Católica para conseguir realizá-los.

⁵ O costume da viagem de núpcias já existia na Inglaterra, porém a bibliografia consultada não tem informação de como surgiu ou mesmo em que período.

e cidadania às mulheres, o que só se concretiza parcialmente, no Brasil, com o direito ao voto em 1932. O casamento era visto nesse momento como o momento mais importante da vida de homens e mulheres, tendo em vista que este ainda é um contrato indissolúvel (salvo casos previstos para desquite, o que implicava uma desonra, especialmente para as mulheres). Porém é algo do cotidiano, pelo qual todos/as passarão ou deveriam passar (MAIA, 2011).

Já no século XX, as duas grandes guerras auxiliaram nessa produção do casamento como algo comum, tendo em vista que não era considerado correto desperdiçar tanto dinheiro em meio ao clima trágico do momento. As uniões aumentaram após os períodos de guerra (MAIA, 2011; YALOM, 2002). Casar era sinônimo do amadurecimento afetivo e significava emancipar-se dos pais (PROST, 2009). Ao mesmo tempo, com o auxílio da popularização de conceitos freudianos, o amor se coloca como o “próprio fundamento” de uma relação marital; “já não basta a instituição matrimonial para legitimar a sexualidade: é preciso amor” (IDEM, p.76s).

Ao longo do século XX, a juventude europeia vai colocando em xeque a necessidade de contratar o casamento. A coabitação juvenil se torna crescente na Europa, inclusive como forma de manifestar-se em relação à sociedade. Casar se coloca como um hábito, rotina, perda de liberdade e, especialmente, aburguesar-se (IBIDEM, p.79). Contudo, como coloca Gérard Vincent, “a coabitação juvenil [...] é apenas uma aparente transgressão dos tabus sociais, visto salvaguardar os valores fundamentais do casal: respeito, confiança e afeição” (VINCENT, 2009, p.257).

No Brasil, segundo Claudia Maia (2011), parece que o celibato se colocou como uma forma mais comum do que a coabitação, principalmente pelas mulheres que desejavam ter uma carreira. A autora indica que as uniões ilegítimas ocorriam mais pela falta de acesso ao registro civil e religioso nas camadas pobres do que por “um estado de consciência”, por uma vontade de não oficializar a união. O Código Civil de 1916 elencava as mulheres casadas no rol dos incapazes. Isso implica depender do marido para transações financeiras, jurídicas e de autorização para estudar e trabalhar. Contudo, as mulheres solteiras eram consideradas indivíduos plenamente capazes e, por isso, tinham autonomia para trabalhar e responder por si mesmas financeira e juridicamente.

Até o início da República, não havia casamento civil no Brasil; ele era regulado pelas autoridades religiosas, primeiro apenas a católica e depois, com a imigração de povos não católicos que se inicia a partir da metade do século XIX, das demais religiões

toleradas pelo império (OBEID, 2013). Porém, a Lei de 24 de janeiro de 1890 limitou-se a dizer que o casamento no Brasil era civil, sem grandes regulações. É a partir do Código Civil de 1916 que o casamento passa a ser o modo legítimo de formar uma família, sendo necessariamente um ato civil.

Nesse código, o legislador reproduziu as diferenças hierárquicas entre homens e mulheres na formação da sociedade conjugal, colocando as mulheres casadas no rol de relativos incapazes, junto aos menores de idade. Nessa situação, as mulheres, tal como destaquei anteriormente, eram dependentes dos maridos para quase tudo. O código diz claramente que o chefe de família é o marido e que a ele cabe o sustento, a administração dos bens e fixação do domicílio. Mesmo em caso de morte do marido, a mulher só é colocada como inventariante caso ainda vivesse com o cônjuge, questão que não se coloca ao marido.

A situação das mulheres casadas só se altera legalmente em 1962, com o popularmente chamado *Estatuto da mulher casada*. Nele, embora os maridos continuem como chefes da família, é acrescentado que isso deve ser feito com a colaboração da esposa e no interesse da família. Desse modo, é facultado também recorrer à justiça em caso de discordância nas decisões do esposo.

O desquite está presente em nossa legislação desde a constituição de 1934, que outorga, também, o voto feminino. O divórcio só figura em lei em 1977. Nessa lei é regulamentado o tempo necessário de separação de corpos (cinco anos) ou de separação judicial (três anos) para requerer o divórcio. A partir da constituição de 1988, a sociedade conjugal passa a ser igualitária, podendo qualquer um dos cônjuges exercer a figura do/a chefe de família. Também se amplia a proteção estatal a esta, entendendo-a mais múltipla do que apenas formada, outrora legitimamente, pelo casamento (art. 226). Já em 2002, foi promulgado o novo código civil que entrou em vigor em janeiro de 2003. Segundo vários autores, entre eles Alves (2001) e Policarpo (2006), o Código Civil de 1916 estava baseado no princípio da propriedade. O Direito de Família deste primeiro código enfatizava prioritariamente o patrimônio e a sucessão, colocando a legitimidade da família como essencial para a sucessão de herança. Desse modo, a legislação só fazia sentido para a garantia da propriedade, ou seja, fazia sentido para alguns segmentos da população. Os filhos havidos fora do casamento, por exemplo – sem o casamento de seus pais –, eram considerados ilegítimos e não poderiam ser

reconhecidos por nenhuma das partes, produzindo assim um grande contingente de bastardos no país no início do século XX.

Assim, para Simone Ribeiro, “diante do tratamento constitucional [e do novo código civil], seus participantes [da sociedade conjugal] devem-se mutuamente: respeito e fidelidade, assistência moral e material, competindo a ambos a guarda e o sustento dos filhos comuns” (RIBEIRO, 2002, p.17). Segundo esta autora, isso seria uma inovação em nosso direito, já que até então se baseava no direito à propriedade e na sucessão de patrimônio. Douglas Policarpo (2006) vai mais além ao dizer que

neste sentido, quando finalmente rompemos com as definições biológicas e formas de família, concebendo a mesma como uma comunidade de afeto, a abstração dos termos nos leva a buscar elementos identificáveis nas práticas e na simbologia dos grupos sociais, que nos permitem reconhecer relacionamentos que possam ser nomeados de "família sócio-afetiva". (POLICARPO, 2006, p. 7).

Essa noção da família como comunidade de afeto parece ser o grande diferencial do atual código. Nele, a figura do chefe de família não aparece, os deveres e direitos são mútuos e o regime de comunhão de bens ‘normal’ passa a ser a parcial e não o universal como era anteriormente. Assim, trata-se de formalizar algumas coisas que já vinham acontecendo há algum tempo no país.

1.3 Casamento contemporâneo como sintoma da cultura

Tendo em vista os significados que o casamento assumiu ao longo do tempo em nossa cultura, é possível dizer que ele é o fechamento de uma história (de filhos/as, de subordinados/as ao poder familiar, de dependência financeira e emocional). Contudo, a união matrimonial também é o início de outras e/ou novas histórias (de entrada na vida adulta, de passar a ter alguma autonomia, mesmo que por vezes diferenciada entre homens e mulheres e de constituição da própria família). Nessa direção, o casamento traz junto a si a marca de ser o início de um ‘felizes para sempre’. Antes dele é necessário, para as mulheres e para os homens em instâncias e medidas diferenciadas, passar por atribulações e provas, amadurecer e preparar-se para o que é considerado o ‘melhor da vida’. Assim, o casamento é entendido como um dos ritos de passagem mais

importantes na vida dos sujeitos e pode ser considerado como uma celebração dessa nova vida.

Gerações de homens e de mulheres nasceram e cresceram sob a égide de uma concepção de vida dividida em duas partes: a vida de solteira/o e a vida de casada/o. E, ao menos dentro da socialização feminina, a segunda era entendida como melhor e mais plena que a primeira, na qual seria possível “viver a vida de mulher” (MAIA, 2011). Contudo, a noção do casamento como um destino inevitável para as mulheres foi perdendo força ao longo do século XX, conforme destaquei na seção anterior.

Por ser um rito culturalmente tão importante na vida das pessoas e da própria sociedade, o casamento é tema de estudos em muitas áreas do conhecimento. Da demografia a certas áreas da saúde, passando, é claro, pela psicologia, pelo direito, antropologia e história, o casamento (seus ritos, suas tradições, seus efeitos jurídicos, demográficos e nas condições de saúde) faz parte de um amplo espectro de possibilidades a serem analisadas.

A antropologia, por bastante tempo, se ocupou em mapear os rituais e significados presentes na união de duas pessoas, especialmente em diferentes culturas e nas sociedades, consideradas em determinados momentos, primitivas. Malinowski (1983), por exemplo, interessava-se sobre como eram os rituais românticos e sexuais dos trobriandeses⁶, na região do Pacífico Ocidental. Contudo, desde meados do século XX, a antropologia tem se voltado ao estudo das culturas em que o próprio pesquisador está inserido. Tais pesquisas buscam contrapor-se, de algum modo, à antropologia do início do século passado tentando mapear o que é considerado romântico e sexual dentro de determinado espaço-tempo. Assim, há alguns estudos sobre conjugalidade e elementos que compõem o universo do casamento (TEIXEIRA, 2004; MARINS, 2013), mas nesse contexto parece haver poucos estudos preocupados em descrever os atuais contornos do ritual de casamento.

Já a demografia parece ter se envolvido com o estudo do casamento para analisar índices de nupcialidade, de fertilidade e de mapeamento de crescimento da população. Allan Macfarlane (1986) fez um importante resgate desses estudos ao longo dos últimos três séculos. Na Sociologia, o investimento está na família enquanto núcleo que fundamenta a sociedade, sendo o casamento considerado um importante marco da

⁶ Em seu estudo, Malinowski foi para as Ilhas Trobriand para entender diversos aspectos da vida de seus habitantes, os trobriandeses.

vida familiar (LALANDA, 2002, STROPASOLAS, 2004). Assim, a maior parte dos trabalhos sociológicos que trata da questão do casamento o relaciona enquanto início da vida familiar.

Já os estudos realizados na área da História são diversos. É nessa área que está boa parte da bibliografia que trata das bodas. Tais pesquisas têm tratado do casamento na medida em que tem se voltado a fazer uma história da intimidade e da privacidade⁷ (DEL PRIORI, 2006, TRIGO, 1989, MAIA, 2011). A relação feita nestes estudos procura entender como público e privado vão se modificando mutuamente, produzindo condições de possibilidades para o surgimento de novas tradições e costumes na cultura como um todo. Nessa direção, Christopher Lasch (1999) acredita que o modo como a conjugalidade estava colocada em fins do século XIX e início do século XX fez com que o trabalho voluntário das mulheres casadas impactasse e modificasse fortemente o cotidiano da sociedade e sua organização.

Algumas áreas da Psicologia, como aquelas que pesquisam o ciclo de vida familiar, têm focado seus estudos na escolha do parceiro e no período de formação do novo casal (SILVA; MENEZES; LOPES, 2010). A relevância desses estudos dentro da psicologia é colocada pelo casamento, assim como algumas vertentes da Sociologia, ser entendido como marco do início da família. Há outras áreas que buscam entender os mecanismos de satisfação conjugal utilizando diferentes variáveis para medir fatores que levam à satisfação (MÔNEGO; TEODORO, 2011).

Há, ainda, outras áreas que se preocupam, ou se preocuparam em determinado período, com questões direta ou indiretamente ligadas ao casamento. A Medicina, a Religião e o Direito são exemplos disso. No início do século passado, os exames pré-nupciais foram disseminados entre a população como forma de garantir uma prole saudável. Ao mesmo tempo em que esses exames verificavam a saúde reprodutiva dos nubentes, diminuía as chances de que o casamento fosse anulado por conta de desconhecimento de esterilidade e presença de determinadas doenças venéreas (SCLIAR, 1997). Claramente eugenista, tal medida era incentivada pelo estado, que precisava de “braços fortes” para erguer a nação. Moacyr Scliar (1997) aponta ainda que, em 1890, a Lei do Casamento indicava que poderia ser exigida, pelos pais de um dos nubentes, a realização dos exames pré-nupciais antes de consentir no casamento

⁷ Dois bons exemplos destes estudos são a coleção História da Vida Privada, organizada por Philippe Àries e Georges Duby, e a coleção História da Vida Privada no Brasil, organizada por Mary Del Priore.

(SCLIAR, 1997, p.529). O entrelaçamento entre Direito e Medicina se evidencia neste caso: as leis passam a colocar um rito médico junto a um rito jurídico como o casamento. Da mesma forma, os exames aumentavam a expectativa de pureza virginal feminina, tão importante ao rito religioso.

No Brasil, como indiquei na seção anterior, o casamento passa a ser um problema civil a ser tratado pelo Direito apenas com o advento da República, no final do século XIX. Contudo, ainda foram necessários quase trinta anos para que fosse acordado um Código Civil que possuísse um Livro de Direito de Família.

Atualmente, o Direito de Família constitui o Livro IV da Parte Especial do Código Civil, junto ao Direito das Obrigações, de Empresa, das Coisas e das Sucessões e foi sancionado pelo presidente da República, em 10 de janeiro de 2002, sob o número 10.406, entrando em vigor em 10 de janeiro de 2003. O Código anterior datava de 1º de janeiro de 1916 e era através dele e por seus valores que a vida em família era regulada. O direito de família, na ótica de diversos comentadores do direito, busca regular as relações que se estabelecem a partir de vínculos afetivos. Assim, pode-se pensar no direito de família como lugar de normatização das relações interpessoais indicando formas adequadas, corretas e saudáveis de constituição e dissolução dos vínculos socioafetivos. Ao todo, no Direito de Família, existem 273 artigos, sendo que 80 tratam do casamento no âmbito dos impedimentos, das causas suspensivas, da celebração, das provas e da dissolução do casamento.

Ao regulamentar o ritual do casamento, dadas condutas, que procuram garantir a livre e espontânea vontade deste ato, passam a ser exigidas para que se possa realizá-lo (deixar as portas do recinto abertas, os nubentes devem falar de forma clara e segura suas intenções, sob pena de ter a cerimônia cancelada). Nessa direção, a legislação transforma as questões ligadas à família e à natalidade, invadindo a intimidade, a privacidade dos sujeitos em questões de ordem pública, de responsabilidade civil perante o Estado, buscando atingir a população como um todo.

Dentro desse contexto de judicialização crescente das relações afetivas – ou seja, os modos pelos quais o ritual privado do casamento foi, ao longo do tempo, sendo colonizado por um conjunto de normatizações, sobretudo no âmbito da lei –, tal como venho demonstrando, há outras questões para as quais quero chamar a atenção neste trabalho, mais especificamente. Trata-se de um movimento que coloca as celebrações de casamento como grandes produções, atravessadas pelos discursos do consumo e do

espetáculo de si. Nessa direção, entendo que o fenômeno⁸ contemporâneo do casamento deve ser analisado desde uma perspectiva cultural. Isso implica assumir o casamento como uma prática múltipla, que adquire diferentes significados dependendo do contexto em que ele acontece. Também implica dizer que ele está baseado em diferentes formações discursivas de diferentes campos de saber, como o direito, a religião, a psicologia, a comunicação social, a antropologia, etc.

É possível ainda dizer, que no âmbito do senso comum, na cultura Ocidental, o casamento é entendido como uma celebração do compromisso entre duas pessoas que aceitam – “justas e acordadas” – viver conjuntamente formando uma família. Trata-se de um contrato dessa união que supera a letra fria da lei, estando ancorado no amor e no afeto.

Acredito que essa atualização do rito do casamento pode ser analisada como um sintoma da cultura. Sintoma aqui não faz referência a alguma doença nem mesmo coloca isso como um mal, mas refere-se, por outro lado, a uma positividade dos processos discursivos que emergem em dado período, sendo produtiva a sua análise. Nessa direção, foi buscando pensar o casamento dentro da cultura atual, seus contornos e configurações e porque ele ainda seduz inúmeros casais que esta tese foi escrita.

Pode-se dizer que, durante os últimos vinte anos, e mais intensamente na primeira década dos anos 2000, houve uma atualização, de apelo popular, da celebração do ritual do casamento. O cinema⁹, a literatura¹⁰ e as redes sociais têm colocado o tema em evidência. Surgiram (e continuam surgindo) guias de etiqueta, comunidades nas redes sociais, blogs, sites, revistas¹¹, etc. Essa proliferação de materiais não vem

⁸ Utilizo fenômeno em seu uso dicionarizado, sem compromisso com a área da Fenomenologia.

⁹ Nos últimos anos muitos filmes com a temática do casamento foram lançados. Para ficar apenas nas comédias de grande circulação cito: Noivas em Guerra, Vestida para Casar, Missão Madrinha de Casamento, Licença para Casar, Penetras Bons de Bico, American Pie 3, O Melhor Amigo da Noiva, entre outros.

¹⁰ Livros recentes com a temática do casamento direta: As listas de casamento de Becky Bloom, Casamento Duplo, Casamento de Conveniência, Casamento à Italiana, A Convidada do Casamento, para ficar na literatura estrangeira.

¹¹ Uma busca rápida no site da Livraria Cultura indicou 19 publicações de etiqueta com a temática casamento. Todas as revistas de noivas possuem perfil no Facebook e Twitter, bem como existem comunidades criadas por grupos de noivas como forma de ser um guia no planejamento do casamento. Os blogs mais conhecidos sobre casamento são: acasamenteira.blogspot.com; planejandomeucasamento.com.br e, especialmente no RS: clibrbs.com.br/noiva. A revista mais tradicional no Brasil é a *Manequim Noivas* que, inicialmente, tinha edições anuais, mas que nos últimos 5 anos têm espaçado cada vez menos os números. Outras revistas são: *Vogue Noivas*, *Go Where Noivas*, *Figurino Noivas*, *Bella Noiva*, *Noivas e Noivos* e o *Anuário Caras de Noivas*. Em setembro de 2011 foi lançado o primeiro número do *Guia Noivas Claudia*.

sozinha, ela alimenta e é alimentada por cerca de 900 mil casamentos entre solteiros¹² realizados por ano no Brasil, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e movimenta o montante de 10 bilhões de reais ao ano numa indústria que cresceu cerca 400% entre 2005 e 2010¹³. O casamento homossexual também fomenta esse mercado de casamentos, tornando-se parte importante do montante movimentado nos últimos anos. Entretanto, o que se torna relevante questionar aqui é: como o casamento, símbolo das relações heterossexuais, se torna alvo de desejo de grupos homossexuais? Por que o casamento heterossexual se torna um modelo de casamento, “o” casamento? Não estou ignorando, aqui, os direitos e a proteção jurídica que um casamento civil traz; a questão é como a discursividade do casamento se coloca como fundamental em uma relação amorosa entre duas (ou mais) pessoas.

Atualmente, no Brasil, temos uma taxa de nupcialidade bastante menor que a dos anos 1970 – que chegou a 13 casamentos a cada mil habitantes acima de 15 anos de idade. Contudo, após um declínio nas décadas de 1990 e início de 2000, hoje estamos com uma taxa de 6,9 casamentos a cada mil habitantes acima de 15 anos de idade (IBGE, 2013). Além disso, é necessário atentar para a expectativa de vida que aumentou significativamente, somando assim uma grande parcela da população que há pouco tempo atrás nem mesmo existia. É importante lembrar, também, que essa parte da população contabilizada não se sente, culturalmente, apta a casar. No outro extremo da amostra, devemos levar em conta que hoje em dia é cada vez mais incomum casamentos entre pessoas tão jovens (em 2012, houve apenas 40 casamentos no país em que ao menos um dos cônjuges tinha 15 anos, embora seja legalmente possível, o número é insignificante dentro da amostra populacional). É preciso lembrar ainda que o IBGE também mapeia, nessa Série Histórica, apenas os registros civis, ou seja, casamentos civis ou religiosos com efeito civil. Na tabela 1 é possível ver o declínio existente no início deste século e a retomada, ainda que tímida, do crescimento.

¹² Se levarmos em conta o número de re-uniões realizadas a conta passa de 1 milhão de casamentos (estatísticas de 2011, disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/pdf/tab_4_4.pdf>, acesso em 12 de outubro de 2013, às 18h e 25min.

¹³ Disponível em <http://www.brasileconomico.com.br/noticias/casamentos-movimentam-r-10-bilhoes-por-ano-no-brasil_83231.html>. Acesso em 19 de novembro de 2010, às 11h e 10min.

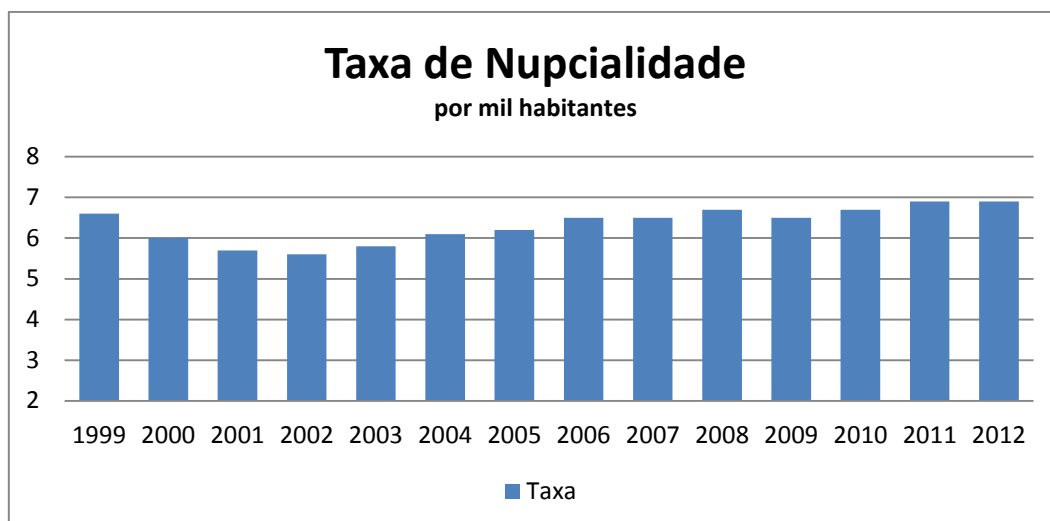


Tabela 1 - fonte: IBGE

Além disso, nos últimos anos vem crescendo o número de recasamentos, algo que começa a se concretizar no Brasil com a instituição do divórcio na década de 1970. A tabela 2 indica essa proporção de casamentos entre solteiros e recasamentos.

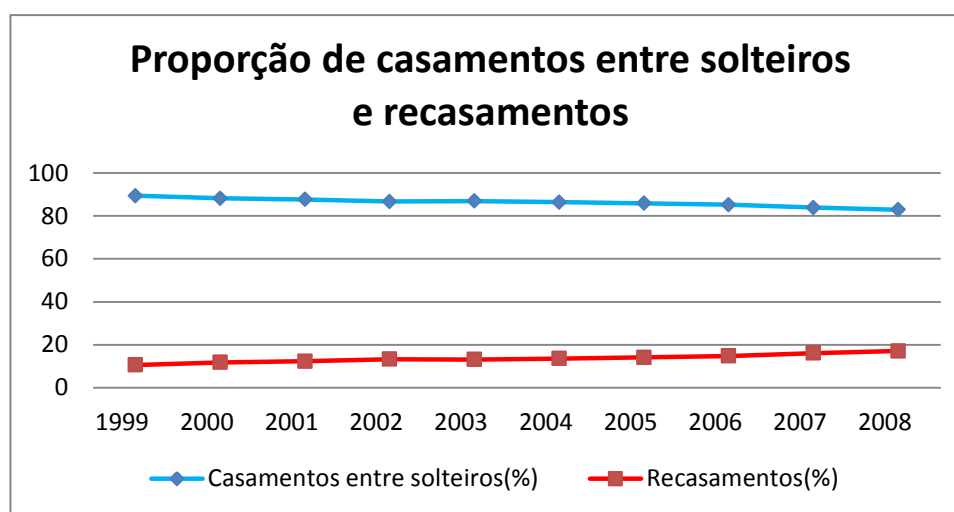


Tabela 2 - fonte: IBGE

Por fim, a tabela 3 mostra em números absolutos o registro de casamentos desde que esta série histórica iniciou, em 1974. Esse aumento no valor tem ligação com crescimento da população durante o período. Contudo, como mostra a tabela 1, nos últimos dez anos há um pequeno aumento nos registros de casamento.

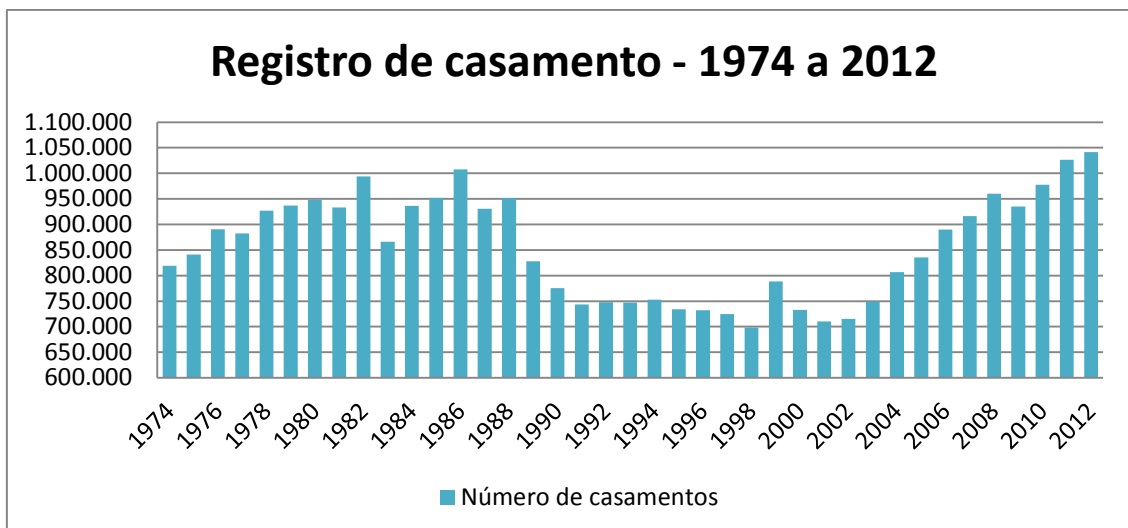


Tabela 3 - fonte: IBGE

Não faltam economistas e analistas sociais que indiquem que esse aumento de registros civis das uniões no Brasil vem sendo estimulado pelo crescimento e pela estabilidade econômica conseguida nos últimos tempos¹⁴. Segundo estes especialistas, o casamento é uma expressão da segurança que os brasileiros têm adquirido na economia. É pela diminuição nas taxas de desemprego, pelas facilidades de crédito, especialmente na compra da casa própria, que as pessoas se sentem seguras para iniciar o “novo ciclo da vida” com a criação de uma nova família. Contudo, há que se lembrar de que as segundas (ou terceiras, quartas...) uniões são cada vez mais comuns e representam uma fatia cada vez maior desse contingente.

Tal segurança econômica e o aumento das uniões creditado a ela lançaram luz para esta fatia do mercado e não faltam empresas e prestadores de serviços para atender às/aos exigentes noivas e noivos da contemporaneidade. Ao me aproximar do que era produzido sobre casamento pude notar uma profusão de materiais disponíveis sobre o casamento, buscando facilitar as escolhas de consumo de noivas ansiosas e ávidas por

¹⁴Não é objetivo deste trabalho discutir, efetivamente, o que provoca o aumento dos casamentos. A associação entre o aumento no número de uniões e o fortalecimento da economia é reiterada em matérias de jornais como, por exemplo, a divulgada no *Bom Dia Brasil*, de 01 de setembro de 2011, disponível no portal de notícias G1 <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/09/brasileiros-divorciados-tentam-um-segundo-casamento-aponta-ibge.html>>, acessado em 16 de outubro de 2011. Embora haja estudos do campo da economia que façam a associação entre as condições do mercado e a taxa de casamentos (vide Gary BECKER, 1973 e 1974, SACHSIDA ET AL, 2003, CAMARANO; MELLO; KANSO, 2006), aqui, entendo que a economia também está inserida na cultura e, portanto, é a partir dela que tomarei os casamentos. O IBGE, no relatório Estatísticas do Registro Civil 2012 (IBGE, 2013) aponta também a melhoria no acesso a justiça, possibilitando que as pessoas formalizem as suas uniões.

fazer de seu casamento o mais bonito e especial de todos. Eles são colocados como apoio das noivas em suas escolhas para o que é considerado o grande dia de sua vida. As estratégias de marketing na venda de produtos e serviços encantam e seduzem.

Anne Kingston (2005, p.47), socióloga estadunidense que fez um trabalho sobre a condição social de esposa, indica que

o surgimento da noiva como o mais poderoso ícone de consumo do século XXI – um ícone que pode ser responsável por evocar uma reação pavloviana de desejo feminino – pode dar a impressão de destoar na confusão sobre o significado da esposa. Não destoa. A mania de casamento é uma reação direta ao abismo da esposa, uma forma de o capitalismo preencher o vazio. Se a esposa moderna é um enigma, a noiva moderna é uma descerebrada. Ela é puro conto de fadas, transmitindo esperança, pureza e desejo primitivo. No mercado, seu *status* efêmero só estimula seu apelo: com uma vida útil de menos de um dia, ela está sempre fresca. Tornar-se uma noiva de um dia em vez de uma esposa de uma vida inteira, é apresentado pelos profissionais de marketing como a fantasia feminina definitiva, outra ficção em tamanho único.

Nesse estudo, a autora trata da formação da esposa contemporânea e argumenta que o lugar de esposa encontra-se num abismo, uma vez que as relações conjugais se modificaram tanto que o que se espera de uma esposa não corresponde mais às condições das mulheres do século XXI – e no maior das vezes nem é de seu desejo. Desse modo, o desejo feminino passa a ser construído no ser noiva e não no ser esposa. Aliás, a percepção de casamento contemporâneo inclui não só uma conjugalidade mais simétrica, mas também total satisfação de desejos. Assim, a autora coloca a noiva como um forte ícone de consumo e até como uma razão para aderir ao matrimônio. Segundo ela, o lugar da esposa é importante economicamente a tal ponto que é necessário realizar investimentos para que casar seja atraente, nem que seja pela festa. A reboque, as atuais produções de casamento promovem um complexo industrial que se criou recentemente e que movimenta uma quantia considerável na economia¹⁵.

Kingston (2005) também nos lembra de que as imagens das noivas são exibidas “em sereno isolamento, indicando que o quadro ideal do casamento é uma fantasia feminina solo” (KINGSTON, 2005, p.48). Nessa direção, faz sentido pensar na

¹⁵ Deixo claro que o sintoma do casamento parece mais evidente nos Estados Unidos e no Brasil. Em nossa vizinha Argentina, por exemplo, a festa que movimenta grandemente as famílias é o batismo das crianças.

importância que o sujeito adquire nessa produção. Segundo Paula Sibilia (2008), trabalhando com a espetacularização e publicização do privado nas mídias sociais, há, atualmente uma hipertrofia do eu, uma “megalomania consentida e até mesmo estimulada” pelas mídias e possibilitada especialmente pela internet (2008, p. 9). Ela aponta que “qualquer um de nós” pode ter espaço para falar e ser ouvido pelas mídias eletrônicas. Desse modo, as fronteiras entre o público e o privado parecem não mais existir e o cotidiano de “qualquer um de nós” pode ser relevante a ponto de ser publicizado. Qualquer coisa que “qualquer um de nós” fizer pode virar notícia em blogs, sites e perfis nas redes sociais tais como *Orkut*, *Twitter* e *Facebook*. Se qualquer ação da vida cotidiana pode ser relevante, o que se diz daquele que é colocado como o dia mais importante da vida de um casal? Nessa direção, esta proliferação do “dizer de si” abrange as questões ligadas ao casamento de um modo bastante acentuado. Há empresas especializadas em desenvolver sites para os noivos. Nesses espaços, os noivos falam sobre a produção e organização do casamento passo a passo, bem como há links para localizar o local da cerimônia e da festa, além do convite eletrônico, por exemplo. Algumas lojas também fornecem esse espaço junto à lista de presentes, facilitando a vida das/os convidadas/os. Nesses espaços em que a produção de casamento é colocada em evidência, os convidados podem dar palpites sobre a decoração, o local e a banda que irá tocar no casamento. Algumas noivas também fazem enquetes sobre o buffet e os doces que serão servidos durante a festa. Mesmo os casais mais “conservadores”, que tomam as decisões “sozinhos”, costumam ter um site através do qual os convidados podem confirmar a presença, ver a lista de presentes, deixar mensagens aos noivos além de ter acesso a história do casal, de como foi feito o pedido de casamento e galerias de fotos. De algum modo, há uma antecipação da celebração do casamento que se inicia com o envio, muitas vezes on-line, de um *save the date*. Uma solicitação de reserva da data para poder ir ao casamento. Assim, a produção de um sujeito-noiva tem buscado extravasar a vivência da noiva para além do dia da celebração do casamento.

Essa publicização do casamento pode ser entendida dentro de um contexto de espetacularização do eu, questão que foi abordada inicialmente por Guy Debord (1997). O autor argumenta que vivemos numa sociedade em que tudo é vivido dentro de um espetáculo. Para Debord, a comunicação de massa possibilitou que vivêssemos cercados e mediados por imagens, colocando-nos como espectadores do que nos é mostrado. Contudo, as formulações de Debord foram realizadas antes da última revolução

tecnológica que ocorreu com a internet, que, como argumenta Paula Sibilia (2008) nos colocou ao mesmo tempo como autores/atores e espectadores desse espetáculo. Sibilia, então, coloca-se no movimento de identificar os contornos contemporâneos dessa espetacularização. Assim, a autora coloca que, especialmente com o crescimento das redes sociais, o foco do espetáculo atual passou a ser a vida cotidiana de cada um de nós, colocando “eu, você e todos nós” no centro desse espetáculo.

Debord (1997, p.17) indica, em uma de suas teses, que o espetáculo é a maior produção da sociedade atual. Nessa direção, podemos entender que os sujeitos são colocados atualmente como principais produtores desse espetáculo e que o que se “encena” e apresenta é a própria vida cotidiana. Acredito que é a partir dessa lógica que as produções de casamento contemporâneas têm sido visibilizadas: como parte de uma celebração social que historicamente se torna importante e, nos últimos anos, como um espetáculo do eu que deve ser compartilhado. Em certa medida, então, a produção de casamento, antes restrita a alguns familiares e aos noivos, se torna um evento público no sentido de que completos estranhos podem ter acesso ao que acontecerá na festa e às escolhas dos noivos (além da determinação jurídica de que na cerimônia nenhuma pessoa pode ser barrada). Ele se torna um espetáculo, mesmo para aqueles que não irão à festa e nem mesmo conhecem os noivos. Espetáculo este que não acaba na própria festa, mas, como é usual em algumas revistas de celebridades, é reapresentado a partir de inúmeras fotografias, inclusive nas próprias capas das revistas, estando “aberto”, portanto, a um público de milhares ou milhões de pessoas.

É interessante pensar que, a partir das regras de etiqueta publicadas no *Jornal das Moças*¹⁶, de 1950, era de bom tom que o casamento fosse realizado ou na casa da noiva ou na do noivo e que a família se ocupasse de organizar a festa. Isso, contudo, não parece mais ser possível. A quantidade de itens que compõem a produção de casamento é tão grande que uma família não daria conta de fazer tudo. Aliás, a grande maioria dos materiais de apoio às noivas indicam fornecedores para todos os itens “necessários” a uma festa de casamento. Mesmo com a recente onda do *homemade*, a participação da família e dos próprios noivos se resume a alguns poucos itens: algumas lembrancinhas, uma arte do casal feita de forma mais ‘caseira’ e por aí vai, mas em pequenos detalhes.

¹⁶ O *Jornal das Moças* era uma publicação semanal do Rio de Janeiro e buscava entreter as jovens de família com folhetins e moldes de roupas. A edição de 19 de outubro de 1950 foi um número dedicado às noivas. Nesse número, além de um editorial de etiqueta sobre a celebração do casamento, havia informações sobre o enxoval e dois moldes de vestido de noiva.

O casamento, então, se torna um momento em que os discursos operam para produzir sujeitos dispostos a consumir, e consumir em grande escala. Segundo Colin Campbell (2001), o consumidor é produzido a partir de alguns fatores que foram se desenvolvendo e se articulando ao longo do século XIX: o hedonismo, a moda e uma ética romântica. Para ele, a satisfação do indivíduo está ligada às necessidades básicas da vida como alimentação e abrigo. Já o prazer está naquilo que não é essencial. Assim, o autor entende que o hedonismo foi deslocando seu objetivo da satisfação do indivíduo para o prazer (por exemplo ao começar a valorizar o sabor da comida ao invés de apenas a saciedade). Isso abre portas para a criação de novas necessidades que não têm ligação com a utilidade, com a necessidade, mas sim com o prazer. Da mesma forma, a moda vai se constituindo enquanto um campo específico, personalizando as produções em série que a revolução industrial havia possibilitado, de modo que passa a não bastar mais vestir-se, mas sim vestir determinadas peças. A moda não se coloca apenas na forma de vestir, mas também nos hábitos, costumes e formas de distinção social. Sobre a ética romântica, Campbell (2001) afirma que, a partir do momento em que a sensibilidade e a imaginação passam a ser valorizadas, outra visão de mundo é possível. Assim, o sonho, a ilusão e a imaginação se tornam fonte de prazer e o consumo se coloca como uma tentativa de transformar os sonhos em realidade.

Parece-me que o folhear as revistas aumenta o tempo em que se vive a produção do casamento, o *wedding*, e permite que se experimente diferentes versões para a celebração. Segundo Campbell é nesse adiamento do consumo que está o prazer. Ao mesmo tempo, como a celebração do casamento é pensada para ser uma só (tendo em vista que os discursos sobre o casamento e sobre o amor dizem que ele acontece apenas uma vez), o adiamento é feito por muitos anos e há só uma oportunidade de realizá-lo sem possibilidades de frustrações. Desse modo, o sonho, o desejo e a imaginação potencializam a função de consumo desse ritual. Como coloca Kingston (2005), a noiva é puro sonho e fantasia, ela parece encarnar a ética romântica de Campbell (2001) e o mercado de produtos e serviços para festas se vale dessa atmosfera para produzir desejos cada vez mais fantásticos e megalomaniacos, para utilizar a expressão de Sibilia (2008).

O mídia kit (Anexo 1), material distribuído pela revista *Inesquecível Casamento* para os seus patrocinadores, indica que são gastos mais de R\$100 mil, em média, por

casamento no Brasil¹⁷. Eva Illouz (2011), trabalhando com a questão do amor e do consumo, indica que, mesmo com o tom de frieza e a lógica racional do capitalismo, a alusão às afetividades e aos sentimentos invadiu o mercado, ao mesmo tempo em que as relações afetivas também estão marcadas pelo racionalismo e utilitarismo das relações econômicas atuais. Illouz (2009) afirma ainda que o amor romântico baseia-se em utopias que são simbolizadas por ritos cíclicos de consumo.

Sérgio Costa (2005) problematiza isso quando questiona se o as relações amorosas podem se eximir do mercado mesmo quando os espaços em que elas são vivenciadas estão imersas na lógica do consumo e do mercado. Para o autor, a vivência das relações amorosas está colocada dentro de uma esfera de consumo, tendo em vista que estar juntos significa consumir algo. Assim, utilizando também o pensamento de Illouz, ele coloca que “o consumo massivo de rituais amorosos constitui o núcleo do amor romântico contemporâneo” (COSTA, 2005, p. 113). Nessa direção, entendo o casamento como um ritual romântico de consumo espetacularizado, cujos sentidos e contornos são pertinentes de serem investigados, uma vez que atuam como pedagogias culturais.

Após os movimentos feministas ocorridos especialmente durante a segunda metade do século passado, o casamento foi sendo visibilizado como uma das fontes de dominação masculina¹⁸, diminuindo seu caráter de destino feminino e perdendo em importância social. Os movimentos sociais, através de suas lutas e pressões, alavancaram a regulamentação do divórcio, a lei do concubinato e a criação da união estável no Brasil. Tais regulamentações foram mecanismos legislativos para atender melhor a população dentro das relações conjugais e deixá-la amparada legalmente. Ao

¹⁷ Chamo a atenção que se trata de material para anunciantes e que, se fizermos as contas, o valor gasto no total das festas de casamento no Brasil chegaria a mais ou menos 90 bilhões de reais ao ano. É importante pensar que nem todas as uniões geram festas e que há uma intencionalidade do material em mostrar o aquecimento e o potencial de negócio do setor.

¹⁸ Durante o século XX surgiram estudos que buscavam denunciar a situação das mulheres nas sociedades ocidentais. Duas vertentes dessa linha se destacam: as teorias do patriarcado – que explicavam a situação das mulheres na necessidade masculina de dominá-las – e as teorias ligadas ao marxismo – em que a categoria gênero permanecia como um subproduto da categoria classe (SCOTT, 1995). Dando corpo à primeira vertente, Bourdieu publicou o texto clássico *A Dominação Masculina*, em que mostra como, através de violências simbólicas tal dominação ocorre e se incorpora nos sujeitos.

mesmo tempo, são formas de governar e controlar a população de forma a balizar o que é considerado uma relação amorosa legítima, legal e adequada.

Tenho argumentado que há uma atualização do ritual do casamento, especialmente em determinados segmentos da população. Marilyn Yalom, em sua *História da Esposa* (2002), questiona: “por que se importar em casar, quando você não precisa de um marido para fazer sexo, sustentá-la, dividir a casa e até mesmo ter filhos?” (2002, p. 13). Acredito que essa é uma questão instigante: o que nos faz querer o rito do casamento?

Christopher Lasch (1999), ao fazer uma análise dos impactos do feminismo no Ocidente em relação a questões como o amor e o casamento, indica que:

As primeiras controvérsias sobre as mulheres, por outro lado, partiam do princípio de que havia um antagonismo sexual. Mais exatamente, partiam do princípio de que havia uma contradição entre o amor, que se baseava na igualdade sexual, e o casamento, que seria um acordo hierárquico segundo o qual a esposa deveria submeter-se à autoridade do marido. (LASCH, 1999, p.30).

Em outras palavras, casamento e amor não estiveram juntos desde sempre. Houve um investimento para que isso acontecesse. Se pensarmos que, no Brasil, até o ano de 1962, as mulheres casadas necessitavam de autorização do marido para trabalhar e receber herança (MARQUES; MELO, 2008), por exemplo, a igualdade que o amor contém, segundo Lasch, se perde. O não ao casamento, como aponta Claudia Maia (2011), era uma forma de fugir a essa submissão, mas também havia um custo a ser pago. Para Maia (2011), o investimento político para que as mulheres solteiras fossem vistas como estorvos, incompletas, doentes e infelizes foi incrementado no início do século XX e se estendeu com certo fôlego até mais ou menos os anos 1950. Essas mulheres viviam sem um marido, mas não significa que viviam sem um (ou mais) amor(es). Nesse período em que o casamento era visto como algo saudável, importante para a sociedade e para a regulação das condutas femininas (MAIA, 2011), alguns setores da sociedade entendiam que atacar a instituição do casamento era atacar as mulheres (LASCH, 1999, p. 34). O matrimônio, nesse momento em especial, era entendido como responsabilidade e dever feminino. As posições de sujeito de mulher e esposa estavam tão imbricadas que quase se tornavam a mesma coisa. Portanto,

questionar as relações maritais era questionar o feminino e sua habilidade de fazer existir um casamento.

Contudo, Ana Sofia das Neves (2007) indica que os estudos sobre o amor demoraram a entrar na agenda dos/as pesquisadores/as, uma vez que se entendia o amor como algo dado e não relevante para as análises da sociedade. No momento em que a questão do amor passa a entrar na agenda política das pesquisas, cada vez mais estudiosas feministas se apropriaram da temática, especialmente para entender mecanismos de hierarquização entre homens e mulheres. A autora aponta ainda que o estudo das relações baseadas no amor romântico tem mostrado o surgimento de efeitos desiguais nas vidas de homens e mulheres, ensejando, assim, situações diferenciadas de poder não apenas na conjugalidade, mas com repercussões sociais.

Já Sérgio Costa (2005) entende que o amor está cercado de um código de comunicação diferenciado que desloca os amantes de seu entorno, o que, segundo ele, não pode ser deixado de lado nas análises. Costa coloca ainda que o amor não deve ser visto apenas como uma prática social, tendo em vista seu caráter de comunicação e de singularidade nos significados atribuídos às relações amorosas.

Contudo, dentro da perspectiva teórica em que me insiro, o conceito de cultura se aplica à definição de amor do autor, visto que se entende que os significados são negociados por sujeitos de uma mesma cultura e que, grosso modo, os objetos (e mesmo os sujeitos) são produzidos através da linguagem. É claro que o conceito de comunicação não é o mesmo que estou tomando por linguagem aqui (que tomo do referencial foucaultiano) – essa questão será retomada e desenvolvida no capítulo seguinte.

Portanto, aqui, estou fazendo o exercício de pensar o amor como uma prática cultural, ou seja, seu significado não é universal, não há uma existência anterior à linguagem, que ele é vivido cotidianamente pelos sujeitos em meio a relações assimétricas de poder e que impactam diferentemente homens e mulheres. Jurandir Costa (1998), tratando da história do amor romântico, acentua seu caráter de construção quando afirma que

o amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum dos seus

constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza (COSTA, 1998, p. 12).

Nessa direção, o amor faz parte de uma discursividade que nos constitui enquanto sujeitos de determinado tipo. Os discursos sobre o amor, por algum tempo, estavam muito afastados dos que se referiam ao casamento (LASCH, 1999, MACFARLANE, 1986, VEYNE, 2009). Assim, quando, historicamente no Ocidente, se presume que o casamento é fruto de amor entre dois sujeitos (ou mais?) pode-se dizer, também, que ao casamento se aplicam algumas relações descritas sobre o amor. Desse modo, instigo-me a pensar como o casamento impacta a homens e mulheres e de que forma a conjugalidade se coloca dentro de uma relação marital.

Neves (2007) indica que o amor (e aqui se pode pensar no casamento também) seria um destino e uma armadilha para as mulheres. Através do amor, segundo ela, as mulheres são capturadas na direção de viver e aceitar relações desiguais e, por vezes, até violentas. Autoras da mesma vertente de Helen Fisher (2006) dirão que se trata mesmo de um destino. Um destino biológico: algo necessário desde um tempo remoto em que era preciso uma ligação forte entre o par para cuidar da prole. Tal explicação merece ser problematizada. Desde a perspectiva teórica que utilizo, o amor vem sendo entendido como uma prática cultural. Algo que se ensina cotidianamente através de artefatos que circulam em nossa cultura. Desse modo, o amor é algo que se sente, mas, sobretudo que se aprende a sentir (KONDER, 2007). O corpo, nessa direção, é atravessado por aprendizagens amorosas; é o corpo que indica, através de gestos e performances, a quem se devota amor. Entretanto, se as relações amorosas e o casamento não estivessem carregados de produtividade e positividade: por que em torno de 900 mil mulheres e homens diriam “Sim” todo ano no Brasil?

Não pretendo responder a essa pergunta. Contudo, acredito que algumas pistas para pensá-la passam pelo argumento de Anne Kingston (2005) que diz, de forma debochada, que a noiva é uma descerebrada. Tal afirmação indica que os sonhos, fantasias e desejos produzidos discursivamente desde a infância incluem um casamento.

Durante um Workshop sobre casamento promovido pela Revista *Inesquecível Casamento SP* (IC-SP), em novembro de 2010, um dos convidados a falar na mesa redonda sobre beleza e casamento era Paulo Persil, um cabeleireiro considerado o “Mago das Noivas”. Persil dizia: “eu acho que a mulher tem três momentos importantes na vida: a menstruação, a primeira, porque as últimas são horrorosas; o casamento e o

nascimento de um filho. As duas são com dor e a nossa, [a] que a gente trabalha, que é o casamento, é só alegria”. Nessa fala, Persil reitera a ideia de que casamento seria um marco na vida de uma mulher. Parece ficar claro que nesse contexto o casamento seria “O” dia da mulher, o dia em que ela, ainda nas palavras do cabeleireiro, “estará pronta para receber o Oscar”.

Da mesma forma, Solaine Piccoli, estilista bastante conceituada na moda noiva, ao ser entrevistada na Edição 4 da IC-RS, indica que a paixão pelo seu trabalho “está presente em cada um dos vestidos que conduzem as mulheres para uma nova etapa de suas vidas”. Pode-se pensar com isso que o casamento é colocado como uma passagem, um ritual necessário para assumir novas responsabilidades e uma nova vida. A partir dele as mulheres passariam a estar mais perto da plenitude da feminilidade que se completa no nascimento do primeiro filho.

Nessa direção, parece não haver dúvidas de que o casamento é posto como algo da e para a mulher. São as suas motivações, desejos e sonhos que estão em jogo e que deveriam ser satisfeitos. Na mesma edição, uma matéria sobre a moda para daminhas e pajens, inicia com a seguinte frase: “A estrela-mor de qualquer casamento é, sem dúvidas, a noiva” e a matéria alerta, então para a preocupação de que as daminhas e pajens “não comprometam toda a expectativa e atenções que são inerentes à noiva”. Já o traje do noivo não seria tão preocupante. Ao contrário dos vestidos de noiva, que a cada estação são revisados de acordo com as tendências da moda, o traje do noivo dificilmente sofre mudanças. Ele traz sobriedade e, por vezes, o noivo é confundido com convidados e até mesmo com garçons durante a festa.

Durante a celebração do casamento o noivo parece ser um acessório fundamental, mas apenas um acessório. É claro que sem ele não há casamento, mas o importante nesta noite não parece ser ele. A centralidade das mulheres em contextos ligados à família parece levar a uma dispensa masculina, como se sua presença não fosse necessária ou importante. Em outros contextos, muitas pesquisas vêm demonstrando a ausência dos homens dentro do núcleo familiar (KLEIN, 2010; FERNANDES, 2008, MEYER et al, 2007). Essa ausência não se refere necessariamente a uma ausência física, mas à falta de participação masculina nas questões relacionadas aos cuidados e à gestão da família. Essas pesquisas apontam, ainda, que isso ocorre, também, porque as políticas públicas, as escolas, os conhecimentos da área médica e “psi” imputam muito mais fortemente às mulheres estes afazeres de cuidado do que aos

homens. Pode-se pensar que, se o casamento é considerado o início de uma vida familiar – como apontam estudos sobre o ciclo familiar do campo psi – ao tratá-lo como um evento essencialmente da e para as mulheres, o processo de feminização dos cuidados familiares inicia já aí.

Tendo em vista esse lugar de preponderância na produção de casamento, o vestido de noiva é colocado pelos discursos como definidor desse dia, como parte fundamental desse sonho. A relevância do que vestir no dia do casamento foi ganhando espaço dentro dessa cerimônia quando o traje foi investido de diferentes significados. O véu, por exemplo, segundo as tradições, significa tanto honestidade e virgindade quanto proteção contra o mau olhado no caminho até à igreja. A cor do vestido não tinha tanta importância até pouco tempo atrás. A moda parece ‘pegar’ quando a rainha Vitória¹⁹ utiliza o branco para sua união em 1840. Nesse momento, o branco foi associado à pureza, à limpeza de espírito que a noiva deveria ter ao abraçar a nova vida junto ao seu esposo. Harriet Worsley (2010), fazendo uma retrospectiva da moda noiva no século XX, aponta para as contradições envolvidas nesse traje. Diz ela:

As mulheres têm uma relação de amor e ódio com o vestido de noiva – aquela peça de roupa normalmente tão cara, tão elaborada e parecida com um merengue, pelo qual tanto se batalhou e, em realidade, tanto se temeu. [...] muitas tradições foram criadas bem antes de as mulheres conquistarem seus direitos. Por isso, muitas vezes, a noiva ainda hoje segue o estereótipo de virginal e submissa. Há ainda outras contradições. A noiva cristã não precisa mais prometer obediência ao marido, mas geralmente quer usar um véu que denota pureza virginal. A noiva ainda é levada ao altar pelo pai, para ser entregue aos cuidados do marido, mesmo que seja uma executiva de 35 anos. (WORSLEY, 2010, p. 8)

A autora chama a atenção para o fato de que, tal como nos diz Neves, o vestido de noiva pode ser visto como uma armadilha para a independência e a conquista de direitos que os movimentos feministas buscaram. Ao mesmo tempo, há um forte investimento para que o casamento ainda esteja no horizonte das novas gerações de mulheres. Assim, as aparentes contradições entre o casamento e a independência parecem ter sido suspensas, de modo que elas não se tornam evidentes. Parece que estamos vivendo um período em

¹⁹ A Rainha Vitória casou-se em 1840 com o Príncipe Albert. Esse casamento ainda é tido como sinônimo de felicidade conjugal na Inglaterra.

que as mudanças sociais conquistadas pelos movimentos sociais feministas chegaram a um impasse, especialmente para as classes médias e altas em que o acesso a bens, serviços e direitos estão aparentemente garantidos. Desse modo, as desigualdades entre mulheres e homens se tornam distantes como se os problemas com violência e discriminação fossem algo presente apenas no mundo das mulheres dos países ditos subdesenvolvidos. Nessa direção, parece ser possível voltar a sonhar com a maternidade e com o casamento, sem entendê-las como qualquer tipo de dominação masculina ou mesmo pensando em relações de desigualdade. De forma alguma estou defendendo que as desigualdades e violências contra mulheres não existem mais ou seriam algo menos importante. Contudo, a conquista de direitos que em algumas classes sociais se torna mais efetiva que em outras, oblitera essas desigualdades. Vivemos uma paisagem de certa calma e aqueles e aquelas que não têm seus direitos garantidos é porque ‘lhes falta educação e/ou ação do poder público’. Talvez nesse contexto de aparente “equilíbrio”, festejar o casamento com tanta pompa faça sentido.

Não se pode negar que hoje as mulheres, especialmente as que vivem em situação conjugal com homens, lutam pela divisão de tarefas domésticas e contribuem fortemente no orçamento familiar, além de cada vez menos admitirem viver numa relação conjugal de violência física, moral ou emocional. Desse modo, acredito ser pertinente fazer a articulação entre feminilidade e casamento, para pensar como as relações de gênero se dão na construção da noiva contemporânea.

Parece-me que, apesar de o ritual do casamento ser quase o mesmo há muito tempo, o casamento, hoje, tem significados muito distintos do que há algum tempo atrás. As conquistas feministas não são poucas e seria ingenuidade pensar que o casamento permanece o mesmo e que a conjugalidade é a mesma. Não é mais possível dizer que o casamento é uma prisão feminina. Ao mesmo tempo é difícil tomá-lo como experimentação de liberdade.

2 Um jeito de fazer

No projeto de tese, enfatizei a multiplicidade metodológica que os Estudos de Gênero e Culturais possibilitam. Naquela ocasião, apresentei a análise de discurso foucaultiana como forma de empreender este estudo, indicando que o caminho ainda não estava muito delimitado. De fato, a combinação que faço entre os estudos de gênero, os estudos culturais e o pós-estruturalismo implica uma pluralidade de modos de fazer uma pesquisa.

De algum modo, por essa maleabilidade nos modos de fazer, fui postergando sua realização até o momento em que passei a ter dedicação exclusiva à tese. Em alguma medida até 2012, contentava-me em comprar as revistas e, no máximo, acompanhar o portal da Editora. Isso permitiu que me afastasse do conteúdo das revistas e que, embora tivesse um objeto de pesquisa demarcado, mirasse esse material de forma mais indefinida.

Ao analisar a revista, ao manipulá-la, não tinha objetivos traçados previamente, estava disposta a ser “surpreendida pelo campo”. Sabia que queria entender, grosso modo, como e o que a revista ensinava sobre o ser noiva, o que parecia ser evidentemente o foco da publicação, tendo em vista que se tratava de uma revista para noivas. Ao olhar para a revista, me vali dos aprendizados que fiz durante meu trabalho de campo no mestrado: estar disposta a ver o que “surge no campo”, no material empírico. Isso difere, por exemplo, de outras análises de revistas feitas dentro do próprio Programa de Pós-Graduação em Educação de que faço parte (SCHWENGBER, 2006, AMARAL, 2013, STRIM, 2011). Esses trabalhos buscavam, dentro de uma determinada revista, artigos e materiais específicos sobre determinados assuntos (gravidez, diferenças de gênero, embelezamento e saúde, respectivamente). Aqui, procurei trabalhar com o conjunto das revistas, tentando mapear nesse “todo”, a produção da noiva de hoje, o que parece ser o próprio objetivo da revista em alguma medida. Assim, o que foi acontecendo na categorização do material empírico era que a revista ensinava muito mais sobre o que deveria ser uma produção de casamento e como fazê-la do que como ser uma noiva.

Tendo em vista que uma noiva só é uma noiva porque haverá um casamento, decidi analisar o que a revista dizia e colocava em suas páginas sobre casamento. De algum modo, ao dizer que essas coisas eram “casamento”, a publicação posicionava as

noivas-leitoras de modo a que essas últimas colocassem em ação o que lhes havia sido dito sobre suas produções de casamento.

Num primeiro momento fiz uma leitura atenta das revistas, marcando aquilo que me chamava mais atenção como algo que era ensinado pela Revista. A segunda etapa desse processo foi mais longa. Nesse momento, transcrevia as partes marcadas para um quadro e relia o restante da revista para ‘garantir’ que nada havia sido deixado para trás. Ao terminar essa etapa, dei-me conta de que olvidei colocar uma coluna com os títulos das matérias e então precisei retomar as revistas para fazer isso. Finalizada essa fase tinha um total de 396 excertos transcritos em 210 páginas. Abaixo reproduzo uma linha deste quadro:

O quê	Seção	Título da Matéria	Quem diz	Tipo de Emissor	Ano	Nº	Pág.	Imagem	O que ensina	
Para quem está procurando o vestido ideal, a IC aterrissa em Paris e revela - através de cortes, tecidos e deslumbrantes modelos -, tendências que vão fazê-la brilhar ainda mais neste momento especial. Os noivos também não foram esquecidos. Um editorial de moda masculina promete deixá-los elegantes e, claro à altura	Carta do Editor	Inesquecíveis 7 anos	Fabiano Niederauer	Revista	Ano VII	n.15	p.6	NSA	centralidade da noiva	estar linda

da grande estrela do dia.										
---------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Quadro 1: Categorização do material empírico

A partir daí, reli os excertos transcritos e inseri mais uma coluna (na verdade três) sob o título *O que ensina?*. Entendo aqui, que “o que ensina” está dentro de uma concepção ampla de educação, na qual os sujeitos são formados a partir de pedagogias presentes na cultura que pretendem transformar os indivíduos em determinados sujeitos. A primeira fase, então, era colocar qualquer coisa que era ensinada. Na segunda etapa, fui refazendo o trabalho refinando os “ensinamentos” e dando/mantendo as mesmas denominações quando possível. Muitos excertos ensinavam mais de uma coisa ao mesmo tempo, de modo que pude ver que alguns ensinamentos/conteúdos estavam articulados a outros. Assim, surgiram as seguintes categorias analíticas: O que é casar, A importância do dia e A centralidade do feminino. Essas categorias derivam diretamente dos ensinamentos presentes nas revistas analisadas. No que se segue, entretanto, os excertos serão apresentados nas análises apenas com as informações de Ano, Número e página para facilitar a leitura.

2.1 Um jeito de analisar

A escrita dessa tese se dá numa guinada de minhas condições acadêmicas, como já apontei na introdução deste estudo. Durante a Iniciação Científica e o Mestrado analisei prioritariamente políticas públicas voltadas à infância e suas estratégias de educação da família. Minha proposta, ao ingressar no Doutorado, era seguir trabalhando com uma metodologia etnográfica para entender as trajetórias de pais adotantes dentro da vara de família e o percurso educativo que se dava no processo de adoção. Tendo trabalhado com perspectivas etnográficas, o conceito de cultura se tornou muito caro para mim, também porque, dentro de meus referenciais nos Estudos de Gênero, entende-se que gênero é constituidor da cultura. Ao mesmo tempo, quando mudei o objeto de pesquisa para as noivas e o casamento, adotei a análise de discurso como ferramenta analítico-metodológica, tendo em vista que conseguia entrever os rastros de determinados discursos operando na produção dos sujeitos enquanto mulheres-noivas.

Ao longo deste largo período em que realizei o curso, investi na realização de diferentes disciplinas que me levaram a pensar e estudar esses conceitos dentro do meu campo de investigação. Em alguns momentos recuei da ideia de realizar uma análise de discurso e pensei em centrar numa análise cultural; permaneci entre as duas, pendendo para um lado ou outro em função das disciplinas que ia cursando e das leituras que ia fazendo. Por vezes, tive a sensação de que fazer a tese era, em parte, o confronto entre esses dois conceitos que me são tão caros e que, em sua radicalidade, parecem se opor: cultura e discurso. Em vários momentos, é como se víssemos o mundo ou com as lentes da cultura – através da Análise Cultural – ou com as do discurso – pelas inúmeras possibilidades de Análises do Discurso. Não foram poucas as vezes que, em meu grupo de orientação, falávamos em duas línguas (a da análise cultural e a da análise do discurso foucaultiana) e “traduzíamos” quase tudo: identidade por posição de sujeito, linguagem por discurso etc. Estou fazendo uma brincadeira bastante exagerada com algo que, em alguma medida, acontece e que me incomoda. Isso não significa, e tampouco estou querendo dizer, que fazer uma análise cultural seja o mesmo que fazer uma análise de discurso. Porém, não me parece haver tamanha incomensurabilidade entre as duas, de forma que farei o exercício, aqui, de aproximá-las, sabendo que corro os riscos de quem ousa navegar nas fronteiras.

Maria Lúcia Wortmann (2005, p.65) indica que um desses riscos é “pensarmos que os estudos que articulam vários campos darão conta, necessariamente, da totalidade dos significados possíveis para um tal ou qual tema”. Dessa forma, quero deixar claro que minha tentativa é de aproximar e de articular tais análises, sabendo que haverá perdas.

Ao falar sobre o que é cultura, Stuart Hall, no texto *A Centralidade da Cultura*, recorre ao conceito de discurso e seus, digamos assim, conceitos decorrentes. Diz ele:

(...) *todas* as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão ‘cultural’. (...) O que aqui se argumenta, de fato, *não* é que ‘tudo é cultura’, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do

discurso, mas que toda prática social *tem o seu caráter discursivo*. (HALL, 1997, p.32s, grifos do autor)

Eduardo Restrepo, ao ser perguntado sobre o que distingue e o que constitui o projeto dos Estudos Culturais, responde de uma forma que a mim parece bastante lúcida e instigante. Segundo ele (RESTREPO, 2010), uma das formas de definir o que seriam os Estudos Culturais poderia ser tudo aquilo que “*hacen en su nombre quienes se reconocen como sus practicantes*” (IDEM, p.107). Isso tem vantagens e desvantagens. Uma primeira vantagem é escapar de uma ideia “transhistórica” do que seriam os Estudos Culturais definindo de uma vez para sempre (mesmo que isso nunca possa ser alcançado) o que faz e o que não faz parte do seu escopo. A outra vantagem, que em minha opinião decorre imediatamente da primeira, é que isso permite que a cada tempo e a cada lugar se pode definir o que é importante constituir-se, inclusive politicamente, como Estudos Culturais. Tal concepção possibilita que as abordagens tenham profunda relação com o que é importante produzir academicamente em determinado espaço-tempo.

Ao mesmo tempo, definir os Estudos Culturais simplesmente como aquilo que os que dizem fazer Estudos Culturais chamam de Estudos Culturais tem duas desvantagens segundo Restrepo. A primeira, indica ele, é o fato de que o critério para que existam seja alguém dizer que existem. Assim, o que alguém disser que é Estudos Culturais passa a ser Estudos Culturais e algo que “*nadie reivindica como Estudios Culturales no lo serían por esta sola razón*” (IDEM, p.108). Dessa forma, o campo fica permeável a “modismos” teóricos, a agendas de pesquisas cinza e pálidas, a busca por alpinismos acadêmicos – o que seria a segunda desvantagem desta forma de definir os Estudos Culturais para Restrepo.

Assim, o autor defende que, embora seja um campo múltiplo, plural e disputado, há sim especificidades que devem ser marcadas para que não se torne um “qualquer coisa”. É claro que constituir essa especificidade também é algo difícil dentro do próprio campo, justamente por sua multiplicidade e pelas disputas político-teóricas travadas dentro dele²⁰. Nessa direção, afirma ele, a partir de Lawrence Grossberg, que “*los Estudios Culturales serían una permanente politización de la teoría y una teorización del político*” (RESTREPO, 2010, p.109).

²⁰ Acredito, junto com Dagmar Meyer (2003), que nossas escolhas mais do que teóricas são também políticas.

Isso implica dizer que a produção de conhecimento acontece pela vontade de intervenção no mundo e que o trabalho de produzir esses conhecimentos necessita que sejam examinados os bemóis (as menores distâncias entre duas notas musicais) da atividade política. Lembro que atividade política não se refere diretamente ao que chamamos de política no senso comum. Política, na forma como a tomo aqui, refere-se as nossas práticas cotidianas, às decisões que tomamos na forma de viver nossas vidas. Este conceito de política está profundamente imbricado com o conceito de discurso, tendo em vista que nossas ações são o próprio discurso em ação. Não há sujeito fora do discurso, logo não há atividade e vida cotidiana fora do discurso. O modo como conduzimos nossas vidas é regido por discursos. Trago o slogan do movimento feminista dos anos 1960 para exemplificar isso: “o pessoal é político”. Dessa forma, entende-se que há um efeito político em todos os nossos atos, uma vez que decorrem de discursos que conformam os sujeitos. Assim, o que se faz na intimidade é produto de discursos que circulam em nossa cultura e que nos fazem sujeitos dela.

A marca, então, dos Estudos Culturais para Restrepo é a articulação feita entre o cultural e político, utilizando-se de diversas disciplinas, o que torna esse campo transdisciplinar - interdisciplinar, de modo que os conhecimentos se tornam ferramentas nas mãos dos pesquisadores; tal como nos pede Foucault.

Por fim, para Restrepo, os Estudos Culturais têm um compromisso com a intervenção. Quando comecei a ler as teorizações desse autor, confesso que fiquei um pouco assustada, pois tive receio de que sua ideia de intervenção tivesse um viés de prescrição, ou mesmo, guardasse certa ingenuidade em pensar que a “simples” realização de uma pesquisa pudesse ter peso suficiente para alavancar mudanças e revoluções sociais. Para mim, o compromisso de nossas pesquisas não deve ser o da prescrição, mas o do fazer pensar, o do desacomodar coisas que já estavam assentadas, mostrar os vazios e os silêncios que não são óbvios. Felizmente, o “plano de intervenção” de Restrepo me parece bastante desafiador e nada prescritivo. Seu “primer plano” é justamente interromper os ciclos de produção de sentidos que dominam, exploram e assujeitam de forma hierárquica e desigual os sujeitos. Para mim, isso é o mesmo que problematizar as relações de poder estabelecidas em nossa cultura, desnaturalizá-las e desacomodá-las. Um segundo momento seria de ações a partir das pesquisas que realizamos. Isso requer uma aproximação maior entre academia e comunidade que, através de algumas das políticas desenvolvidas no Brasil, parece ser

cada vez mais difícil. O importante é que possamos produzir conhecimentos que possam auxiliar nas intervenções que precisamos.

Tratando do pensamento foucaultiano, Rosa Fischer (2012) nos traz alguns elementos muito compatíveis, em minha opinião, com as ideias de Restrepo. Como citei acima, Restrepo nos diz que o exercício do pesquisador é trabalhar com os bemóis, com as menores distâncias existentes, com as nuances dos fatos. Da mesma forma, Fischer nos convoca, a partir de Foucault, a

imergir nesses ditos que se cristalizam e buscar descrever (...) práticas discursivas e não discursivas em jogo; o objetivo é que, de tal modo, possamos fazer aparecer justamente a multiplicidade e a complexidade dos fatos e das coisas ditas (FISCHER, 2012, p.103).

Da mesma forma, Fischer nos chama a problematizar, a desnaturalizar os fatos, os ditos, “aprender o exercício da dúvida permanente” (2012, p.103) para, dessa forma, poder produzir conhecimento que importe para nós e que tenha relevância política em nossa cultura.

Assim, parece-me que o compromisso político de ambas vertentes teórico-metodológicas é bastante compatível visto que entendem a pesquisa como um modo de problematizar os sentidos fixos, localizando os vazios, os desvios, os não ditos.

Falando mais exatamente do modo de fazer análise do discurso, Fischer nos indica que há uma gramática, ou seja, um conjunto de regras que estão no próprio discurso e que são impostas a todos os que desejam falar dentro de determinado campo discursivo. Essas regras, essas “regularidades intrínsecas” (FISCHER, 2012, p.75) não estão na “mentalidade nem na consciência dos indivíduos” (IDEM, p.75), estando presentes nos discursos, estão na cultura, fazem parte do modo como nos colocamos no mundo e nos fazemos sujeitos dele.

Isso faz parte do meu modo de entender a análise de discurso. E tem ligação com o modo como aprendi a conceituar cultura há quase 10 anos, quando iniciei uma Bolsa de Iniciação Científica. Naquela ocasião aprendi a praticamente recitar algo que remetia à articulação entre cultura, significados e poder: “cultura é um campo de lutas em torno do poder de significar as coisas”. O conceito de cultura, então, traz para si não apenas o que outrora se chamava de cultura e que compreendia as artes e a literatura, mas tudo o que diz respeito a nossa vida cotidiana, as nossas experiências em viver a vida, o modo

como organizamos e damos sentido a esse viver e as disputas que empreendemos para significá-la de diferentes modos. Essa noção de “sociedade bélica”, “atravessada por lutas em torno da imposição de sentidos” (FISCHER, 2012, p.80), parece ser uma herança de Foucault aos Estudos Culturais.

Cultura é, para mim, local em que os discursos são produzidos; é o que possibilita as formações discursivas acontecerem. É o conjunto de forças e discursos presentes em determinado espaço-tempo que nos fazem os sujeitos que somos.

Dentro da analítica proposta por Foucault, não há menção específica ao termo cultura. Se pegarmos, por exemplo, o *Vocabulário de Foucault*, editado por Edgardo Castro (2009), não há o verbete cultura, nem sociedade, nem mesmo realidade. Isso não era um problema para Foucault. Essa costura entre cultura e discurso começou a ser feita, principalmente, a partir de Stuart Hall e é nessa linha que pretendo seguir.

Nessa direção, entendo que, ao analisar os discursos através de suas múltiplas formas de difusão, é necessário entender o lugar da cultura como balizador, condicionante e constituinte do que é possível dizer. Nesse contexto, a “ordem dos discursos” obedece também à ordem da cultura. Por isso é importante pensar na cultura como terreno belicoso, como lugar de disputas, pois aí se inserem o jogo discursivo e as negociações sobre os significados de nossas práticas.

Discurso, para Foucault, vai além do “conjunto de saberes e poderes que produz os objetos de que falam”, é o modo pelo qual podemos acessar um objeto e reconhecê-lo fazendo parte do contexto cultural em que vivemos (FOUCAULT, 2009, p.122). Assim, ao falar de discurso é necessário trazer junto os conceitos de poder e sujeito para que ele possa fazer sentido. O poder, em Foucault, não é algo que se tem ou não, mas algo que se exerce. É a ação sobre a ação dos outros, de modo que só é possível falar em relações de poder, na medida em que este está espalhado pelo corpo social, hierarquizando e classificando os sujeitos de acordo com os discursos que os produzem. Nessa direção, os sujeitos estão sempre em relação com os discursos, pois só são reconhecidos dentro de determinada ordem discursiva. Ao mesmo tempo em que os sujeitos estão sujeitados aos discursos, eles não estão passivos em relação aos seus investimentos. Os significados e as produções de sentido buscadas pelos discursos estão em constante disputa e contestação. Em alguma medida é por isso que ao analisar discursos, buscam-se outros discursos, suas correlações, suas exclusões (CASTRO, 2009) ou, como diria Restrepo, os bemóis, as nuances.

Retomando o conceito de cultura, se pensarmos que a própria produção de conhecimento é entendida como cultural, no sentido de que é aquilo que dentro dessa cultura, nesse tempo-espaço, podemos produzir e chamar de ciência, e que as formações discursivas mantém relações com os campos de saber, ou seja, com o que se produz de conhecimento nas diversas áreas, os discursos são em si mesmos culturais. É a partir desse argumento que defendo uma análise cultural dos discursos, pois entendo que a cultura tem um peso muito grande no modo como os discursos são formados.

Nesta tese, uma reiteração mapeada e dispersa no material empírico é o “casar é realizar um sonho”. Ele tem um referente, algo que identificamos e reconhecemos (a ideia de que as pessoas, especialmente as mulheres, sonham em se casar); há sujeitos que se identificam com essa posição e tal dito adquire materialidade ao ser repetido de diferentes formas e em diferentes contextos nos filmes, na literatura, nas revistas para noivas, nos jornais em matérias sobre casamento (FISCHER, 2012, p.77). “Casar é realizar um sonho” é considerada uma “verdade” em nossa cultura. Está disperso em diferentes discursos que são veiculados em diferentes locais de nossa cultura, pode ser ouvido na igreja e no cinema.

Essa noção de que casar é realizar um sonho está presente em nossa cultura já há algum tempo, disperso em diferentes discursos produz sujeitos, especialmente aqueles na posição de noiva, que serão capazes de fazer tudo para a realização desse sonho. E com isso outros efeitos são fabricados, tais como o crescimento da indústria de festas, para que o sonho possa ser concretizado. Contudo, os discursos também vazam, há resistências, frustrações e adaptações no modo como os sujeitos recebem os discursos e os elaboram em suas vidas cotidianas. É por não ser homogêneo e universal que os discursos são reiterados. Ao mesmo tempo em que se produz culturalmente o discurso do sonho ele é retroalimentado por uma série de práticas discursivas que tem a ver com outros discursos ligados ao consumo, ao amor, à espetacularização da vida, etc.

O pensamento de Foucault nos incita justamente a desmanchar verdades como essa que parecem já perdidas no tempo de tão remotos. Restrepo nos conduz a abrir os olhos e ver o que há a nossa volta. Minha intenção não é ir às origens do ritual de casamento ou das produções de casamento, mas apresentar, debulhar os discursos, entender o que se produz na cultura para “fazer aparecer justamente a multiplicidade e a complexidade dos fatos e das coisas ditas, que são, por isso mesmo, raros, no sentido de

que não são óbvios, não são naturais, não estão imunes a imprevisibilidades” (FISCHER, 2012, p.103).

Analisar uma revista supõe não só esmiuçar o que é dito em palavras, mas também observar o que se diz com as imagens nela presentes. Não pretendo realizar uma análise visual, mas trabalhar a visualidade da revista, tendo em conta que a produção de casamento, do modo como este artefato pretende ensinar, é calcada fortemente nas questões estéticas e cênicas dessa produção.

Nessa direção, a revista busca retratar essa estética valorizada nas produções de casamento dentro de suas páginas. Assim, as imagens escolhidas, as cores utilizadas tornam-se também elementos que conformam e constituem os discursos veiculados na publicação. Isso significa dizer que as produções de casamento são um mundo de visualidade, em que o importante, como indica Sibilia (2008) é parecer.

Simone Schwengber, afirma que “uma imagem não é apenas um conjunto composto por linhas, cores, luzes ou sombras; não é apenas uma questão de forma, um pensamento plástico; ela existe como um pensamento político, histórico, cultural” (SCHWENGBER, 2012, p.266). Ela existe enquanto discurso, discurso que não necessariamente complementa o texto *stricto sensu*, mas que produz os seus próprios significados, às vezes até à revelia do discurso escrito. Gillian Rose (2001) indica que as imagens são uma potente fonte dos discursos presentes na cultura analisada, uma vez que as invisibilidades e o que é escolhido para ser mostrado produz e veicula diferentes discursos sobre os objetos analisados.

As imagens não são centrais nesta tese, mas constituem o *corpus* analítico. Nesse contexto, elas serão tomadas como discursos que também investem na produção de sujeitos-noiva que saibam o que é necessário fazer e como se portar em sua produção de casamento.

2.2 A Revista Inesquecível Casamento

A revista *Inesquecível Casamento RS* (IC-RS) é uma publicação semestral da Editora 3RStudio. O projeto editorial pretende levar às noivas os casamentos mais charmosos e os melhores profissionais do ramo na sua região. Assim, existem edições

para diversas partes do país²¹, fazendo dela única no segmento. Outro diferencial da revista está na proposta de levar “casamentos reais”, ou seja, casamentos de “verdade”, da “vida real”, para as noivas²². Além disso, com o casamento ocorrido em 2011 na família real britânica, a IC passou a apresentar também casamentos da realeza²³, fortalecendo o enunciado de que casar é tornar-se princesa, pelo menos por uma noite.

Segundo o Editor da Revista, foi ao pedir a mão de sua namorada em casamento e ver a dificuldade em encontrar bons fornecedores para a realização do casamento perfeito que viu a necessidade de uma revista que auxiliasse as noivas a encontrá-los para realizar seus sonhos. Assim, em novembro 2002, a 3RStudio lançou a primeira edição da *Inesquecível Casamento* no Rio de Janeiro. Desde então foram sendo lançadas as revistas em outras regiões, sendo a primeira no Rio Grande do Sul e a última a do Estado de São Paulo. A editora tem se especializado na área de festas, mas seu foco principal permanece nas celebrações de casamento.

A tiragem, no RS, até 2012, era de 8 mil exemplares que são facilmente encontrados em bancas de revistas. Além da publicação impressa, há a opção de comprar a revista na *APP Store* pelo *Ipad* ou *Iphone*. Também o site da revista possibilita baixar as matérias, colunas e casamentos e a revista se faz presente nas mídias sociais tais como *Orkut* (que encerrou suas atividades em 2014), *Facebook* e *Twitter*. O exemplar impresso foi lançado em 2005 ao preço de R\$9,90 e, em 2012 chegou a R\$14,90²⁴ e a versão *on line* foi criada em 2010 com o custo de US\$4,99. Os casamentos apresentados são considerados pela própria publicação como os mais chiques da região, como, por exemplo, o da filha de Mano Menezes, que na época era técnico da seleção brasileira masculina de futebol.

Mais de uma leitora perguntou, dentro do período analisado, como fazia para ter seu casamento exibido nas páginas da revista. Abaixo reproduzo uma delas:

Leitora - Como faço para ter o meu casamento publicado na revista? IC - Assim como você, muitas noivas têm vontade de ver seu casamento em nossas páginas. Contudo, devido ao grande número de solicitações que recebemos, fica impossível publicar todos

²¹ Entre as regiões que contam com a cobertura *Inesquecível Casamento* estão: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro (que possui os cadernos suplementares Búzios e Serra) e São Paulo.

²² O uso do termo casamento real foi abalado pelo casamento do Príncipe Willian com Kate Middleton.

²³ No período analisado, de 2005 a 2012, ocorreram 5 uniões nas famílias reais de Luxemburgo, Suécia, Mônaco, Espanha e Reino Unido – apenas as três últimas foram publicadas na IC-RS.

²⁴ Valor referente à edição 13, de setembro de 2011.

os pedidos. Por isso, adotamos o seguinte critério de seleção: a noiva envia para jornalismo@3rstudio.com.br algumas imagens da cerimônia e da festa, além de uma ficha técnica com o nome dos profissionais que participaram. Levamos em conta a beleza do evento e quantidade de parceiros que ajudaram a tornar esse sonho, realidade. Uma vez selecionadas, nossa equipe de jornalismo entra em contato com as noivas para entrevistá-las, preparar o texto e finalizar as páginas. (Ano V, n.10, p.142)

É interessante pensar que, ao mesmo tempo, alguns casamentos de famílias que poderiam ser consideradas importantes no cenário gaúcho não são apresentados na revista (os da filha da presidenta Dilma Houssef e o da do proprietário da Tramontina, por exemplo). A partir de alguns estudos da Antropologia das Elites (GESSAGHI, 2010 TIRAMONTI; ZIEGLER; GESSAGHI, 2008), os quais apontam que as elites²⁵ não têm preocupações em se mostrar enquanto elite, uma vez que já possuem tal *status* demarcado pelas histórias de família, pode-se pensar que o público que quer ter seu casamento exibido não faz parte de uma elite consolidada, mas sim daquela conhecida popularmente como “novos ricos” ou emergentes. Assim, a publicação lhe permitiria ascender dentro dos “salões sociais”, como chama a revista, ao mostrar que sabe como produzir festas em grande estilo. Contudo, segundo o Mídia Kit²⁶, material desenvolvido pela editora aos seus anunciantes, a IC é “a publicação que mostra as festas mais charmosas da alta sociedade e reúne os melhores profissionais do mercado de casamento”. É necessário dizer isso para se colocar no mercado como uma revista de elite, mesmo que algumas vezes não o seja.

A mesma publicação indica que a revista “tornou-se rapidamente objeto de consumo das noivas”. O perfil do público da IC é 90% feminino, tem entre 20 e 45 anos, é composto por noivas e profissionais do ramo pertencentes às classes A e B. Além desses dados sobre a revista, o Mídia kit ainda divulga dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de que são realizadas em torno de 1,7 milhões de festas de casamento por ano em que são gastos em média R\$100 mil em cada produção.

A revista se divide nas seguintes seções: Casamentos – na qual são apresentados o que seriam os casamentos mais charmosos do Estado no último semestre; Matérias – que apresenta sugestões, fornecedores e tendências em casamento e Colunas – em que

²⁵ Tendo em vista a origem argentina de tais estudos, a noção de elite utilizada tem relação com a tradição da família e a importância social que esta teve em determinado período.

²⁶ Disponível em < http://www.revistacasamento.com.br/_mkt/MidKit/MIDIKIT_IC_comercial.pdf>, acesso em 30 de setembro de 2011, às 18:38. O Mídia Kit encontra-se em anexo (ANEXO1)

blogueiras, jornalistas e às vezes até algumas *socialites* falam sobre as celebrações. Das, em média, 160 páginas da revista, quase 100 páginas são destinadas aos casamentos. Os fornecedores indicados nos casamentos também se fazem presentes nas propagandas que ilustram a publicação.

A capa é sempre de uma noiva real cujo casamento está detalhado na revista e – a menos que o noivo seja muito importante no cenário local (o que aconteceu apenas uma vez nas 13 edições publicadas até 2011 e que se tratava de um jogador de futebol da seleção brasileira) – são sempre apenas as noivas que são apresentadas. A alegria é o ponto forte da capa. No entanto, não se trata de uma alegria qualquer: há um clima de romance, sedução, pureza e, algumas vezes, conquista. Essa conquista se materializa em muitos aspectos na fala das noivas dentro das edições. Seja por finalmente ter levado o noivo ao altar, seja por chegar enfim ao seu “feliz para sempre” ou ainda por iniciar aí a sua família.





Um guia com os melhores profissionais do Rio Grande do Sul



Um guia com os melhores profissionais do Rio Grande do Sul



Um guia com os melhores profissionais do Rio Grande do Sul



A revista com os melhores profissionais de festas do Rio Grande do Sul



A revista com os melhores profissionais de festas do Rio Grande do Sul



A revista com os melhores profissionais de festas do Rio Grande do Sul



ESPECIAL: técnico da seleção, Mano Menezes casa filha em Porto Alegre



A revista com os melhores profissionais de festas do Rio Grande do Sul



A revista com os melhores profissionais de festas do Rio Grande do Sul



Figura 1 – capas das edições 1 a 15.

2.2.1 O Portal Inesquecível Casamento

O Portal Inesquecível Casamento (PIC)²⁷ abriga todas as informações e publicações da 3RStudio sobre casamento. O casamento é o grande foco da Editora que, além da Inesquecível Casamento, publica ainda a Inesquecível Lua de Mel, Inesquecível Festa de 15 Anos e a recente Momento Inesquecível – que faz a cobertura das uniões entre gays e lésbicas, mesmo antes das decisões do Supremo Tribunal Federal, de reconhecer a união estável entre casais homoafetivos, e do Conselho Nacional de Justiça, de obrigar os cartórios a realizar casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

O Portal possui informações não só para noivas, mas para as já casadas, cerimonialistas e profissionais do ramo de festas. Além disso, há sempre promoções, inclusive para convidados, como a que se segue na figura abaixo:

²⁷ As informações trazidas aqui sobre o *site* da revista são referentes ao seu formato até dezembro de 2013, período em que o mesmo ficou fora do ar para uma reestruturação de layout e conteúdo.



Tal promoção visa a fazer com que os convidados e as convidadas se sintam parte daquele momento e possam publicar o casamento de seus amigos na Revista.

Dentro do PIC encontram-se os seguintes conteúdos: as revistas (com as matérias e casamentos completos das edições anteriores), as últimas (notícias e reportagens feitas para o site e/ou para as revistas), IC-TV (publicação de clipes e vídeos de casamento e de outras matérias como editoriais de moda), Eventos (espaço para divulgação de eventos como a Expo Noivas que acontece 3 vezes ao ano em São Paulo), Workshop (divulgação dos workshops promovidos pela 3RStudio, ali podem ser encontradas as datas, a programação e os valores. Até 2012, os workshops aconteciam em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba), Guia de Serviços (com os “melhores” fornecedores do mercado em cada uma das regiões atendidas pela IC) e Assinatura (condições de assinatura). A assinatura não era destinada às noivas, tendo em vista que a assinatura é nacional, não havendo previsão de assinatura regional. O valor para 2012 era de R\$199,00 para o Rio de Janeiro. Para as demais regiões é necessário entrar em contato para verificar o valor de postagem. A assinatura compreende 2 revistas RS, 2 revistas Brasília, 3 revistas RJ, 2 revistas Paraná e SC, 2 revistas Goiânia e 3 revistas SP. Em 2012, foram criados pacotes regionais de menor valor. A assinatura anual para o RS estava no valor de R\$28,00.



Abaixo do menu principal, há outro de conteúdos diretos. São eles: Noivas Inesquecíveis – cada noiva publicada tem ali o seu espaço, Galeria de Imagens – fotos tanto de noivas quanto dos eventos da revista, Arquivo IC – posts com entrevistas e perfis que foram publicados na revista separados por região, Promoções, Lista de Bodas – com a referência de qual boda se refere a cada aniversário de casamento, Publicidade – desenvolvido para anunciantes, Contato e Cursos – em 2011 foram ministrados dois cursos Etiqueta Social, por Bruno Chateaubriand e Contratos, por Raul Pereira. Os cursos tiveram carga horária de 2h e custavam R\$220,00 cada um.

3 O que é um casamento?

Quando propus escrever esta tese, minha ideia inicial era de que a IC-RS veiculava um discurso sobre como uma noiva deveria ser, investindo assim em um modo de ser mulher considerado adequado. Porém, ao operar, de fato, com as revistas, notei um forte acento na questão de como produzir um casamento. Nessa direção, nesse capítulo, trato de como a revista ensina, através de suas diversas matérias sobre como deve ser uma produção de casamento. Assim, a revista se vale de discursos do senso comum, além de religiosos, legais, psicológicos e econômicos, sobre o matrimônio bem como da fala de especialistas para avaliar o que é dito.

Parece haver duas linhas na explicação da revista sobre o que seria um casamento: a de contratos e pagamentos (que envolve também o que deve “ter” numa festa) e a outra se refere mais às questões consideradas sentimentais e emocionais (que também trata de como se deve sentir e significar essa produção). Essas duas linhas não estão isoladas, separadas, ao contrário: uma serve de base para justificar a importância da outra. Desse modo, não há matérias que falem de sentimentos e outras que tratem de como e/ou o quê contratar, as duas explicações são acionadas de forma conjunta.

Numa edição de 2012 é possível ver essas duas linhas em ação numa matéria com dicas para uma festa de sucesso:

Casar. Para a gramática, é um simples verbo. Para o dicionário, é "unir-se a alguém por matrimônio, ligar-se". Mas para as mulheres é a realização de um sonho. Esse ritual tão esperado recebe, muitas vezes, atenção de uma glamurosa [sic] produção cinematográfica. Mas para isso, é bom organizar cerimônia e recepção com cuidado e buscar os melhores profissionais. A IC ouviu alguns deles e divide com você nas próximas páginas os segredos para uma festa de sucesso. (Ano VII, n.14, p.159)

A espera e o sonho são utilizados como argumentos para cuidar de todos os detalhes da festa para que tudo saia com o glamour esperado. Esse argumento reitera que para concretizar o sonho os melhores profissionais deverão ser contratados. O que se diz é: depois de esperar tanto por esse dia, por esse sonho, você deve realizá-lo da melhor forma possível, contratando todos os serviços necessários para que a festa saia como sonhada o sucesso de uma festa está na contratação de bons serviços. Illouz (2009) aponta como nossa cultura vai romantizando o consumo, de modo que para ser ou fazer algo romântico é necessário consumir algo. O consumo se torna um prazer de pares e que deve ser feito em conjunto.

As produções de casamento são colocadas como um ritual de amor muito esperado. Dessa forma, a produção da boda se tornaria o ápice desses ritos de consumo românticos, na medida em que tudo deveria ser feito e contratado para celebrar o amor.

IC - Ser chique ao casar é... NB - Valorizar o amor, estar apaixonado um pelo outro, em primeiro lugar. De resto, festa chique de verdade é aquela com a cara dos anfitriões. Em outras palavras, que representem o estilo e a personalidade dos donos. (Ano I, n.2, p.11)

O amor aparece nessa entrevista a duas cerimonialistas (Norinha Teixeira e Betina Becker) como condição *sine qua non* para a realização de um casamento. Contudo, o amor e o romance são recentes dentro do espectro matrimonial. Para Maria Helena Bueno Trigo (1989), foi preciso um investimento discursivo para fazer o amor entrar no casamento. Tal investimento teria acontecido no início do século XX, no Brasil, como forma de ampliar o leque de pretendentes ao casamento. Ao colocar a escolha do parceiro/a no amor, a família passa a ter menos interferência e jurisdição nessa escolha. Desse modo, segundo a autora,

a valorização do amor passa a assentar-se, exatamente, na legitimidade que lhe dá o matrimônio e na estabilidade e permanência que adquire como construtor do espaço doméstico. E o sentimento exaltado na época é de um amor de construção e de atualização que exige alta dose de consciência e autocontrole dos parceiros (TRIGO, 1989, p. 90).

Ao colocar o amor dentro do casamento, os dois parecem fundir-se: quando duas pessoas se casam é porque se amam; se duas pessoas se amam, precisam casar.

Pode-se dizer que o amor precisa ser reiterado na produção da festa, de modo que ninguém tenha dúvidas de que este é um casamento de/por amor. O romance e o amor colocam-se como itens fundamentais na festa e são expressos de forma espetacularizada na produção de casamento. Aliás, é necessário que esse amor tenha uma cara que irá dar o tom da festa.

Fora o romantismo que cerca a data, casamento também significa uma série de compromissos comerciais na contratação dos itens necessários à ocasião. Afinal, são muitos os serviços e produtos envolvidos nesse projeto, que inclui desde a elaboração do bufê até a escolha do vestido nupcial e o planejamento da decoração. (Ano III, n.7, p.40)

Neste excerto, o romantismo e o amor aparecem novamente. Como estes itens não são “compráveis”, eles são colocados como razão para a contratação dos serviços e,

como indica o texto, são muitos os produtos e serviços. Além disso, é através dos serviços e produtos que romance e amor estariam presentes e reforçados. Eles se materializam na produção através da decoração, das músicas, das lembrancinhas etc. Estes elementos parecem dar o tom romântico que a festa deve ter.

“O bolo é a alma da festa”, disse uma boleira em entrevista a revista (Ano I, n.2, p.61). Porém o curioso é que, quando se vai contratar um bolo de casamento, a conta é de uma fatia para cada três pessoas. Se o bolo é entendido como alma da festa, porque apenas 1/3 dos convidados comem o bolo? A resposta pode estar na fala de Léo Kurylo, um *light designer*: o corte do bolo é uma das mais importantes *mises en scènes* de uma festa de casamento. As fotos do corte do bolo são emblemáticas em nossa cultura daquilo que se entende como uma produção de casamento. É interessante pensar que, dentro do currículo produzido pela IC-RS, cada detalhe é fundamental e absolutamente imprescindível. Desse modo, a lista de itens necessários à produção de casamento se torna cada vez maior e o cumprimento dela indica o grau de comprometimento com o ideal de romance, amor e matrimônio produzido pela revista.

"Casamento é um ritual riquíssimo em detalhes nobres, que merece um tratamento especial de luz para se destacar, com beleza e sofisticação para cada momento", continua Léo. (Matéria sobre iluminação, Ano I, n.2, p.58)

Este *light designer*, como é chamado pela IC-RS, aponta para uma necessidade que essa produção exige. A iluminação aparece como fundamental para fazer dessa produção um sucesso. Ela ambienta e embeleza o local. Além disso, algumas expressões utilizadas em sua fala nos ajudam a pensar no que essa celebração deve ser: nobre, especial, bela, sofisticada. A produção de casamento se coloca então dentro da lógica de Debord (1997) em que é necessário parecer; ela se constitui num espetáculo em que se deve “aparecer parecendo” nobre, especial, belo e sofisticado. Debord indica ainda que as fantasias e aspirações que se completam no espetáculo pelas técnicas que materializam esses ideais.

A noção de produção de casamento como espetáculo é reiterada pela revista, não com o sentido de Debord, mas entendendo-o como algo a ser visto e apreciado pelos/as convidados/as.

Entre os inúmeros recursos cênicos que imprimem personalidade e valorizam a cerimônia de casamento, se destaca a iluminação. Uma série de efeitos de luzes e cores

que, além de funcional, pode modificar o ambiente e transformar o evento num belo espetáculo. (Matéria sobre iluminação, Ano I, n.2, p.58)

Todas as tecnologias disponíveis deveriam ser utilizadas para fazer de uma produção de casamento um verdadeiro espetáculo. Os recursos cênicos não são meramente incorporados ao mundo das festas. O que se diz é que estes elementos transformariam as festas em algo cênico, em um teatro para seus convidados. A tecnologia não é utilizada apenas nos recursos eletrônicos como iluminação, som e fotografia. Ela é acionada na coloração das flores, na decoração e até mesmo na gastronomia (como em drinks sólidos ou os alimentos em espumas). Em uma propaganda sobre tecnologia, ainda outras questões vêm à tona:

As mais modernas soluções para sua festa de casamento. Além de soluções completas para sua festa de casamento, que incluem luz, som, imagem e geradores de energia, a Zero dB está disponibilizando os mais modernos sistemas mundiais de iluminação para festas, e espetáculos. (sic) Os novos sistemas são baseados em módulos de LED's que substituem as aplicações com lâmpadas convencionais. Mais eficientes e modernos, apresentam inúmeros recursos de programação e incríveis efeitos visuais (1.200 mil cores), baixo consumo de energia, mínima emissão de calor e longa durabilidade. Com os sistemas de iluminação da Zero dB sua festa de casamento será mais moderna, surpreendente e ecologicamente correta. (Propaganda, Ano III, n.6, p.5)

O anúncio traz a questão técnica e tecnológica para a cena das festas. Há uma técnica no programar as luzes e dispô-las no ambiente, ao mesmo tempo, é preciso contar com a tecnologia correta para a festa projetada. Do mesmo modo, a empresa traz à tona a questão ecológica, até então não mencionada, falando em baixo consumo de energia, baixa emissão de calor e durabilidade. Isso coloca o sujeito num lugar de consumo, mas que, em alguma medida, faz “a sua parte” ao escolher produtos menos poluentes e ecologicamente corretos. No mês de maio de 2014, o jornal Zero Hora, no caderno especial Donna, trouxe uma matéria sobre casamentos sustentáveis, uma nova moda que, além de colocar o consumo em cena, traz a preocupação ecológica para o centro. A matéria ainda ressalta que sustentável não é necessariamente mais barato e que, muitas vezes é até mais caro do que o “convencional”, além de dizer que só vale a pena se for “a cara do casal”, só pela moda não vale.

Mesmo que o casamento seja sustentável, bom gosto, sofisticação e beleza, como indicou o *light designer*, são fundamentais na produção. Especialmente em relação ao público que faz questão de estar na revista, uma palavra parece definir tudo: chique. Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2008) chique significa “de bom

gosto”, “elegância”. O casamento, por ser um rito tão importante, precisa ser elegante e, claro, de bom gosto. Isso em todas as classes sociais. Muitas vezes a revista frisava que uma organização de casamento inicia pelo orçamento. A partir daí se faz a lista de convidados. É essa equação orçamento/número de convidados que determinaria o tipo de festa que pode ser feita. Ou seja, com muitos convidados e pouco dinheiro se diz não ser possível fazer uma festa de sucesso. É importante que os convidados sejam bem atendidos, que tudo esteja perfeito para que se sintam diante de um verdadeiro espetáculo.

Uma festa de casamento pode ser impecável desde os doces, passando pelo bolo, decoração, iluminação e todos os demais detalhes. Entretanto, é na pista de dança que a festa chega ao seu ápice. É nela que noivos e convidados comemoram a emoção da noite e vivem os momentos mais animados e descontraídos. Assim, por sua importância, a pista deve estar à altura do glamour e beleza do evento para fechá-lo com chave de ouro. (Matéria sobre nova tecnologia em pistas de dança, Ano VI, n.12, p.131)

A capacidade de fazer uma produção impecável deveria ser buscada não só pelos/as profissionais do ramo quanto pela noiva e seu noivo. Fazer com que o convidado se sinta bem na celebração é um dos quesitos na hora de pensar se a produção teve falhas ou não. Nessa direção, o bolo, como dito pela especialista anteriormente, seria a alma, mas a pista de dança seria o ápice da festa, é quando os convidados passam de espectadores para co-atores da produção. Segundo a matéria, é na pista que a emoção se faz presente. Assim, essa produção parece ter duas faces: a primeira é a vivência do casal da união e do amor que se espetaculariza, a outra é o compartilhar as emoções deste espetáculo com seus espectadores, seus convidados. Na medida em que o bolo é o grande cenário da vivência do casal – junto com a troca de alianças, a primeira dança etc. –, a pista é o cenário da participação de amigos e familiares nessa festa.

Uma troca de olhares. Um sorriso de cumplicidade. Uma lágrima de emoção. Para eternizar cada instante do grande dia, empresas de vídeo investem em equipamentos de primeiro mundo e registram, em detalhes, a trajetória dos noivos rumo ao altar. Muitas vezes em parceria com os fotógrafos, os profissionais por trás das câmeras captam cenas únicas e as transformam em filmes divertidos, românticos e cada vez mais autorais. a intenção é fazer com que o casal reviva o sentimento da data, ao lado de amigos e familiares, tornando-o garantia de boas recordações. (Matéria sobre videojornalismo, Ano V, n.9, p.146)

A autoria indicada pelos videojornalistas (como têm sido chamados dentro do mercado de festas) parece compartilhar da noção de que cada festa precisa ser única para marcar a vida de nubentes e convivas. Ao mesmo tempo em que o profissional deveria deixar sua marca nos produtos e serviços que oferece. Tendo em vista que o consumo é tratado aqui como algo central nas produções de casamento, a grife e os signos de quem produz a festa fazem diferença, hierarquizam e distinguem uma festa da outra. É importante que os convidados e as convidadas sintam que fazem parte deste momento. Assim, novamente é colocado como fundamental ter profissionais que registrem os momentos de interação entre o casal e seus amigos e parentes. Além disso, já há serviços de foto e vídeo durante as viagens do casal para compor clipes que serão rodados durante a festa. Desse modo, os convidados podem compartilhar das experiências vividas por noiva e noivo antes do casamento, criando uma sensação de proximidade com a história do casal. Parece ser necessário produzir essa atmosfera familiar para que todos possam sentir-se ligados pela emoção que o momento deveria disparar. São os discursos produzidos e veiculados em diferentes artefatos culturais que permitem entender este como um momento de pura emoção. Na medida em que as novelas e filmes passaram um grande período, especialmente na primeira metade do século XX, terminando suas histórias com um casamento e fazendo deste o centro da felicidade final, as bodas se tornariam algo a ser desejado e conquistado, que ao realizá-lo deveria se ter a sensação de concluir algo importante. Ao mesmo tempo, essa é uma conquista familiar em que todos devem se sentir parte preciosa na celebração. Isso possibilita que, mesmo estando dentro de uma cultura de espetacularização do eu, esta seja uma festa de família.

Aproveitamos muito e gostamos de tudo! A animação de todos os familiares e amigos fez a diferença. Acho que nós, noivos, passamos a eles a nossa emoção de estarmos nos casando e eles nos passaram a emoção de estarem presentes nesse momento especial (Casamento – fala da noiva, Ano VII, n.14, p.103).

Também a família passa a ter um local de destaque nessa espetacularização. A produção de casamento envolve a família, é uma festa de família. Sendo assim, ela se coloca como produtora e receptora destes materiais que serão boas recordações.

Sibilia indica que há uma “intensificação e uma crescente valorização da própria experiência vivida”, demandando a produção de narrativas de si (SIBILIA, 2008, p.197). Dentro dessa lógica de espetacularização do eu, apontada pela autora, é

necessário mostrar-se realizando este sonho. Por isso o trabalho dos profissionais de imagem se torna tão notável. É a partir dessas imagens que o casamento poderá ser publicado na revista, é com elas que se vai publicar nas redes sociais que se está casada/o, são elas que se tornarão recordações ao longo do tempo.

Assim, os serviços de produção de imagens se multiplicam. Conexão com as redes sociais, impressão de fotos na festa, vídeos, clipes, são alguns dos produtos que surgiram ao longo do período analisado.

A Infinite Filmes, uma produtora de filmes independentes, vem oferecer a proposta mais ousada e definitiva para você registrar sua história: o Cinema sob Encomenda. Muito além de um simples registro ou clipe de casamento, nós vamos contar a história de duas pessoas. A sua história. Um documentário sem precedentes. Único. Seu. Agende sua visita e reserve a produção do seu filme, pois a realização de uma experiência cinematográfica real e personalizada finalmente chegou ao seu alcance. Infinite Filmes Cinema sob encomenda (Ano VII,n.14, p.32)

A possibilidade de “estrelar” um filme tornaria-se realidade com o serviço oferecido. Parece-me que, na cultura atual de espetacularização do eu, o *Cinema sob encomenda* torna-se um símbolo ou talvez o ápice desse processo, tendo em vista que toda história poderá vir a ser um filme. Nessa direção, o sujeito é posicionado a entender-se como efetivamente uma ‘celebridade’ e com algo a dizer e publicizar. Trata-se de uma perspectiva em que os discursos concorrem para conformar os sujeitos como celebridades de sua própria vida, como indica Fabiano Niederauer editor da revista em um de seus editoriais. Se esses discursos atuam na vida cotidiana dos indivíduos, a sua dimensão se alarga com o evento que é apresentado como o mais importante da vida. Isto é, os discursos midiáticos que produzem o cotidiano como algo que deve ser espetacularizado são amplificados pelos discursos que tornam o casamento o grande evento na vida de um casal.

Depois de longos e prazerosos dias chega o momento tão aguardado: flores, grinalda, buquê, fotos, vídeo, bolo, champagne e tudo aquilo que faz parte do ritual sonhado. Ufa!... É maravilhoso, mas logo vem a vontade de partir para começar a desfrutar da vida a dois. Se esse início for no meio de belas e românticas paisagens, em lugares cheios de charme, desfrutando as maravilhas da boa mesa e dos bons vinhos, com certeza a lua-de-mel ficará para sempre marcada como sinônimo de felicidade. (Matéria sobre lua de mel nos Alpes, Ano II, n.3, p.78)

É importante notar que a produção do casamento não deveria terminar ao final da festa. Ela só acabaria ‘oficialmente’ com a lua de mel. Ainda há os rescaldos da

chegada do vídeo, das fotos, do compartilhar essas imagens com amigos/as e familiares, mas em termos de produção, a lua de mel marca o fim da noiva e o início da esposa. Mas assim como o casamento requer itens como os citados no excerto - flores, grinalda, buquê, fotos, vídeo, bolo e champagne – a lua de mel também precisa estar dentro de certo padrão: romance e beleza do cenário assim como a boa gastronomia são colocados como sinônimo de uma viagem – que não é uma viagem qualquer – de sucesso e de felicidade. Assim a lua de mel é colocada como parte da produção de casamento, a coroação de tantos meses de trabalho que precisa estar à altura do restante da produção.

A própria revista assume que há uma ampliação em curso das produções de casamento e dos itens que são incorporados ao ato de casar-se. Nessa direção, para dar conta de tantos afazeres, tanto das noivas quanto dos profissionais envolvidos, a revista traz para a cena o cerimonial como algo de extrema importância para um casamento inesquecível.

A reboque do novo padrão dos casamentos, cada vez mais superproduzidos, houve um desdobramento na atuação do cerimonial, que passou a absorver outras funções - ou seja, entrar no terreno da produção e organização dos eventos. Algumas empresas do segmento oferecem a possibilidade de planejar toda a celebração, que pode alcançar até mesmo a compra de passagens e reserva de hotéis para lua-de-mel. Uma espécie de anjos da guarda dos noivos, ou mesmo, em alguns casos, psicólogo, médico e confidente, tal a interação que ocorre entre o profissional e seus clientes durante os meses que antecedem a cerimônia. Em geral, este relacionamento começa um ano antes da data do evento, com sucessivas reuniões para escolher os serviços mais adequados. Não à toa, afinidade é um dos critérios fundamentais nessa escolha. (Matéria sobre cerimonial, Ano III, n.7,p.42)

Como aponta o excerto, o cerimonial, que antigamente servia para organizar os ritos, fazer o cronograma da festa e dar pequenas orientações, passou a ser o grande serviço na área de festas. As cerimonialistas tornaram-se, ao longo dos últimos anos, fadas-madrinhas na organização de festas. No Rio Grande do Sul, muitas das cerimonialistas são especializadas em casamentos, realizando apenas esse tipo de festas, tal a complexidade que o evento assumiu atualmente. Contratar uma cerimonialista seria o primeiro passo para iniciar a produção de casamento. As decisões do projeto serão do casal, porém, a fada madrinha profissional – como podem ser chamadas as cerimonialistas – orquestram toda a produção, sugerindo serviços e profissionais para tornar sonhos – principalmente creditados às noivas – em realidade. As especialistas do negócio seriam a base de toda a produção. Elas são colocadas como responsáveis por

traduzir os desejos e sonhos de noivas e noivos em produtos e serviços que transmitam as emoções e o romance da data. Assim, se para casar é necessário uma noiva e um noivo, atualmente uma terceira figura surge para que o Ritual romântico de consumo supremo ocorra de forma a se tornar inesquecível, conforme preconiza a revista.

A tão esperada hora do sim merece o look perfeito e não há nada melhor nesses momentos inesquecíveis do que lançar mão de um modelo com aspirações românticas. Diante da correria dos preparativos para o casamento, o elemento mais importante não pode faltar: romance. Para que isso não ocorra, até a noiva mais contemporânea pode seguir um estilo lírico. Então abuse dos tecidos leves, bordados e saias esvoaçantes. Viva a delicadeza do dia! (Matéria sobre vestidos de casamento, Ano IV, n.8, p.60)

Por fim, este é um dia de romance e delicadeza. O que for consumido deve transmitir sensações de romance e delicadeza. Nessa direção, os tecidos em renda retornaram a cena da moda nupcial, uma vez que elas recebem o atributo cultural de serem românticos, além da elegância, sofisticação e classe que eles representam. Como diz o excerto, mesmo as noivas mais contemporâneas e arrojadas podem lançar mão deste artefato que traz consigo conotações de lirismo, feminilidade e delicadeza colocados como tão importantes para a produção de casamento.

Parece ser por esses atributos que todos os detalhes – como um bordado no vestido da noiva – passam a ter uma importância fundamental. Tudo numa produção de casamento passa a ser entretenimento a ser consumido e é incitado que cada noiva supere sua antecessora. Ao dizer que a festa tem que ter a cara do casal, se diz que uma festa não pode ser igual à outra. Portanto, uma festa nunca está completa, pois a próxima deverá incorporar novos elementos para diferenciar-se. É pelos detalhes nos produtos e serviços consumidos que o perfil do casal se faz presente, assim como as tradições do ritual são resignificadas para fazer sentido para os noivos.

3.1 Personalizar

Um dos acentos na venda de uma produção de casamento é a personalização. As noivas são incitadas pela revista a tornar os detalhes da festa pessoais, de modo que os convidados enxerguem naquela celebração o estilo do casal. Em um dos casamentos apresentados, a revista indicava a proposta de decoração, que trazia na entrada do salão um aparador com porta-retratos trazidos das casas dos pais dos noivos. A partir disso, de algum modo, se reitera a família como parte fundamental dessa festa, além de

produzir um discurso em que personalizar é a estratégia para diferenciar as produções de casamento umas das outras. Assim, se diz que o clima de intimidade e personalidade deve preponderar no ambiente.

Numa matéria cujo título era Casamento Perfeito, a cerimonialista Bé Cirne Lima explica que:

“personalizar a festa com danças ensaiadas ou homenagens especiais dão toques pessoais a qualquer celebração”. (Perfil de Bé Cirne Lima, Ano II n.3, p.25)

Tendo em vista que os ritos de um casamento (ao menos os heterossexuais) são, em sua maioria, muito parecidos – haverá uma mulher de branco, um homem finamente vestido, um bolo, doces, bebidas e decoração de flores, sem contar a fórmula religiosa que varia pouco – é preciso que a produção seja marcada por traços individuais que caracterizem aquele casal e aquelas famílias que estão se unindo. Por mais que atualmente quase todas as festas de casamento tenham uma primeira dança coreografada, a música escolhida, os profissionais contratados para tornar a dança possível e a coreografia realizada provavelmente serão diferentes. Para diferenciar a festa não seria possível valer-se apenas da dança coreografada, é posto como necessário incluir ainda outros serviços que “deem a cara” dos noivos à celebração.

Esses produtos e serviços ganham um significado de marca, como se por essas marcas fosse possível definir os sujeitos. Ao mesmo tempo, estes produtos e serviços podem ser tomados como uma tentativa de noivas e noivos de apresentar o que pensam de si mesmos e como querem ser reconhecidos enquanto casal (s sofisticados, clássicos, despojados, românticos, contemporâneos etc.).

Nessa direção, discursos da área psi, sobre o autoconhecimento e a busca do eu, por exemplo, e mesmo alguns dos discursos religiosos concorrem para que essa noção de busca de si mesmo entre em ação. Na medida em que esses discursos entendem que há um eu essencial – seja pela alma ou espírito, seja por uma formação psíquica – e que são necessários investimentos para chegar ao conhecimento de si mesmo, pode-se pensar que a produção do casamento é um trajeto para alcançar esse objetivo.

Contudo, para fazer essa representação de si, em alguma medida, as noivas e seus noivos são impedidos de copiar projetos de casamento, uma vez que eles devem trilhar um caminho para descobrir quem são e não buscar modelos prontos. Assim, cria-

se um paradoxo no qual para encontrar-se a si mesmo é preciso de profissionais para interpretar esse 'eu'.

"[...] Não raro, alguns casais me procuram querendo reproduzir o bolo que viram no catálogo virtual. Fico lisonjeada, mas neste caso eu incentivo a personalização. Afinal, o grande dia tem que ser exclusivo". (Perfil de Rosane Ribeiro, Ano V, n.9, p.43)

A exclusividade, como diz a boleira Rosane Ribeiro, é uma obrigação do casamento e o uso da expressão “tem que” indica isso. O interessante aqui é que, mesmo que os noivos tenham gostado de um modelo e o queiram na sua produção, o seu desejo não é respeitado pela necessidade imposta da personalização. Personalizar aqui é o mesmo que ter exclusividade – assim como algumas áreas de conhecimento indicam que cada indivíduo é único, cada produção de casamento deverá ser única, exclusiva. Curiosamente, personalizar pode significar abrir mão de seu desejo individual – a escolha de um determinado modelo – para associar-se a um imperativo do consumo, o modelo exclusivo.

É importante notar ainda que ser exclusivo significa também ser restrito, assim para ter um casamento exclusivo é necessário restringir as escolhas para privilegiar outras. Nessa direção, as/os profissionais do setor parecem ser os melhores consultores para se ter um casamento exclusivo. Pode ser por isso que, em alguns aspectos, a busca de noivas e noivos pelo que entendem de si mesmos através de uma suposta autenticidade parece ser mais uma interpretação dos especialistas acerca do estilo do casal do que de fato uma expressão “genuína” de seus sonhos e desejos. Assim, muitos dos serviços contratados conduzem nesse caminho de autoconhecimento do casal, enquanto outros permitem que noivas e noivos criem suas próprias trilhas para buscar seu estilo. Nessa direção, produz-se um sujeito que deve ser único, exclusivo, mas que precisa de um profissional para torná-lo personalizado.

Já imaginou ter um aroma personalizado para o seu casamento? A Aromatiz cuida disso, A empresa analisa o perfil dos noivos e dos convidados para chegar a uma essência que será suavemente espalhada no ar. O tipo de aromatizador varia conforme o tamanho do local da cerimônia ou da festa. A tecnologia de ultra-som permite que o aroma seja dispersado até mesmo em casamentos ao ar livre. (Coluna Noiva.com, Ano V, n.9, p.28)

Este serviço singulariza a produção de casamento em duas direções: por ser um item que ainda não foi popularizado, carrega consigo uma noção de inovação, requinte e exclusividade; por outro lado, a ideia é que cada casal possua o seu próprio aroma para

compor seu casamento. Assim, a análise de perfil é feita por especialistas para dar a exclusividade e personalização tão importantes. Os desejos dos noivos são colocados como ponto de partida para que o trabalho dos diferentes profissionais atenda tanto à expectativa de suas/seus clientes, quanto às possibilidades técnicas e de tendências de moda, uma vez que é por esse conhecimento técnico que sua contratação se faria importante.

IC - No aspecto pessoal, o que uma noiva deve considerar na escolha do traje? SP - Os sonhos e aspirações de cada noiva são o ponto de partida para criação do modelo. Em alguns aspectos Alia-se a isso o estilo pessoal, o biótipo e as características de moda que serão incorporadas ao vestido. (Entrevista com Solaine Piccoli, Ano II, n.4, p.15)

Como nos diz Solaine Piccoli nesta entrevista, os desejos da noiva seriam apenas o ponto de partida para desenvolver o vestido de noiva. É trabalho da estilista interpretá-los a partir da moda e do biótipo da noiva. O conhecimento técnico e especializado das/os profissionais seria o que possibilita tornar os sonhos e desejos realizáveis, além de agradáveis visualmente. A função da estilista é colocar os desejos da noiva na forma de tecidos que sejam belos e que valorizem seus corpos. A produção do vestido de casamento pode ser vista como uma forma de significar e expressar o estilo da noiva, tendo em vista que este elemento é daquilo que se reconhece culturalmente como dela, e não do casal.

Você sonha, nós realizamos. Simples ou sofisticados convites para sonhar – Grafjet. (Propaganda, Ano II, n.4, p.25)

O discurso do sonho que se torna realidade é recorrente. Casar-se seria a realização de um sonho, mas de um sonho único, personalizado e irrepitível. Do mesmo modo aqui a gráfica indica que ela está preparada para transpor qualquer sonho para o papel. Essa transposição dos sonhos para a materialidade da produção de casamento só pode ser feita, de acordo com os discursos veiculados, pelos bons profissionais apresentados pela revista. Eles têm a técnica e os conhecimentos para tornar isso possível e às vezes até para superá-los.

Por outro lado, a IC-RS também indica algumas coisas em que os noivos podem ter uma autonomia um pouco maior, apresentando as possibilidades existentes para que noivos e noivas façam suas escolhas. Uma delas é a comemoração realizada antes do casamento, o chamado chá de panela. Tradicionalmente o chá de panela é uma comemoração feita apenas para as mulheres para presentear a noiva com utensílios para

a nova morada, o que dá indícios de um entendimento do que se espera culturalmente de uma esposa. Faz parte desta tradição que as madrinhas organizem essa festa, muitas vezes colocada como o oposto da despedida de solteiro, comemoração em que o noivo festeja seus últimos dias de solteiro, também considerados como dias de liberdade – o que indica uma noção do que se espera de um marido em sua entrada no casamento. Atualmente, há possibilidades de fazer uma comemoração conjunta, por vezes chamada de ‘barnela’, ou manter diferentes comemorações para o noivo (chá bar) e para a noiva (chá de panela). Além disso, tornaram-se muito comuns as comemorações de chá de lingerie, nas quais a noiva ganha roupas íntimas contando algumas vezes com aulas de *strip tease*, *pole dance*, conversas com sexólogas e coisas do tipo. Numa extensa matéria que fala sobre as novas “modas” na área do chá, a revista finaliza:

Por fim, a escolha do chá é livre, não tem certo e errado, você não precisa estar morando junto para optar pelo chá de lingerie ou pelo chá bar. O que vale sempre é a vontade dos noivos e a opção que faça o casal mais feliz! (Matéria sobre chá de panela, Ano VI, n.11, p.59)

Aqui a escolha dos noivos poderia ser feita sem a mediação de profissionais envolvidos com a produção do casamento. Contudo, a proposta deverá seguir o estilo do casal e manter a identidade escolhida para a festa de casamento. Mas essa é uma exceção e, mesmo assim, a revista indica profissionais que organizam diferentes opções de chás (panela, lingerie, bar etc.) e serviços especializados. É importante destacar que mesmo havendo diferentes opções, não é qualquer festa que será considerada um chá ou uma despedida de solteiro/a. Há limites e regras a serem seguidos; um chá bar apenas para mulheres, ou um chá de lingerie para homens está fora das condições de possibilidade de determinado discurso surgir.

A personalização é tão importante que, mesmo quando a revista tenta achar uma base comum para os serviços, os especialistas reiteram a necessidade de saber o que o casal espera do serviço e não partir de regras prontas:

IC – [...] quais são os momentos fundamentais num álbum de casamento? Everton Rosa - Não tem regra. Casa casal tem um sonho sobre o próprio casamento. E para eu entrar nesse sonho eu tenho que conhecê-los, entendê-los. Quando eu fecho um contrato, eu sempre convido o casal para uma sessão de fotos no meu estúdio, com maquiador, produtor, cabeleireiro. Conversamos e fotografamos. é uma forma de entrar na intimidade deles. Criar um link que vai refletir na fluência do trabalho no dia do evento. Muitas vezes o que pode ser importante para mim em um casamento, pode não ser importante para os noivos. (Entrevista com Everton Rosa, Ano I, n.1, p.11)

As produções de casamento seriam feitas de sonhos e desejos próprios de cada casal. Há uma individualidade aí, um jeito de fazer próprio de cada casal que precisaria ser levado em conta no momento de celebrar a união. Por essa lógica, os fornecedores precisariam estar atentos a isso. É importante que a mesma “química” entre noivo e noiva exista entre os noivos e seus fornecedores, para que a celebração se torne perfeita, inesquecível. Contudo, o especialista ressalta que é necessário estar algum tempo junto ao casal para entrar em sua intimidade. Pode-se dizer que esse período funciona como uma análise para entender e interpretar o modo mais adequado de trabalhar com o casal. Nessa mesma direção, ao apresentar as produções de casamento, é bastante comum a IC-RS incentivar para que, em especial, as noivas se envolvam fortemente com o desenvolvimento do projeto de casamento.

Todos os preparativos foram supervisionados pelo casal, que fez questão de acompanhar cada pequeno detalhe para que tudo saísse exatamente como desejavam. (Casamento – fala da revista, Ano VI, n.11, p.29)

Essa supervisão é colocada como necessária para que as noivas e noivos se inserissem na lógica do ritual romântico de consumo e entendessem a importância de cada um dos serviços e detalhes que fazem parte do cerimonial. Assim, é possível colocar outros detalhes e produtos que inicialmente não estariam inclusos na produção.

A diversificação dos produtos oferecidos na revista é visível ao longo dos anos analisados, tal como se pode observar nos excertos destacados a seguir:

Outro brinde personalizado de grande apelo são as revistas fakes, reproduzindo conhecidas publicações internacionais, onde os principais momentos da festa são registrados como numa cobertura jornalística. "Entregue no final do evento, os convidados se sentem celebridades", brinca Sabrina. (Matéria sobre brindes, Ano II, n.4, p.80)

Já pensou contar a sua história de amor em forma de desenho animado? Essas e outras novidades fazem parte da cartela de serviços da Art Imagem Produções. Além de contar, de forma bem humorada, o romance dos noivos com linguagem dos cartoons, o pessoal ainda produz clipes de imagens, álbum personalizado de lua-de-mel, e possuem equipe de VJs especializados em casamentos. Vale a pena conferir. (Coluna Novidades, Ano III, n.7, p.22)

A agência de publicidade Leon Castello começou o ano de 2012 com novidade: o lançamento da Wedding Marks. A empresa cria marcas pessoais para noivos através de um processo divertido de resgate da história do casal pela equipe de publicitários. O resultado é uma marca personalizada que pode ser usada em todos os momentos do casamento, desde os convites até as tags de lembranças. A tendência europeia de seguir

aplicando a marca do casal também na casa nova em toalhas, louça e papeleria personalizada, é outra aposta da Wedding Marks. (Coluna Novidades, Ano VII, n.14, p.30)

Um casamento animado, um smartphone e uma conta no twitter - é apenas o que você precisa para curtir essa novidade da Artimagem. Pensando nos amantes das mídias sociais e acreditando nas histórias que as imagens guardam, a empresa lançou o Instafoto. A ideia vai além das já conhecidas foto cabines e permite que o convidado receba impresso e em tempo real as fotos tiradas na festa. Ao contratar o serviço, o casal cria uma hashtag exclusiva que deverá ser usada na postagem das fotos que serão entregues no decorrer do evento. A novidade tem o objetivo de oferecer aos noivos um registro emocionante e personalizado com uma visão diferenciada. (Coluna Novidades, Ano VII, n.15, p.20)

O aumento dos produtos a serem consumidos está dentro da lógica do crescimento desse mercado, ao mesmo tempo em que está inserido também numa lógica de tentar sair do comum, produzir algo extraordinário e que marcará os convidados para sempre, pois as recordações são para sempre. O que é consumido ou não é um modo de expressar-se. O modo como cada serviço é narrado o insere em discursos que produzem diferentes sujeitos e seus estilos. Os produtos e serviços consumidos falam sobre seus consumidores ao mesmo tempo em que os constituem como sujeitos de determinado tipo.

Na medida em que o importante é emocionar e impressionar os convivas, atributos/produtos que identifiquem os anfitriões na festa e os aproximem dos convidados a personalização se torna fundamental. Como afirma a revista, é preciso respeitar o perfil dos anfitriões e dos convidados.

A ideia do casamento era surpreender, de forma criativa, e proporcionar um ambiente de diversão. Foi muito bom ver que atingimos nosso objetivo em transformar uma festa de casamento em algo diferente com muita animação! (Ano VII, n.14, p.131)

Itens novos marcam o evento. Além disso, nesse caso é preciso sempre diferenciar-se. A repetição é considerada monótona. Ao mesmo tempo, o casamento muitas vezes é colocado em nossa cultura como o fim da paixão, o início da rotina e da monotonia. Parece que marcar a festa, diferenciá-la e não deixá-la cair na monotonia é um modo de fazer com que a instituição matrimonial perca essa conotação.

O investimento em festas diferenciadas corre em direções distintas. Mesmo nas coisas que parecem conservar tradições, parece ser de responsabilidade das noivas, principalmente, escolher entre a tradição e a personalização. A seção de cartas é um

espaço em que as noivas (não houve cartas de noivos durante o período analisado) expressam suas dúvidas e angústias quanto à produção de casamento.

Leitora - Estou planejando meu casamento há 3 meses e não sei como escolher as músicas da cerimônia e da recepção. Vocês podem me ajudar? IC - A trilha sonora precisa ter a ver com o casal, Karoline. Primeiro você precisa planejar as músicas da igreja, o que vai tocar quando você entrar. É preciso decidir se você quer algo mais tradicional ou algo mais ousado. Depois vem a parte da festa. Para animar e ter uma pista de dança lotada, você precisa conversar com o DJ e escolher as músicas mais dançantes do momento, assim você vai garantir que os seus convidados não saiam da pista. Fora isso, é essencial que as músicas que marcaram a sua vida e de seu noivo estejam no setlist para realçar o momento mais especial da vida de vocês! (Seção de cartas, Ano VII, n.15, p.190)

É curioso notar que a cerimônia parece ficar restrita, aqui, à entrada da noiva na igreja. As outras músicas parecem não ser tão importantes quanto essa. Seria função da noiva decidir o que quer para sua entrada, o que pensa de si enquanto noiva. Já para a festa, o DJ seria o responsável por indicar o que está na moda, assim nesse ponto a noiva deve recuar e deixar as decisões para o profissional da área – que pelo que indica a revista será um homem. Contudo, as músicas que marcam a história do casal, mesmo que não sejam as da moda deveriam entrar no repertório para, de algum modo personalizar essa parte da festa. A história do casal não deveria se resumir a clipes e documentários, ela precisará se fazer presente também pelas músicas de modo a evocar memórias e emoções. Mesmo que nem todos os convidados/as saibam dos significados dessas canções para quem está se unindo, elas precisam fazer parte do momento.

A tradição e a ousadia, como colocado pela revista, parecem se contrapor. Contudo, parece-me que as tradições passam a ser reinventadas nesse contexto contemporâneo do casamento. As tradições são as marcas que possibilitam a personalização. A personalização só é possível dentro de um contexto de tradição.

3.2 Seguir tradições

O que são tradições? O significado denotativo do termo tradição está ligado à entrega, transmissão de valores e costumes ao longo de um grande período de tempo. Tendo em vista que o contrato/rito de casamento existe há um período significativo da História Ocidental, as produções contemporâneas de casamento têm alguns séculos de tradição como base.

A partir do conceito de cultura que assumo, essas tradições não devem ser entendidas como naturais e sempre existentes. Também não é possível pensar que seus significados e formas de cumpri-las são as mesmas. Assim, as tradições são produtos de formações discursivas que pretendem reger as formas de ritualização do casamento.

Como uma revista para noivas, a IC-RS se preocupa em ensinar algumas tradições e a significá-las em nosso tempo. Ao mesmo tempo em que se investe na personalização da produção de casamento, algumas tradições precisam ser respeitadas de modo que se identifique esta festa com um casamento e não uma festa qualquer. Se as noivas optarem por produtos muito diferentes, corre-se o risco de a união não ser reconhecida enquanto tal na cultura, perdendo seu sentido social. É necessário inovar, mas dentro de certo escopo.

O serviço de caligrafia é uma dessas tradições apresentadas pela IC-RS. O calígrafo tem como missão endereçar o convite, de modo que se torne algo pessoal. Cada nome de convidado é escrito manualmente no envelope, mostrando de algum modo, como este sujeito é importante na comemoração.

Mas é importante notar que o detalhe final desse processo [de produção dos convites] está no serviço de caligrafia. É fundamental uma letra bonita, equilibrada, que vai imprimir um charme todo especial ao convite, tornando-o absolutamente íntimo. O calígrafo não pode ser dispensado se você quer produzir convites de alta classe. (Matéria sobre convites, Ano I,n.2, p.25)

Além de se tornar importante para dar intimidade ao convite, a revista ressalta esse serviço como algo que hierarquizaria e mostraria a elegância de quem convida. Assim, seguir a tradição se torna sinônimo de uma produção de alta classe, agregando requinte. Isso se torna muito importante, tendo em vista que a publicação tem como foco uma pretensa elite casadoira do estado.

Entretanto, o que é entendido como tradição na realização de uma boda se modifica ao longo do tempo. E, algumas vezes, em um tempo bastante curto. Na edição citada acima, de 2005 o calígrafo ainda é entendido como muito importante para fazer convites de classe, porém a revista silencia a utilização dessa técnica ao longo dos anos e não aparecem mais propagandas destes profissionais nas edições. A caligrafia vai se tornando algo dispensável na medida em que outros padrões de convite entram no mercado, possibilitando fechamentos diferenciados e *tags* como forma de endereçamento.

Outras tradições, como o vestido branco, que virou moda com a Rainha Vitória, em 1830 como sinônimo de pureza e recato, permanecem até os dias de hoje. Mesmo que as noivas não sejam tão ‘puras’ – no sentido religioso que comumente está associado à virgindade, o branco é reiterado e ressignificado de modo a permanecer como tradição.

Seguindo as premissas básicas da moda nupcial, o branco é a cor tradicional para vestir as noivas "Faz parte do ritual. É o que define e diferencia o traje. Qualquer outra cor, como verde-água, azul-pastel ou pérola, deve ser reservada para, por exemplo, um segundo casamento", sentencia o estilista (Rui Spohr) - da mesma forma estampas e florais são permitidos apenas em cerimônias informais, no campo ou durante o dia. Outra regra a ser seguida é o comprimento do vestido "longo sempre. Não importa local e hora". A cerimônia, sublinha o estilista, é uma formalidade, um acontecimento social, pede um traje especial. (Matéria sobre vestido de noiva com Rui Spohr, Ano I, n.1, p.15)

Rui Spohr é um emblemático estilista gaúcho que, na época da entrevista a IC-RS (2005) tinha 76 anos. Rui é posto como sinônimo de elegância nas rodas sociais do Estado (como afirma uma entrevista a revista Donna do jornal Zero Hora em 2013). Pode se dizer que Rui Spohr é tradicional, ele faz parte da cultura nupcial do Estado. Assim, sua fala é considerada praticamente um imperativo. Nessa direção, Rui aponta duas regras que ainda são seguidas fortemente pelas noivas gaúchas: o comprimento longo do vestido e a cor branca. Mesmo que o estilo dos noivos seja despojado e que no convite venham caricaturas e um ar de informalidade, a noiva deveria se apresentar com um vestido longo, branco e que sim, poderá ser mais descolado, desde que atenda aos dois primeiros quesitos. Nas últimas edições analisadas da revista, Rui não é mais chamado e poucas vezes é citado. Essa ausência parece ter a ver justamente com seu tempo de trabalho e sua elegância tão sublinhada. Como dizia Solaine Piccoli na entrevista apresentada anteriormente, a noiva gaúcha é “atenada” e ousada com a moda, buscando desenhos e estilos mais contemporâneos. Rui parece representar uma elegância clássica que não seria mais tão desejada por todas as noivas.

Contudo, outros especialistas chamados pela revista reiteram a importância do clássico na cerimônia. É o caso de Glória Kalil, famosa nacionalmente pelos seus conselhos de etiqueta e refinamento.

IC - Vamos, então, pinçar algumas questões. Casamento tem que ser clássico ou vale reinventar estilo na celebração? GK - O casamento clássico é, sem dúvida, o que corresponde ao ritual que está sendo evocado. Se uma pessoa se propõe a casar na igreja

e vestida de branco, por exemplo, está reiterando um conceito secular de união religiosa, que deve ser seguido e respeitado à risca. Existem códigos que fazem parte do cerimonial. (Entrevista com Glória Kalil, Ano II, n.3, p.23)

Não é apenas a caligrafia nos convites que vai se tornando fora de uso, porém, ao mesmo tempo, tradições são evocadas para tornar o evento uma produção de casamento culturalmente aceita. Segundo Glória Kalil, o fato de celebrar numa igreja vestida de branco já seria comprometer-se com determinados códigos e tradições. Kalil também reitera o modelo de pagar a conta da produção de casamento.

IC - Para finalizar, no século XXI, quem paga a festa? GK - O costume do pai da noiva pagar tudo pode ser conservado se ele fizer questão e/ou tiver condição financeira para isso. De modo geral, os custos da celebração podem ser divididos, ou até assumidos, pela família do noivo. (Entrevista com Glória Kalil, Ano II, n.3, p.33)

O Jornal das Moças de 1950 indicava que, no período de sua publicação, a comemoração do casamento deveria ser custeada pelo pai da noiva. Em contrapartida, a montagem da nova casa (exceto o enxoval que deveria ser trazido pela noiva) era um custo dos pais do noivo. Como a própria Glória comenta, muitos pais – de noivas e noivos – fazem questão de pagar por todos os custos do casamento. Entretanto, cada vez mais, os nubentes têm tomado para si os custos da festa de casamento. Essa decisão parece estar ancorada na idade com que as pessoas têm se casado e sua espera para iniciar a vida juntos depois de certa consolidação no mercado de trabalho. A idade média das noivas e noivos publicados é de 28 e 31 anos, respectivamente, bastante acima da média nacional do registro civil²⁸. Além disso, a revista sempre informa a profissão dos dois. É interessante pensar que, no século XXI, com a colocação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente nas classes altas, é impensável que os próprios noivos possam querer pagar pelos seus sonhos. Aqui a tradição pesa e reitera o ritual como um evento de família, algo que envolve pais e mães, avôs e avós – seja financeira ou simbolicamente.

“Casamento não é apenas a história de duas pessoas, mas também de suas famílias. Usar o vestido da minha mãe é uma homenagem a ela, ao meu pai e à linda união dos dois. Desejo que meu casamento com o Gabriel seja tão feliz e duradouro como é o de meus pais”. (Coluna Noiva.com – fala da noiva, Ano VI, n.12, p.20)

²⁸ A idade média nacional de noivas e noivos é respectivamente 25 e 28 anos. No RS é de 26 para as mulheres e 28 para os homens.

A matéria do excerto acima fala de como essa noiva revitalizou o vestido de casamento de sua mãe para usá-lo em seu casamento. A matéria conta que a mãe guardou o vestido pensando que um dia sua filha poderia usá-lo. O modelo, assinado por Rui Spohr, foi ajustado e revitalizado com a ajuda de Solaine Piccoli e do próprio estilista. A ousadia creditada ao estilo de Solaine pela revista parece ter ressignificado a suposta elegância do modelo de Rui.

A fala da noiva de que o casamento é também a história de suas famílias dá um sentido de continuidade, ao mesmo tempo em que reitera a necessidade de participação das famílias originais na produção de uma nova. É sobre o fundamento deixado por suas famílias que os noivos podem construir uma nova. Além disso, o casamento possibilita a união de duas famílias e amplia o contexto social de ambas, algo que parece ser importante para as famílias que decidem enviar seu casamento para publicação.

O romantismo da arquiteta Manuela de Souza Abichequer, 26, e do administrador de empresas Pedro Vellinho Englert, 29, marcou presença em cada detalhe da cerimônia que os uniu. Desde a escolha da tradicional igreja - cuja fundação teve a participação da família de Pedro - até o local da festa - cenário dos sonhos de infância da noiva. (Casamento – fala da revista, Ano V, n.9,p.65)

Em outra direção, especialmente as mães ocupam um lugar importante no cerimonial. A mãe do noivo comumente entra na cerimônia com seu filho e a mãe da noiva fica ao seu lado durante toda a cerimônia segurando seu buquê. Esse acessório resiste às modas e as histórias sobre sua origem são bastante diversas.

Entre os acessórios que compõe o traje nupcial de uma mulher, sem dúvida o buquê é o mais importante (sic). Originário da antiga Grécia, onde era utilizado como amuleto para espantar o mau-olhado - atravessou séculos fazendo bela figura no altar. (Matéria sobre buquês, Ano II, n.4,p.74)

Parece-me que o buquê é o acessório mais tradicional de uma noiva. Os modelos de vestido, suas cores, o cabelo, as joias, tudo pode mudar, mas o ramo de flores parece permanecer – mesmo que seu formato e estilos variem. As flores são colocadas na produção de casamento pela revista como o que alegra e dá vida. Ao mesmo tempo, em nossa cultura as flores representam delicadeza e romance – palavras que combinam muito bem com o que se entende e se veicula sobre casamento. Nessa direção, faz bastante sentido que as noivas queiram segurar um ramo de flores para entrar na cerimônia – não necessariamente para espantar o mau-olhado ou utilizar-se do perfume das flores – mas porque, como diz a matéria, elas fazem bela figura no altar.

É interessante pensar que, a publicação se preocupa em contextualizar algumas tradições, explicar como elas nasceram e seus significados, tendo em vista que se deve assumir um compromisso com elas sabendo o que ela representa. Contudo, as contradições e as diferentes perspectivas de “origem” das tradições não são contempladas pela revista. Nesse caso em específico, há outra versão para a origem do buquê de flores: ele serviria para amenizar os odores corporais numa época em que banhos e perfumes não eram tão comuns e acessíveis. Essa linha argumentativa indica também que junho – um dos meses mais populares para casar no hemisfério norte – era escolhido pois marcava o início do verão e, com isso, pelo clima mais ameno, os banhos eram mais frequentes. No Brasil, maio é considerado o mês das noivas, contudo, estatísticas indicam que dezembro se tornou o mês com maior número de uniões. A possibilidade das férias de verão costuma ser colocada como a explicação para tal fenômeno. O curioso é que dezembro, assim como junho no hemisfério norte, marca o início do verão no Brasil.

Talvez por ser uma revista semestral no Rio Grande do Sul, a IC-RS não se preocupa muito com esse tipo de questão. Em outra direção, algumas vezes as matérias e entrevistas se dedicam a explicar o cerimonial, as possibilidades de personalização e, também as tradições em outras partes do mundo, chegando a criar uma coluna *Enquanto isso em NY*. Algumas vezes especialistas são chamadas para dizer quais são os protocolos e as formalidades para o evento. Célia Ribeiro, que durante bastante tempo escreveu uma coluna sobre etiqueta no jornal de maior circulação do Estado e publicou vários livros sobre o tema, foi chamada em 2007 para explicar a etiqueta e o ritual de casar-se.

IC - Para os casais que fazem questão de todas as etapas tradicionais que conduzem ao casamento, qual a maneira mais indicada de organizar o noivado? CR - O noivado está se adequando aos costumes modernos, como uma maneira de formalizar o namoro e, ainda, preparar o casamento. Se os namorados não mais viverem na casa dos pais, forem independentes financeiramente, não é preciso que o noivo faça um pedido de casamento como antigamente. É numa conversa informal com os pais da noiva que os planos são apresentados por ele com objetividade. No caso dos namorados optarem por uma festa de noivado, é muito simpático colocar as alianças na mão direita diante dos convidados. Um momento especial, ao som do tim-tim das taças de espumante. É bom frisar que não se faz bolo de noivado: ele fica para o casamento. (Entrevista com Célia Ribeiro, Ano III, n.6,p.15)

O noivado, como comentei anteriormente, é considerado uma promessa de casamento. Pela falta de um registro deste tipo de relação e de pesquisas qualitativas sobre o noivado, não consigo precisar quando, mas, ao longo do século XX, ele foi perdendo espaço entre as comemorações e ritos familiares. Contudo, talvez pelo recrudescimento das produções de casamento, o noivado voltou a ser algo importante. Comumente, ao relatar os casamentos, a IC-RS indica como o noivo fez o pedido de casamento ou quando e onde ficaram noivos.

Parece-me que o noivado do século XXI não é o mesmo que o do início do século anterior. Ao invés de ser uma apresentação ou satisfação à sociedade, o noivado contemporâneo se coloca como um evento de dois, do casal. O ficar noivo se coloca como um momento especial na vida do casal, em que se começa a sonhar de forma mais concreta e a planejar o casamento. Tendo em vista que a idade de noivos e noivas atualmente é mais alta do que há 30 anos, parece não fazer sentido pedir a mão da noiva ao seu pai. Desse modo, a decisão passa a ser apenas do casal em unir-se e não mais um compromisso firmado pelas famílias.

Como fala Célia Ribeiro na entrevista, a tradição estaria se adequando às contingências atuais. Ao resignificar os atos eles passam a ser outras ações. Assim, por mais que o ritual de colocar uma aliança de ouro na mão direita e trocá-la para a esquerda no dia do casamento continue sendo semelhante, os discursos que produzem essa ação o transformam em algo completamente distinto do ato anterior. Porém, os antigos significados permanecem reverberando e produzindo o que se entende por noivar e casar. Um dos rastros que persistem no ritual do noivado é o fato de o pedido ser feito pelo noivo. Inúmeros são os artefatos culturais que colocam mulheres que pedem seus companheiros em casamento como desesperadas. Assim, reitera-se que essa decisão cabe aos homens e que às mulheres resta esperar pelo pedido. A suposta passividade feminina ganha espaço neste contexto, tendo em vista que, mesmo que o casal seja independente financeiramente de seus pais, o noivo deve tratar de seus objetivos aos pais da noiva, ainda que seja num tom informal e sem pedir-lhes a mão da filha, como explica Célia. A entrevistada ainda coloca que o bolo é uma tradição do casamento e não pode ser transportada a uma festa de noivado.

Pode-se dizer que as tradições trazidas à tona pela revista não se fixam apenas nos rituais de casamento, elas também tratam de modos de ser e viver a conjugalidade culturalmente constituídos e aceitos. Na seção anterior, discuti uma matéria sobre os

chás que devem ser realizados antes do casamento. Em uma das falas trazidas na matéria, a noiva entrevistada conta que decidiu fazer um chá-de-lingerie, uma escolha bem contemporânea.

Depois de ir a um chá-de-lingerie de uma amiga e conhecer a Santo Babado, a farmacêutica Vanessa Netto decidiu pelo mesmo perfil de evento para sua despedida de solteira. "Achei a idéia muito inovadora. Acredito que as mulheres desta geração estão mais preocupadas com a qualidade de seus casamentos e buscam alternativas para manter a união fora da rotina", diz. Sem falar que foram momentos de muita alegria para ela e seus convidados. (Matéria sobre chá de panela, Ano III, n.6, p.109)

De algum modo, pode-se dizer que há uma quebra de tradição ao fazer um chá que não é de utensílios domésticos, mas de lingerie sensuais em que se beberá espumante e haverá uma conversa com uma sexóloga. Entretanto, a busca por essa alternativa tem como argumento que as mulheres preocupam-se com seus casamentos. Se, outrora, os discursos que produziam mulheres preocupadas com seus casamentos estavam ligados à rotina doméstica, atualmente eles parecem ter se voltado a questões como satisfação sexual e emocional. Mesmo com essas diferenças quanto ao que faz um bom casamento, há uma continuidade nos discursos que colocam o bom casamento como uma das atribuições das esposas. Nessa direção, manter a união fora da rotina, apimentá-la e torná-la adequada às expectativas de uma conjugalidade mais simétrica fazem parte dos discursos sobre o ser esposa apresentado pela revista. Em alguma medida, o chá-de-lingerie parece ser um bom instrumento para aprender a ser uma boa esposa contemporânea.

A resignificação dessas tradições parece constituir-se numa complexa teia discursiva que, ao mesmo tempo em que se coloca como progressista ante algumas posições de sujeito reitera atributos e valores considerados conservadores. Assim, a revista produz e veicula discursos que podem parecer contraditórios, mas acabam por se complementarem na formação dos sujeitos-noiva e noivo, bem como daquilo que se entende como uma produção de casamento. Uma propaganda veiculada na última edição analisada (Ano VIII, n.15), trazia uma jovem branca, com o corpo de frente para a câmera e olhando para o lado. Na imagem ela veste um corselete branco tomara-quecaia e, por cima, um penhoar também branco de tecido leve. Seu gesto dá a impressão de que ela está tirando o penhoar.



Figura 2 (Ano VII, n.15, p.83)

Trata-se de uma propaganda de um novo produto, o Boudoir, um ensaio sensual para noivas. Aqui, o uso de lingerie branca, culturalmente é associada à noite de núpcias, numa cena de sensualidade contribui para a desconstrução da ideia de noiva pura, sublime e lírica. A proposta não é apenas fazer fotos de noiva, é colocar a sensualidade no contexto do ser noiva. Nessa direção, rompe-se com o discurso de castidade e pureza pré-nupcial ao indicar que o sujeito-noiva é dotado de sexualidade. Contudo é necessário fazer-se sensual para o ensaio de fotos. A sensualidade não é inerente, ela deve ser inserida através de roupas e acessórios que demarquem a noção do que é considerado *sexy*. Assim, ensina-se às mulheres-noivas que faz parte do ser noiva uma sensualidade específica, ligada ao branco e à delicadeza.

Ao mesmo tempo, o feminino é colocado como protagonista dessa inserção da sensualidade no casamento. Além disso, parece-me que a ideia do ensaio é tornar-se sensual para os olhos de outrem, provavelmente o noivo. Laura Mulvey (1975), em seu trabalho clássico *Visual pleasure and narrative cinema*, indica que as imagens produzidas pelo cinema são formadas predominantemente pelo olhar masculino, tornando o feminino como objeto passivo desse olhar. Isso implica que as imagens

produzidas têm como objetivo, em alguma medida, agradar o olhar masculino. Acredito que esse discurso veiculado pelas imagens tornou o olhar da cultura um olhar masculino. Assim, mesmo que a intenção seja fotografar para si mesma – como muitas mulheres “anônimas” que o fazem apontam -, como um modo de amor-próprio, o que se busca é um prazer masculinizado. Posar como uma noiva sensual parece ser posar para o olhar do noivo.

Ao mesmo tempo em que se coloca as mulheres como protagonistas da sensualidade e como responsáveis pela satisfação sexual no casamento, também há propagandas como a que segue:

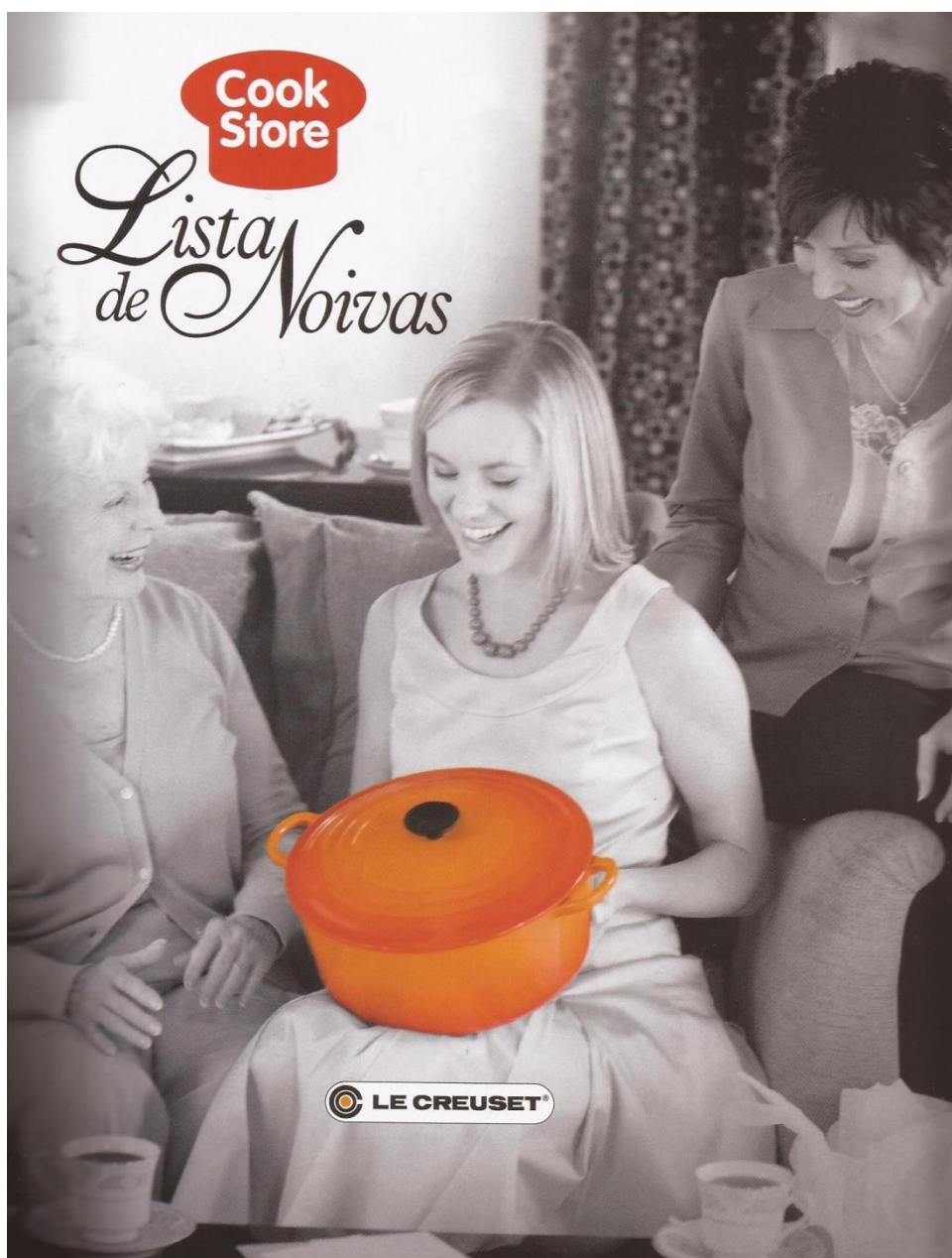


Figura 3 (Ano V, n.9, p.13)

Na imagem em preto e branco temos no centro uma mulher jovem, branca, sentada num sofá. Ela está com um vestido claro, com saia mais cheia, o molde lembra os anos 50. Ela sorri enquanto olha para a caçarola *Le Creuset* que está em suas mãos. A caçarola está em cores. No lado esquerdo, há uma senhora sentada virada para a jovem e olhando para ela. A senhora já tem cabelos brancos e parece ser a avó da jovem. No lado direito há outra mulher, de meia-idade, que parece ser sua mãe. Ela está sentada no braço do sofá, olhando e sorrindo para a caçarola e com uma das mãos nas costas da jovem. Veem-se, então, três gerações de mulheres que parecem valorizar os apetrechos de suas cozinhas. A presumida noiva está feliz por ter ganhado uma panela. É verdade que não é uma panela comum, é uma *Le Creuset*, uma marca de estilo, de classe e de consumo (uma caçarola semelhante a da propaganda custa em torno de mil reais). Porém, mesmo sendo uma panela com estes atributos, ela ainda é uma panela e está ligada às discursividades sobre feminino e espaço doméstico que nossa cultura produz e veicula. A tradição da marca passada de geração em geração filia-se ao imaginário das receitas de família, do cuidado em assumir as tarefas domésticas e do modelo familiar em que a mulher-esposa-mãe é responsável por cuidar e gerenciar a família.

Em outra direção, ao tratar do casamento real mais badalado deste século, fala-se em como os cabelos das noivas devem ser e o que eles representam.

Já para César, do salão Mirage, Kate quis quebrar um pouco as regras fazendo sua própria maquiagem e usando os cabelos soltos. "Acho que a forma despojada do penteado da princesa vai virar tendência entre as madrinhas, mas para as noivas continuo preferindo os cabelos presos", afirma. E César vai ainda mais longe. "Os cabelos presos em uma noiva representam obediência e compromisso, e, ao usá-los de forma natural, Kate quis passar ao mundo a mensagem de que é uma mulher moderna e autêntica". Ponto para ela. (Matéria sobre o casamento real, Ano VII, n.13, p.40)

Ao folhear as páginas das revistas analisadas, boa parte das noivas que vemos está com seus cabelos presos, muitas vezes em um coque. O especialista chamado pela revista para comentar a produção de Kate Middleton afirma que ao deixar os cabelos soltos, a noiva quebrou parte das regras, mostrou-se moderna e autêntica. Com isso, pode-se pensar que ser autêntica e moderna, ou atualizada, significa quebrar as regras do ser noiva. Como Glória Kalil indicava em sua entrevista, casar seria evocar o ritual clássico ou deveria ser personalizado como indica vários discursos veiculados na revista? Há alguns limites da tradição que não devem ser ultrapassados. Parece ser o caso dos cabelos soltos, que serviriam, aqui no Brasil, para madrinhas, mas não serviria

para noivas comuns que devem submeter-se à obediência às regras e às tradições, talvez para alguns, até ao marido. O interessante é que os cabelos presos são vistos como cabelos de noiva, ensinando nosso olhar de que eles são mais bonitos e elegantes. De tanto ver noivas com cabelo preso aprendemos que ele é o mais bonito e que ser noiva, é ter os cabelos presos, ao menos na cerimônia religiosa. Além disso, é comum ouvir coisas como o próprio especialista diz, noiva é cabelo preso.

O discurso de que o casamento seria a possibilidade de viver um dia de princesa e todos os sonhos que o acompanham parece não ser possível em relação ao penteado, tendo em vista que, nessa matéria, a ‘realidade’ da princesa se coloca como muito distante daquela das noivas comuns, que serão princesas apenas por um dia e não a vida inteira, como é o caso de Kate. Os cabelos soltos parecem, então, não ser uma possibilidade para as noivas que procuram classe e elegância. Não obstante, existe uma tradição que permite os cabelos soltos, a chamada tradição gaúcha.

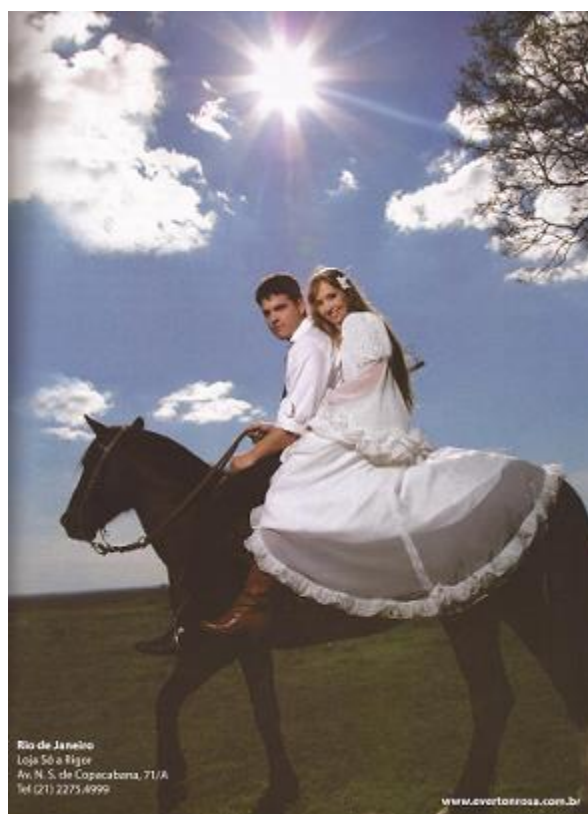


Figura 4(Ano III, n.6, p.12s)

A foto em duas páginas tem como plano de fundo uma pradaria. Não há nada no horizonte a não ser o céu azul com algumas nuvens brancas. No primeiro plano um cavalo negro e montado nele um homem vestido como um “noivo de bombacha” e uma mulher com um vestido estilo prenda, todo branco, e usando botas marrons. Ela está na

garupa dele, com os cabelos soltos e uma flor de tecido acima da orelha. São noivos gaúchos. Parece haver, então, um jeito específico no tradicionalismo gaúcho de celebrar um casamento. Seria na campanha, montados a cavalo, pilchados, seguindo as tradições gaúchas.

Assim, essa quebra de tradições, no Rio Grande do Sul parece ser permitida, tendo em vista que aqui, as chamadas tradições gauchescas tem um peso bastante grande na vida cultural. Além disso, alguns marcos permanecem: o vestido branco, a vestimenta de gala do noivo, o olhar de serenidade e o romance que a paisagem inspira. Os limites que a tradição impõe estão ali, contudo trata-se de distintas tradições e, nesse local específico, é possível intercambiá-las.

Mesmo para aqueles casais que não se veem casando no pampa, a regionalização das tendências e das tradições se coloca nos discursos da revista.

IC - Em relação ao resto do país, as noivas de Porto Alegre preferem um look mais ousado para o casamento, com detalhes sensuais como decotes, fendas e transparências. Como você analisa essa tendência? SP - A mulher gaúcha é antenada, exigente e quer ser única no dia do seu casamento. Para uma estilista isto é um comportamento extremamente positivo, já que permite a inovação. Mesmo sendo o casamento uma cerimônia clássica, pode-se imprimir o estilo de cada cliente nas criações, mas lembrando sempre que excessos são condenáveis. (Entrevista com Solaine Picolli, Ano II, n.4, p.15)

Assim, a ousadia das noivas da capital parece contrastar com as que desejam seguir o estilo “prenda”, tendo em vista que decotes e pedrarias não são aceitos dentro do Movimento de Tradições Gaúchas. A simplicidade e o recato são marcas das prendas. Numa produção de casamento clássica, deve se seguir as tradições das rendas e dos bordados, inclusive a tradição regional de ser ousada e sensual. As marcas da regionalização potencializam as tradições existentes ao mesmo tempo em que inventam outras, por exemplo, a ousadia e sensualidade da mulher gaúcha ao casar. Há que se pensar que talvez a maior tradição, seja mesmo o fato de casar-se. E mesmo essa tradição ganha contornos distintos a cada período.

Uma sessão fotográfica para aqueles que já casaram, para quem irá casar e também para quem não pretende, mas gostaria de experimentar a sensação de vestir-se de noivo e noiva. O street wedding é um novo conceito de casamento que consiste em, literalmente, levar à rua um casal para ser fotografado e colocar suas emoções à prova. O fotógrafo, juntamente com o casal, define um cenário, e os rituais de um casamento como bolo, alianças, champagne, buquê e as juras matrimoniais podem se fazer presentes. (Propaganda, Ano VI, n.11, p.6)

Os modos de realizar ou não um casamento podem mudar, mas os discursos que nos ensinam que o casamento seria o momento mais importante da vida de um casal e, em especial, das mulheres, não param de proliferar. Isso não significa que os discursos sobre o casamento se mantenham os mesmos ao longo do tempo. Ao contrário, é por razões bem distintas que se deseja o casamento atualmente. A lógica da espetacularização do eu, que investe na produção de sujeitos cada vez mais ensimesmados e orgulhosos de seus feitos cotidianos, além da imbricação entre consumo e amor romântico, pode ser entendida como o elo que constitui as condições de possibilidade dos desejos de casar. Assim, o sentir-se noiva e produzir-se enquanto tal para tirar fotos, que poderão ser compartilhadas com o mundo todo através das redes sociais, parece colocar-se como tão importante ou até mais que os ritos civis e religiosos que costumam corporificar uma união entre duas pessoas. A reiteração do ser noiva ocorre justamente porque esse desejo não é universal e compartilhado por todas as mulheres. É importante investir no desejo de ser noiva para que se possa manter um ciclo de consumo além de fazer perpetuar a família nuclear monogâmica que se diz estar ruindo. Na medida em que alguns atestam o fim da família, investe-se na produção do desejo de constituir uma família oficializada e segundo as regras culturais vigentes.

4 A importância do dia

Além de indicar o que faz parte de uma produção de casamento, a IC-RS investe em ensinar que a celebração do casamento é um momento muito importante, o que parece justificar os gastos com essa produção. Tornar a produção de casamento algo importante, um marco nas vidas das pessoas que estão se unindo, permite colocá-lo em diferentes esferas discursivas: como rito religioso, como contrato jurídico, como a produção do sujeito-noiva e depois de esposa, como evento social, como forma de viver os sonhos de princesa construídos ao longo dos anos, como inserção nos discursos do amor romântico e como modo de colocar-se dentro da lógica de consumo contemporânea.

Muitas vezes, os discursos do amor romântico vão produzindo engrenagens e articulações com os demais discursos, dando sentido e significados para o ato de casar. Assim, o casamento é constituído como um evento que envolve questões jurídicas, religiosas, psíquicas e de consumo. Nessa direção, são muitos os profissionais que se envolvem na realização de um casamento, o que demanda um intenso trabalho.

A aliança de noivado está prestes a trocar de mão. Com a data do casamento marcada, é hora de iniciar uma série de tarefas que não podem ser esquecidas. O caminho para que tudo saia como planejado é um bom cronograma e muita organização. A seguir, para facilitar a agitada agenda da noiva, uma listagem com as principais providências na produção nupcial. (Agenda da noiva, Ano III, n.7, p.132)

A preparação do casamento envolve um cronograma que deve ser respeitado para que as coisas saiam como planejado. Haveria momentos corretos e adequados para a contratação de determinados serviços, assim como prazos para o agendamento da igreja – que muitas vezes envolve a produção de documentos, assim como no casamento civil -, da cerimônia civil. Taxas que devem ser pagas, como as do Ecad²⁹ e as de produção de documentos, planejamento e projeto da iluminação e da decoração.

A organização de um cronograma específico sinaliza que o que se está planejando não é algo simples ou da vida ordinária. O planejamento é importante, não só porque a organização facilita qualquer trabalho – como é veiculado em nossa cultura de *personal organizers* –, mas especialmente porque o que se está planejando é extremamente importante. Além disso, a maior parte dos nubentes está realizando seu

²⁹ Ecad é o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição. É a partir desse escritório que são repassados e distribuídos os valores referentes aos direitos autorais das músicas aos seus autores.

primeiro casamento, o que implica em não possuir prática na organização de uma festa com a dimensão desta.

Mesmo com a crescente onda de espetacularização de si que transforma todas as etapas da vida em grandes acontecimentos, o casamento continua sendo o de maior dimensão e impacto financeiro na vida das famílias, visto que há uma proliferação de discursos que o colocam como tal. Após tanto envolvimento e dedicação para organizar a produção de casamento, a arquiteta e cerimonialista Roberta Jalfim dá a dica:

No dia do evento, os noivos devem desfrutar ao máximo tudo que foi planejado: "subir ao altar é momento culminante de meses de trabalho", finaliza a arquiteta. (Matéria sobre cerimonial, Ano II, n.3, p.29)

Um casamento dá trabalho. Não só para quem trabalha em sua produção, mas para os nubentes também. Aqui, a especialista indica que o altar é o fim de uma longa jornada de planejamento e que, quando ele chega, tudo deve ser aproveitado. É interessante pensar também que casar é trabalhoso, mas não pela construção da vida a dois que demanda, segundo diversas perspectivas da área psicológica, maturidade psíquica para poder viver em conjunto sem perder a individualidade; casar requer trabalho: é preciso organizar as ideias, fazer um planejamento financeiro, escolher os sonhos que serão levados a cabo, criar listas de presentes, escolher vestidos, cores, músicas, cardápios etc. Produzir um casamento é estafante, mesmo com as fadas madrinhas que orquestram todo o espetáculo.

SIM. O grande dia chegou! Com a Festamorfose, sua festa se transforma em um momento inesquecível. Excelência em organização de eventos. Você pede e a gente realiza. (Propaganda, Ano VI, n.11, p.142)

Como dito no capítulo anterior, as “fadas madrinhas” das produções de casamento tornaram-se muito importantes nessa cultura de festas megaproduzidas e espetaculares. A contratação de um serviço como esse (que costuma custar 10% do valor total da festa) se relaciona com um acontecimento que não irá se repetir, é o grande dia e merece ser inesquecível. As noivas e noivos parecem ser colocados como incapazes de organizar seus casamentos sozinhos. Os discursos produzidos e veiculados pela IC-RS colocam a realização de uma festa desse porte como algo profissional que requer habilidades técnicas as quais não estão ao alcance das noivas (postas num lugar de mais interessadas e envolvidas no contexto matrimonial), quanto mais de seus noivos.

Passados seis anos, comemoramos o sucesso e continuamos a caminhar em constante inovação e perfeição. Isso mesmo: perfeição! Por que no dia do casamento tudo deve estar em sintonia, do vestido à decoração da festa. Afinal, este é o momento que toda mulher espera desde menina. (Propaganda, Ano IV, n.8,p.12)

A necessidade de profissionais que deem conta da produção da festa está colocada como a única possibilidade de fazer um casamento perfeito, algo tão importante e especial na vida das mulheres e dos homens. O que se diz nessa propaganda é que o casamento é esperado e desejado pelas mulheres e que a construção deste desejo é feita durante toda a vida. A espera pelo casamento o coloca numa espécie de sonho irrealizável, inalcançável. A chegada do casamento torna-se, então, um triunfo glorioso. Assim, o projeto de transformação de uma menina em mulher parece ser finalizado. Nessa direção, o casamento seria colocado como um marco da vida, e, portanto, deveria ser vivido e realizado com perfeição. A IC-RS torna-se parte de uma parafernália que irá ajudar as noivas a produzir o casamento perfeito, especialmente apresentando profissionais que poderão realizar esse projeto. A insistência no casamento perfeito nos lembra que várias produções de casamento não o são. Portanto, a revista se coloca no lugar de quem deve alertar e ensinar às noivas que o casamento é algo sério, que não se repetirá e que deve ser muito bem planejado.

Do namoro até o surpreendente pedido de casamento - durante uma festa de aniversário dela - apenas dez meses havia se passado. A partir de então, começaram a providenciar os detalhes para o dia mais importante de suas vidas. (Casamento – fala da revista, Ano V, n.9, p.109)

O discurso da importância do dia do casamento vai se alastrando da noiva para o casal. Parece que o que se coloca como desejo da noiva, aos poucos, vai se tornando em desejo do casal. Porém, o casamento não é dito como o dia mais importante do noivo. Os discursos que tratam de produzir o casamento como um evento de extrema importância o colocam como importante para as noivas e para o casal. Em nossa cultura temos visto uma crescente valorização e visibilização do feminino através das lutas dos movimentos sociais. O aumento da escolaridade, os direitos conquistados com o feminismo e a chegada de mulheres a postos importantes política e economicamente possibilitaram as condições para que o que culturalmente se atribui como feminino não seja entendido como irrelevante ou desprezível. Os desejos e ambições femininas foram ganhando maior espaço nos circuitos culturais e cada vez mais se torna importante levá-los em conta numa relação conjugal. Assim, parece-me que o casamento coloca-se

como relevante dentro do casal pela presença feminina em suas decisões. Pode-se dizer, então, que os sujeitos-noivos são trazidos ao contexto das produções de casamento pelas mãos dos sujeitos-noivas.

E com conhecimento de causa, Celia aconselha os noivos modernos a curtir intensamente todos os momentos da celebração - uma ocasião única na vida do casal. (Entrevista com Célia Ribeiro, Ano III, n.6, p.14)

A reiteração do casamento como um marco na vida de casal permanece em todas as edições. Por ser algo que não se repete, recai uma grande responsabilidade em fazê-lo da melhor forma possível, pois este casal não o fará novamente, portanto não há espaço para erros ou faltas. A produção é um acontecimento na vida de casal, segundo a entrevista de Celia Ribeiro.

Entendendo acontecimento a partir de Foucault, têm-se dois sentidos: um sentido de inovação e diferenciação e outro que remete às regularidades históricas, ao que Foucault chama de acontecimento discursivo. Em *As palavras e as coisas*, Foucault (1999) ensina que devemos assumir a descontinuidade das regularidades e a materialidade das condições de possibilidade das transformações. A partir disso pode-se pensar que as produções de casamento colocam-se como acontecimentos na medida em que é possível ver suas regularidades e suas descontinuidades ao longo do tempo. Trata-se de uma prática discursiva que produz os indivíduos enquanto sujeitos. Tendo em vista as produções espetacularizadas de casamento contemporâneas, podemos pensar que essa prática faz parte das condutas que “convertem a vida em história” (CASTRO, 2009, p.39). Desse modo, o casamento parece ser uma dessas práticas que converte a vida em história, na medida que a espetacularização vem proporcionando a multiplicação dos acontecimentos e sua replicação.

Nessa direção, é possível mapear que as produções de casamento formam-se através de discursos da espetacularização do eu, da domesticidade feminina e da conjugalidade simétrica. Tais discursos têm como base diferentes campos de saber e se proliferam em distintos artefatos culturais. Assim, ao dizer que o casamento é um acontecimento na vida de um casal, insere-se tal ritual nas práticas que nos produzem enquanto sujeitos e enquanto casal. É interessante pensar que o casal é tomado como um ente além dos sujeitos que o formam, como se ele possuísse desejos e sonhos distintos de quem o compõem. Desse modo, acredito que o casal se torna um sujeito específico

sobre o qual são realizados investimentos discursivos que pretendem torná-lo socialmente adequado.

A lua-de-mel não é um simples passeio de férias, e sim a mais importante viagem romântica de um casal, planejada e aguardada com entusiasmo. (Matéria sobre lua de mel, Ano III, n.6, p.120)

Novamente, o casal aparece aqui como um ente que possuiria vida própria. Ao descrever e investir em determinadas ações e comportamentos de casal, a revista passa a constituir o que um casal deveria ser. Nessa direção, parece que a produção de casamento é uma prática que tenta fundir os sujeitos em um outro, o casal. O sujeito casal emerge de discursos que pretendem tornar os desejos dos sujeitos-noiva e noivo um só, como se neste momento as decisões e escolhas devam ser realizadas em conjunto e não individualmente. A partir da produção de casamento e da execução de seu projeto, os sujeitos-noiva e noivo entram em uma nova fase em que se tornam esposa e esposo, além do sujeito comum casal. Para marcar essa nova fase, a lua-de-mel desponta como o último suspiro dos momentos de realização dos sonhos. Assim, como importante marco da transição entre o sonho e a concretude da vida cotidiana, a lua de mel deverá ser planejada e aguardada, tal como o casamento, com esmero e felicidade. Como dito anteriormente, a produção desse evento só termina com o fim da lua de mel. Parece que somente após o retorno para casa, ao retomar a vida cotidiana, é que esse momento de atenções especiais acaba.

A preparação dessa viagem deve contar com a mesma dedicação e empenho. Embora a lua de mel não entre no rol dos sonhos da vida inteira, ela está entre as realizações grandiosas que envolvem o casamento propagado pela IC-RS.

Você sonhou a vida inteira com o "grande dia" e agora ele finalmente chegou. O que você não imagina é que a realidade pode ser ainda melhor. A Sonhos A2 foi criada à partir da experiência de 21 anos em viagens personalizadas nos cinco continentes para transformar sua lua de mel em um acontecimento cinematográfico. (Propaganda, Ano VII, n.15, p.187)

É interessante analisar que, embora muitas vezes a revista se dirija ao casal e afirme que as escolhas devem ser feitas dentro do escopo de um sujeito que integre os sujeitos que formam a parceria, em muitos momentos, as falas se remetem a um sujeito no singular, comumente este sujeito é a mulher-noiva.

De modo similar aos demais itens das produções de casamento, para planejar e viver uma lua de mel à altura da festa, é importante procurar um especialista que possa auxiliar nas escolhas e no que é considerado mais adequado para cada casal. Assim, a contratação de bons profissionais é uma marca de tudo o que envolve a produção de um casamento. A importância desse evento o coloca num lugar em que não é possível abrir mão de profissionais para realizá-lo. E a importância deste evento está na consolidação de uma união que culmina na constituição de um novo sujeito, o casal.

4.1 Contratar bons profissionais

Uma das missões das noivas é preocupar-se em contratar bons profissionais. Se este evento é o dia mais importante de suas vidas e da vida enquanto casal, é mister que utilizem todos os recursos possíveis para contratar profissionais competentes e que saibam tornar este dia o mais especial de todos.

O propósito da IC é levar ao seu público, as noivas, os melhores profissionais de festas de cada região. Assim, mesmo sendo uma festa da família, sua produção é profissionalizada e terceirizada. Os discursos presentes na revista indicam que tudo deve ser feito por profissionais, visto que eles têm experiência e capacidade técnica para organizar uma festa deste porte. Nessa direção, os discursos veiculados posicionam os noivos e suas famílias como convidados em sua própria festa, visto que haverá pessoas para trabalhar em todas as áreas, sem a necessidade de preocupações durante o evento.

Na matéria *15 dicas para um casamento inesquecível* da edição n.15 da Revista, foram convidados profissionais de diferentes áreas do mercado de festas gaúcho para dizer o que era essencial nessa produção. A dica n.2 vem de uma cerimonialista importante do ramo:

2. Buscar profissionais com credibilidade, dedicados e comprometidos com seus clientes é fundamental. É preciso estar ciente que através do cerimonial será possível criar as condições necessárias ao desenvolvimento do trabalho, organização e concepção do evento. (Matéria especial sobre casamento inesquecível, Ano VII, n.15, p.173)

Ao mesmo tempo em que se diz que a noiva é a estrela do casamento e que neste dia todos os seus sonhos se tornam realidade, é a cerimonialista e as/os profissionais que ela comanda que detém os saberes para tornar este evento possível. Estabelece-se aí uma relação entre noiva e cerimonialista que precisa estar afinada. As relações de poder

exercidas por essas duas mulheres colocam-se em parâmetros distintos, tendo em vista que uma é a “dona” da festa e a outra é quem pode torná-la ‘real’. São os profissionais envolvidos que fazem o sonho se tornar realidade. Assim, é preciso contratar os melhores trabalhadores da área para ter a segurança de que o grande dia será como idealizado. Além disso, neste excerto ainda se coloca a necessidade de um bom cerimonial que orquestrará toda a produção. As cerimonialistas são as profissionais mais chamadas pela revista e as que parecem ter a maior responsabilidade pelo evento.

Jogo de cintura é fundamental na agitada rotina dessas profissionais. Ao longo do caminho até o tão esperado "sim" muitos imprevistos podem acontecer - e para que os noivos não percam a calma, entra em cena a competência das cerimonialistas ou produtoras de eventos, cuja principal função é comandar cada etapa da boda e sugerir desde cardápios até estilos musicais, decoração e iluminação dos ambientes. Um dinâmico trabalho que se inicia cerca de um ano antes do "grande dia" e só termina depois que a última luz é desligada nos salões. (Matéria sobre cerimonial, Ano II, n.3, p.24)

Parece que nos casamentos contemporâneos além do casal de noivos uma terceira pessoa é completamente incorporada: a cerimonialista. Parece ser impossível fazer uma produção de casamento, especialmente de luxo, sem ela. Os saberes que essas profissionais detêm são colocados quase como segredos, uma arte de organizar festas que não deve ser divulgada para manter a necessidade dessas profissionais na produção de um casamento. Mesmo que elas deem dicas e mostrem alguns caminhos, suas técnicas permanecem “secretas” de modo que nunca uma noiva saberá exatamente o que é o trabalho de uma cerimonialista.

Outro argumento largamente difundido é de que as noivas contemporâneas não têm tempo suficiente para dedicar-se à produção de suas festas. A ideia é de que uma produção desse porte demanda um trabalho em tempo integral para realizá-lo de forma adequada.

Depois do pedido do casamento, o desafio dos noivos é materializar seus sonhos e expectativas de um evento perfeito. A ansiedade somada à falta de experiência no assunto, esbarra na necessidade da contratação de um profissional para direcionar toda a produção que implica a decisão de casar. (Matéria sobre cerimonial, Ano III, n.7, p.40)

Produzir um casamento é um desafio para os nubentes, mas para as/os profissionais da área é um trabalho. A falta de experiência é colocada como outro argumento para a contratação de pessoas para elaborar e executar o projeto de casamento. Além disso, os discursos que produzem o casamento como algo desejado e

sonhado durante toda a vida produz uma sensação de ansiedade quando finalmente o momento se aproxima. Assim, ao ensinar o que é um casamento, também se ensina as sensações e emoções que deveriam ser sentidas.

Casar, como explica o excerto, parece implicar numa produção de casamento. E essa produção, para ser bem sucedida, deve contar com profissionais capacitados. Não é possível realizar o sonho de casar sozinha. É necessário valer-se dos profissionais corretos e de qualidade para que isso aconteça. A técnica e os saberes envolvidos em toda a produção de uma festa aparecem em diferentes momentos na IC-RS. Há uma tecnologia em projetar festas e é reiterado que nem todos estão habilitados a fazer isso. Apenas os bons profissionais. Não há espaço para amadorismos nesse tipo de celebração, especialmente nas classes A e B, público leitor da revista.

Por fim, seja lá onde for o seu casamento, planejá-lo é sempre uma delícia; por isso, curta ao máximo todas as etapas que o antecedem... Quando você se der conta já vai estar casada! E não esqueça que contratar uma assessoria de eventos, poupa muita dor de cabeça. As empresas estão acostumadas a cuidar de toda a organização do evento. Escolher um profissional sério e recomendado por alguém que você confia é fundamental. (Coluna Casamenteiras, Ano VI, n.12, p.63)

Uma das sensações que o discurso veiculado pretende difundir é que organizar um casamento é uma tarefa muito difícil, estafante e trabalhosa. Mas, ao mesmo tempo, esses discursos constituem o casamento como o momento mais especial da vida de uma mulher e do casal. Nessa direção, a preparação para o casamento parece encaixar-se no dito popular sobre a maternidade: “padecer no paraíso”. Seria a produção de casamento um treino para a maternidade? Em alguma medida, mesmo que isso não seja dito explicitamente, pode se pensar que sim, uma vez que alguns desafios apontados e emoções que deveriam ser sentidas são semelhantes ao que se produz discursivamente sobre a maternidade.

Mesmo com todas as dificuldades e o trabalho que deve ser feito, é uma delícia organizar o casamento. Assim, para curtir de fato esse momento, é preciso contar com a ajuda de especialistas. A partir da cultura de espetacularização de si e do cotidiano, não é apenas o dia do casamento que se torna importante, mas toda a preparação que o antecede, tendo em vista que isso constitui a própria festa. Parece ser nessa direção que muitos sites de noivas surgem na internet como forma de falar de si, de colocar-se em exposição, ao mesmo tempo em que auxilia outras noivas e até profissionais a organizarem suas festas.

Na organização, Anna Medeiros e Neca Esbroglio formaram uma dupla perfeita e transformaram em realidade todos os desejos do jovem casal. "Para o meu casamento, queria abusar da criatividade, e por isso nenhum detalhe passou despercebido", conta Xuxa [a noiva]. (Casamento – fala da revista e da noiva, Ano III,n.7,p.45)

Os desejos das noivas parecem se tomados como desejos do casal. A própria fala da noiva, ao utilizar o pronome possessivo no singular, indica o casamento como algo do âmbito dela. Ao mesmo tempo em que se produz, a partir de determinados discursos, um sujeito casal, em muitas vezes ele é formado a partir das posições de sujeito femininas. De algum modo, o que se ensina é que os desejos femininos podem ser convertidos em desejos do casal. De qualquer modo, a presença desse sujeito casal deixa marcas, como por exemplo, colocar os noivos em posição de, pelo menos, corresponsabilidade pela produção de casamento.

Assim, as inovações e o estilo do casal devem ser levados em conta até mesmo na hora de escolher os profissionais que irão executar o evento. Cada profissional tem um estilo próprio e cabe a quem está casando saber fazer essa escolha. Na medida em que a/o profissional contratado entende o projeto a ser realizado ela/e poderá convocar outros profissionais para produzir o casamento.

Mas não é só de cerimonialistas que um casamento é feito. Elas são o nó que liga os demais fios dessa trama. Assim como os serviços oferecidos se multiplicam, os fornecedores e prestadores também. É por isso que as noivas e os noivos se tornam responsáveis pelas escolhas que fazem no momento de contratar e escolher quem irá produzir seu casamento. Da mesma forma como se escolhe as cerimonialistas, é importante entender o estilo de cada fornecedor para que ele agregue e torne o ambiente da festa único.

Desde coquetéis volantes, onde tradicionais canapés dividem o espaço com criações de vanguarda, até banquetes imponentes, são muitas as opções na hora dos noivos decidirem pelo cardápio da festa. Servir os convidados bem, e com estilo, começa na escolha dos profissionais que vão comandar o forno e o fogão. (Matéria sobre buffet, Ano III, n.6,p.102)

Por ser um dia único, os fornecedores devem ser escolhidos a dedo dentro os melhores profissionais do mercado. A matéria do excerto acima continua com os nomes dos grandes chefs do Estado e suas criações para produções de casamento. Assim, entende-se que as noivas e noivos estão informados e poderão fazer a melhor escolha. A importância dessa escolha não está só na realização dos sonhos, mas também na

necessidade de atender bem os convidados e proporcionar uma festa em grande estilo, seja ele qual for. Isso implica numa responsabilização muito grande em relação às escolhas que são feitas. As profissionais de cerimonial se colocam como grandes trunfos neste momento, tendo em vista que elas conhecem os profissionais do mercado e estão acostumadas a lidar com este tipo de decisão cotidianamente.

Ao mesmo tempo, mesmo sendo essa uma relação de prestação de serviços em que os consumidores estão de algum modo protegidos pelas leis, se o serviço não for prestado ou houver algum problema, uma indenização não paga a perda deste dia tão importante. Uma indenização, nesse caso, não permite que o evento seja vivido novamente. Os discursos que produzem o casamento o descrevem como um evento que deve ter 'espontaneidade' e ser marcado pelas emoções que o ritual deveria aflorar. Nessa direção, essas emoções são produzidas discursivamente, mas não por isso não são sentidas e compartilhadas numa cerimônia de casamento.

O que está em jogo com a escolha dos profissionais seria algo muito caro a ser arriscado com profissionais não habilitados ou que não tenham reconhecimento.

IC - O que a noiva precisa estar atenta na hora de escolher o profissional de cabelo e maquiagem? GN - A capacidade e a experiência. É uma decisão pessoal. A noiva deve conversar com pelo menos dois ou três. Depois sim, marcar o teste. Por mais conceituado que seja o profissional, ela precisa se sentir segura. Uma indicação do cabeleireiro de confiança ajuda, pois ele conhece bem o estilo da cliente e pode direcionar à pessoa certa. (Entrevista com Gabriela Niederauer, Ano III,n.7,p.17)

As diretrizes para a escolha dos profissionais envolve uma série de detalhes e passos. A decisão deve ser bem fundamentada, tendo em vista que não é possível fechar contrato conversando apenas com um fornecedor. É interessante pensar que, aqui, o conceito e o reconhecimento do profissional não são tomados como garantia. É necessário ter confiança e segurança no serviço que será prestado. De outro lado, o cabeleireiro de confiança não parece estar habilitado para fazer o trabalho, pois ele pode dar uma indicação e não realizar o penteado e a maquiagem do casamento. Assim, por mais que reconhecimento na área não seja o motivo final da escolha, o/a profissional deve estar no *métier* das festas e casamentos.

O dia mais feliz da sua vida pode ser todos os dias. Com a Brun Video, você revive seu sonho quantas vezes quiser, sentindo a mesma emoção do momento. (Propaganda, Ano IV,n.8,p.59)

A contratação dos profissionais corretos pode ser a diferença entre poder reviver e recordar o dia mais feliz sempre que quiser ou não poder contar com tais alegrias, além, como indica a propaganda, de correr o risco de se arrepender ou mesmo não conseguir viver feliz por não ter planejado corretamente e escolhido os profissionais adequados para o grande dia.

Quando se trata de casamento, os discursos que circulam em nossa cultura indicam que não se trata de consumir produtos ou utilizar serviços, trata-se de construir as bases para uma relação de sucesso. Além disso, a produção de casamento é dita como um momento que não se repetirá, e, portanto merece todos os investimentos possíveis para que seja vivido da melhor forma, constituindo, assim, as fundações para uma nova família feliz.

4.2 Festa de sucesso – vida feliz

As relações entre uma produção de casamento bem sucedida com uma vida conjugal bem sucedida são feitas em diversos momentos da revista, especialmente nas propagandas. Assim, o que se vende é uma vida feliz. Dentro de nossa cultura estamos vivendo uma imposição da felicidade, todos devem ser felizes a qualquer custo, pois a felicidade não tem preço. A partir dessa lógica, a associação feita entre determinados produtos e felicidade é levada para dentro das revistas, enfatizando que os gastos com uma produção de casamento valem a pena tendo em vista todo o prazer que isso trará ao longo da vida. Nessa lógica, todo o investimento realizado para uma festa de sucesso terá como retorno a felicidade no casamento.

Todo casamento feliz começa com uma feliz viagem. Feliz Viagem.com, a melhor maneira de ganhar cotas de lua-de-mel (Propaganda, Ano VII, n.14, p.173)

Ao colocar a lua de mel como transição do sonho para o cotidiano da vida de casados, como argumentei anteriormente, o discurso presente nessa publicidade indicam que uma lua de mel feliz conduzirá para um casamento feliz.

É interessante pensar, também, que boa parte da espetacularização das produções de casamento são importadas dos Estados Unidos. Na língua inglesa, porém, a vida de casado é o *marriage* e o dia do casamento é o *wedding*. Como a língua portuguesa não diferencia essas duas coisas, normalmente, quando a revista fala em

casamento está se referindo ao *wedding*, a produção de casamento. Contudo, no caso deste excerto, está se falando de *marriage* e não de *wedding*.

Esse duplo significado da palavra casamento produz discursos que parecem se complementar. De algum modo, um *wedding* feliz se coloca como um seguro para ter um *marriage* feliz. Essa noção parece estar ligada aos discursos que colocam o casamento como o início da vida plena, como se tudo o que acontece antes é parte de uma preparação para o que virá depois, para o ser feliz de fato. Ao mesmo tempo, uma vez que a língua portuguesa não tem palavras diferentes para se referir ao *wedding* e ao *marriage*, ao dizer que determinado serviço pode ser um tipo de ‘seguro’ para um casamento feliz, se está dizendo que trata-se de um seguro tanto para um *wedding* quanto para um *marriage*.

Na medida em que o casamento se coloca como esse nirvana – esse lugar que deve ser almejado e conquistado –, reitera-se que a vida deve ser vivida em pares e que a família nuclear é o destino mais adequado para as pessoas viverem. Desse modo, o casamento torna-se um imperativo, visto que é só com ele que pode se chegar à felicidade perfeita.

Estrelamos nossa nova marca. Agora seu casamento terá mais graça ainda. Estava faltando mais graça em nossa logomarca. Agora, a Fino Trato se tornou Graça Kurylo Eventos. Nossa empresa é especializada em cuidar dos detalhes que fazem do seu casamento um sucesso. Você só precisa dizer "sim". E ser feliz para sempre. (Propaganda, Ano I, n.1, p.47)

Ao contrário do que se diz em determinados momentos, de que a produção de casamento é algo trabalhoso e cansativo, ao mesmo tempo em que é uma delícia, essa publicidade indica que o processo é muito simples: é só dizer sim no momento correto. O que se quer dizer é que essa empresa é especializada em cuidar de todo o sucesso da festa, bastando simplesmente comparecer no dia marcado. Isso já garante uma vida feliz. O modo como se envolve a união matrimonial em discursos que tratam de felicidade e de marco na vida dos sujeitos, produz o casamento como um portal para a felicidade.

A facilidade de casar sugerida pode ser pensada também como facilidade em encontrar um/a companheiro/a. Há muitos estudos na área da psicologia, por exemplo, que buscam entender os mecanismos de atração e envolvimento afetivo-sexuais além

das motivações para que as uniões perdurem ou terminem³⁰. Essas pesquisas costumam indicar complexas análises que são feitas na hora de escolher um par, sendo esse um labirintado processo. Além disso, os fatores que permitem que decidamos viver com uma determinada pessoa podem mudar ao longo do tempo, fazendo, às vezes, com que a união deixe de ser satisfatória.

Contudo, os discursos que circulam na revista parecem obliterar a possibilidade do fim de um casamento, mesmo que as estatísticas do IBGE continuem a mostrar um leve aumento nos divórcios e nas segundas uniões. De algum modo se diz que ter uma festa de sucesso, com uma lua de mel inesquecível seriam as vacinas para manter um casamento feliz e sem fim.

O matrimônio, então, é colocado como um destino desejado e sem o qual a vida não se completa, já que as relações afetivo-sexuais devem levar à união oficializada e comemorada. Cláudia Maia (2011) indica um forte investimento no casamento em toda a primeira metade do século XX. Ela argumenta que esse investimento tinha relação com a necessidade de aumento da população e com uma higiene moral, na qual as relações sexuais deveriam acontecer apenas dentro do casamento. Atualmente, os discursos que produzem o casamento como um desejável destino parecem ter ligação com os saberes da área psi. Na medida em que os discursos do amor romântico difundem-se de modo que a constituição de um sujeito adequado e ajustado passa pela constituição de um casal e que isso produz indivíduos felizes, ao posicionar a felicidade como uma obrigação e a tristeza como doença, diz-se, de algum modo, que encontrar um par é uma obrigação pessoal, moral e de saúde.

Conquistado um par, é preciso seguir o *check list* de tarefas, ouvir o que as/os especialistas têm a dizer e contratar os/as profissionais que podem tornar a união inesquecível. Mas, além dos preparativos para a festa, há alguns que se referem à organização da casa e da nova vida. A lista de presentes aparece em torno de uma vez por ano nas edições com temas diversos: facilidades para fazer a lista, o que deve constar, qual a etiqueta das listas de presentes, novidades que podem ser incorporadas etc. Numa dessas matérias, um especialista é chamado para dar as diretrizes sobre a lista de presentes.

³⁰ Cf. CAMARANO; MELLO; KANSO (2006), MÔNEGO; TEODORO (2011), GOMES; PAIVA (2003), SCORSOLINI-COMIN; SANTOS (2009)

Por fim, Luiz Fernando Portella, gerente da Casa Bonita, deixa o alerta: o ideal é formular a lista de presentes com antecedência de, no mínimo, 60 dias. Com tudo isso, seu casamento será um sucesso do início ao fim. (Matéria sobre presentes, Ano VI, n.12, p.115)

Há um *checklist* e se fizer tudo o que está nele, parece que a produção de casamento será bem sucedida. Além disso, o fim do casamento parece ser o retorno da lua de mel, quando os presentes terminam de chegar e a casa precisa entrar no seu ritmo para a vida cotidiana. Funcionalidade e beleza são colocadas como fundamentais na escolha dos itens que farão parte da lista, assim o casamento poderá ser feliz e bem sucedido, não só após o *wedding*, mas durante o *marriage*.

4.3 Casamento como ápice da vida a dois

Uma das razões que tornam o casamento uma data tão especial, segundo a IC-RS, é o fato de ele ser o apogeu da vida de casal. Os discursos presentes na revista colocam a oficialização da união como o ápice da vida a dois. Tudo o que o casal vive antes da união oficial parece ser uma preparação para a vida de casados. Sendo o ápice, após a celebração nada mais chega a ter a mesma carga de emoção e significado. Assim, se diz, ao mesmo tempo, que a vida de casado não terá o mesmo glamour dos meses de produção e do próprio dia do casamento, tendo em vista que a parte mais importante, o *wedding*, já aconteceu.

Depois de dois anos de namoro, o casal Gabriela e Charles viveu a coroação do seu amor e foram os últimos a deixar a festa. A noite nupcial foi no novo apartamento dos recém-casados, onde uma decoração bem romântica, com pétalas de rosas e outras surpresas, aguardava o casal. (Casamento – fala da revista, Ano I, n.2, p.21)

A produção de casamento parece significar a coroação do amor de um casal, um momento que não se repetirá, pois uma vez coroado não seria mais necessário reiterar sua grandeza. É interessante pensar que outros discursos que circulam em nossa cultura tratam de dizer que o nascimento de um filho/a é um acontecimento ainda maior na vida de um casal. Nesse sentido parece haver contradição dos discursos. Contudo, parece-me que essa contradição faz parte da cultura em que vivemos de que tudo o que se passa em nossa vida se transforma num grande acontecimento. Assim, eventos como casamentos e nascimentos se tornam maiores ainda. Além disso, até o casamento esse se coloca

como o grande marco na vida até então. Após, é preciso continuar a criar ápices e outros objetivos que possam trazer novos consumos e oportunidade de espetacularizar-se.

A constituição discursiva da produção de casamento enquanto resultado do amor, garantia de vida feliz e ápice da vida conjugal parece implicar que a festa deva ser reflexo dos sentimentos do casal. Assim é possível questionar se o tamanho do casamento representa o tamanho do amor. Em alguma medida o que os discursos indicam é que sim. Se o amor é grande os investimentos na produção de casamento também devem sê-lo. A fabricação de sujeitos de consumo está em atrelar emoções e simbolismos aos produtos, de modo que se entenda que ao consumir determinada coisa se está produzindo cuidado/felicidade ou, ainda, mostrando afetos. O anel de noivado, costume estadunidense, parece representar esse efeito discursivo. A tradição indica que o anel dado à noiva junto com o pedido de casamento deve custar o correspondente a três salários do noivo e que deve ter uma pedra de diamantes de boa qualidade. Assim, o tamanho da pedra indica não só a condição financeira do noivo, como também sua capacidade de juntar o valor para comprar o anel, o sacrifício de alguns outros gastos para fazer isso e, ainda, suas intenções e seu apreço em fazer a noiva feliz com um anel a sua altura.³¹

Em outra direção, a cultura atual posiciona o casamento como um início; de uma nova família, da vida conjugal, de plenitude da vida adulta. Ao mesmo tempo em que se diz que o casamento é o início da vida a dois, marca-se que ele é o ponto culminante da vida conjugal. Desse modo, é interessante pensar como algo que é o começo pode ser o ponto alto? Entendo que é necessário posicionar o casamento dessas duas formas tendo em vista que cada um tem objetivos e lógicas diferentes.

De outro lado, o casamento como acontecimento e como ápice, se torna importante dentro de uma lógica de espetacularização de si e de consumo. Na medida em que este festejo é único e se coloca como a grande celebração do amor, os investimentos passam a ter outra dimensão. Se o casamento fosse realizado todos os anos enquanto produção de casamento, provavelmente o padrão e o que se espera de uma festa como essa seriam bastante distintos, até porque não haveria orçamento que resistisse a tamanhos gastos.

³¹ Tal tradição é citada na coluna *Enquanto isso em NY* da Edição n. 10

"Não existe outra comemoração na vida que reúna tantas pessoas especiais em um único momento tão feliz". (Casamento – fala da noiva, Ano VII, n.14, p.23)

Justamente por não se repetir é que esse evento conseguiria reunir tantas pessoas. Nessa direção, constitui-se um discurso poderoso que coloca o casamento como uma importante celebração para todos/as que cercam o casal que se une. Tal discurso parece originar-se do âmbito religioso, mas vem configurando-se em conjunto com as formações discursivas do amor romântico e de uma indústria de festas que vem apropriando discursos do senso comum e elevando-os através de experts que os colocam numa condição de mais verdadeiros. Assim, constitui-se a produção de casamento como cume da relação conjugal parecem estar no âmbito de estratégias de mercado que produzem sujeitos dispostos a investir em sua realização.

Contudo, mesmo que seja uma estratégia mercadológica, as produções de casamento passam a ser vividas e significadas como ápice da vida conjugal. A irrepetibilidade do evento o institui enquanto celebração não só do casal, mas também de toda a família. A presença da família extensa (com parentes distantes e agregados) se coloca como um grande fator para que o casamento seja visto como uma grande celebração, a mais importante na vida do casal. Como diz a noiva no excerto, não haverá outra oportunidade para reunir todas essas pessoas e, especialmente, com o intuito de comemorar essa união. Assim, o foco no sujeito que está casando se torna parte importante para que a produção de casamento seja entendida como evento único e ápice da vida conjugal e de família.

Existem momentos que merecem ser registrados. Existem momentos que devem ultrapassar a memória e devem ser eternos, como seu casamento. (Propaganda, Ano VI, n.12, p.45)

Tendo em vista esse momento único, as empresas de registro de imagens são colocadas como fundamentais para a manutenção da memória. A eternidade é evocada aqui com a certeza de que haverá para quem deixar o material produzido. Além disso, os discursos do amor romântico que o colocam como eternos também se faz presente, uma vez que tal como o amor, as memórias e as imagens devem durar por toda a eternidade. Um evento tão impactante e com toda essa carga emocional casamento merece ser eterno e ser vivido para sempre.

A lua de mel é o momento ideal para realizar aquela viagem dos sonhos, pois é nela que você vai celebrar, a dois, os dias mais importantes da sua vida. E para que tudo seja

perfeito, não apenas o destino deve ser escolhido a dedo, como também o hotel em que vão se hospedar. (Matéria sobre lua de mel, Ano VII,n.15, p.184)

Em relação a importância e a contratação de bons profissionais, a lua de mel faz parte desses momentos tão importantes na vida de um casal. Pode-se dizer que todo o período de noivado, que culminará com o grande dia e a lua de mel, são os momentos mais importantes da vida de homens e, especialmente, de mulheres. Esse período todo é descrito sob uma aura de glamour e fascínio, como se a preparação fosse, para o casal, parte desse momento ápice.

É o retorno da lua de mel que marca o fim de mimos e de consumo de sonhos. O cotidiano, mesmo que espetacularizado, como aponta Sibilía (2008), é o retorno a monotonia e a vida de “simples mortal”. A preparação de um casamento é este momento em que se vive “ puro conto de fadas” (KINGSTON, 2005, p.47). O resto da vida é a concretude, o deixar os devaneios tão permitidos enquanto se está noivo.

Recentemente maquiei uma noiva que já morava com o marido, tem uma filha de seis anos e estava apenas oficializando o que já era sabido por todos. Mesmo assim, observei nela o comportamento típico, o nervosismo de quem vê se aproximar um momento tão importante. Concluí então que realmente esse é um dia ímpar, que mexe muito com o emocional de todos os envolvidos, principalmente da estrela da festa. Ela ficou radiante, por isso a importância de se cercar de profissionais de absoluta confiança. Que tragam serenidade e boas vibrações. Ou seja, que deixem tudo azul no dia mais cor de rosa da vida de nós, mulheres. (Coluna Vitrine, Ano VII, n.13, p.18)

O entendimento do casamento como ápice da vida a dois é tão penetrante em nossa cultura que, mesmo já tendo uma união consolidada, é necessário passar por esse momento. Dessa forma o amor passa a ser comprovado e testemunhado. Ao mesmo tempo, parece que essa coroação do amor tem um peso maior para as mulheres, uma vez que se produz o desejo do casamento como algo que vem da mais tenra idade. O modo como o casamento se coloca como prova de amor passa a colocá-lo como esperado e desejado. É interessante pensar também no nervosismo presente no dia do casamento. Há algum tempo se dizia que as noivas ficavam nervosas em função da noite de núpcias que, em tese, seria sua primeira relação sexual. Atualmente o nervosismo parece estar associado ao sucesso da festa e a realização daquilo que foi planejado, por isso a importância dos profissionais que cercarão a noiva no seu dia. Assim, a centralidade das noivas nessa celebração, de seus desejos e sonhos, parece ser alimentada pela publicação (e posso dizer, por todas as outras publicações sobre casamento), uma vez que seu público alvo são as mulheres e sua linguagem é feminilizada.

5 Centralidade do feminino

Até aqui, analisei os ensinamentos da revista mais abrangentes que envolvem a produção de casamento. Ainda assim, pode-se dizer que os ensinamentos da revista estão voltados para um sujeito feminino. Nessa direção, não se trata apenas de colocar a noiva num lugar de destaque, como a “estrela-mor” da produção de casamento, mas de posicionar o casamento como um assunto e uma atribuição feminina. Além disso, boa parte das pessoas que trabalham e que tem grande importância na produção são mulheres. Ainda que haja a criação do sujeito casal, as mulheres são convocadas a se envolver nas suas produções de casamento, de seus filhos/as, sobrinhos/as, netas/os.

Do mesmo modo, ainda que se diga que as escolhas devem ser do casal, ao descrever as produções de casamento, ele é construído discursivamente como realização dos sonhos da noiva e colocando-a como a grande figura deste dia. Constitui-se, então, uma noção de que a celebração gira em torno da posição de sujeito-noiva.

Fechando as dicas, optar sempre por modelo de acordo com o tipo físico da noiva, sem abrir mão do glamour. "A noiva tem que causar impacto visual. Ela é a estrela. Exatamente por isso, o vestido nupcial tem que apresentar frente, lado e costas igualmente deslumbrantes", resume o especialista (Rui Spohr). (Matéria sobre moda, Ano I, n.1, p.16)

A noção de impactar culturalmente está afastada da ideia de ter classe, o que normalmente sugere discrição e sobriedade. Nessa direção, a fala de Rui Spohr nessa matéria contrasta com a classe e elegância atribuídos a ele. A noiva precisa estar deslumbrante, com elegância, é certo, mas precisa impactar quem a veja. Isso porque ela é a estrela dessa festa. Em alguma medida, se imputa às mulheres-noivas que se trata de uma conquista pessoal, não de casal, mas individual e que merece ser comemorada em grande estilo. A reafirmação da mulher-noiva como estrela e dona da festa é feita ao longo das 15 edições da revista. Ao mesmo tempo em que o dia do casamento é o dia de ser estrela, é um peso muito grande ter que estar perfeita neste único dia tendo em vista sua irrepitibilidade.

Durante o período analisado, houve apenas uma matéria que falava sobre o vestuário masculino. Sua importância era atribuída ao fato de que o noivo precisa estar à altura de sua noiva. De algum modo, o que se diz é que a noiva precisa estar deslumbrante, pois se trata do seu grande dia; o noivo precisa estar bem vestido somente

para “não fazer feio” ao lado da noiva. Com isso se oblitera as possibilidades de participação dos noivos, invisibilizando sua presença, ao mesmo tempo em que reforça que todas as mulheres tem desejo de produzir seus casamentos. A possibilidade de não querer participar é presumida para os noivos e negada para as noivas.

Além de facilitar o contato entre produtores e fornecedores, que exibem seus trabalhos em salas individuais, o Workshop ainda envolve sorteios e palestras, onde especialistas respondem inúmeras perguntas sobre a festa das noivas. (Matéria sobre Workshop, Ano I, n.2, p.48)

Ao tratar da produção de casamento como “festa das noivas”, coloca-se os desejos e sonhos femininos como propulsores e preponderantes de sua realização. Contudo, faz-se importante em nossa cultura dizer que essas decisões são do casal, mesmo que este sujeito-casal seja, ao menos nesse caso, igual ao sujeito-noiva. Oblitera-se, assim, a presença do noivo, como se este sujeito não tivesse aspirações para o dia do seu casamento. Toma-se como dado que os homens-noivos não são constituídos por tais ideias, sendo estas uma particularidade que distingue mulheres de homens. Assim, a produção do masculino e feminino é reiterada. O que se ensina corrobora com boa parte dos discursos hegemônicos que nos produzem enquanto homens e mulheres, dizendo que o espaço da família e do doméstico é feminino e que os homens não se interessam por tais aspectos da vida.

Tanto se (re)produz tais discursos que uma propaganda veiculada na revista chega a dizer que “o noivo é só um detalhe”.

O noivo é só um detalhe. Venha conferir a maior feira de serviços para noivas e todos os tipos de festas. Do buquê à lua de mel, você vai encontrar o que precisa para realizar o casamento dos seus sonhos. Tudo em um único local desenvolvido com o glamour e a sofisticação que você merece. (Propaganda, Ano I, n.1, p.64)

Os serviços são para noivas, uma vez que o noivo, que não está na feira, não é preciso para a realização do casamento. Como dito anteriormente, em alguns momentos ele se torna um acessório indispensável, mas um acessório; seus desejos e fantasias devem converter-se nos de sua noiva, marcando assim um suposto equilíbrio nas decisões sobre a produção de casamento. Estes discursos têm tamanha penetração em nossa cultura que os sujeitos-noiva assumem que os seus desejos são os mesmos que os do sujeito-casal. No programa *Say Yes to the dress*, exibido pelo canal *Discovery Home and Health* (também chamado no Brasil de *Discovery Mulher*), as noivas vão a uma

grande loja em Nova York para acharem seus vestidos de noiva. Em um dos episódios, ao “achar” seu vestido uma noiva dizia: “Agora só falta encontrar um noivo. Ah, isso eu já tenho!”. A noção de que o noivo é algo que não pode faltar, mas que é menos importante do que achar o vestido ideal (nome do programa no Brasil) faz parte daquilo que vivemos em nossa cultura como casamento. Assim, o que é importante mesmo num casamento está na Expo Noivas, é o que será servido, o que será visto, é a viagem que será feita em lua de mel, o noivo não interessa muito. Pode-se pensar que se não fossem seus desejos e quimeras, nem mesmo a noiva seria colocada como importante. O valor agregado à festa e seus produtos e serviços parece se colocar como mais significativo do que a união que se está comemorando.

Graças à profissional [a cerimonialista], todos os sonhos da noiva foram realizados, transformando a noite em um momento emocionante. (Ano V, n.10, p.45)

Os sonhos de uma noiva são descritos como absolutos. Entretanto, eles não se realizam sozinhos. A presença de profissionais, em sua maioria mulheres, é o que possibilita criar a festa perfeita que ensinará uma feliz união. As profissionais envolvidas na realização destas produções espetaculares são descritas a partir de atributos culturalmente associados ao feminino.

Voz suave e olhos atentos. É assim que a requisitada cerimonialista Maria Isabel Cirne Lima de Oliveira recebe suas noivas. Apaixonada por festas, essa gaúcha de 63 anos sempre participou da organização dos eventos familiares. Foi assim que sua paixão por casamentos começou. Há 18 anos ela acompanhou todos os preparativos da união de seu sobrinho, desde os convites até o bufê. Neste caso, a cerimônia ocorreu na capela que existia na casa de seus pais e a recepção, no jardim da residência. Tudo projetado e executado por ela. O sucesso da festa foi tanto, que rapidamente propagou-se entre os amigos. (Ano V, n.10, p.87)

A suavidade e atenção são marcas de uma feminilidade desejável. Estar atenta ao que deve ser feito, às necessidades do entorno executar as ações com tranquilidade, com suavidade são características associadas não apenas ao feminino, mas também à maternidade (FERNANDES, 2008). Além disso, a profissionalização dessas mulheres normalmente acontece no âmbito doméstico. É a partir de experiências não profissionais que elas se tornam profissionais. E o reconhecimento só vem após anos de trabalho.

[...] Por ser um momento único na vida de uma mulher, envolve maior dedicação e aumenta a realização profissional. "Cada noiva tem seu sonho e estilo. Meu papel é procurar transformá-los em realidade. É mágico o que acontece quando coloco a mão na

massa. Cada bolo que faço tem uma emoção diferente e fico muito feliz com o resultado, pois não entrego nenhum que não tenha ficado como o planejado. É muito gratificante ver a admiração e a alegria do cliente. Para mim é o melhor pagamento", diz [Rosane Ribeiro]. (Perfil Rosane Ribeiro, Ano V, n.9, p.43)

Rosane Ribeiro é outra profissional que iniciou seu trabalho na família. Mesmo que seu trabalho seja remunerado, o discurso do trabalho como doação e prazer é posto em ação. É possível pensar que a motivação para o trabalho é a satisfação em realizar o grande sonho de outras pessoas. Assim, mesmo sendo consideradas como profissionais em seus ramos, a profissionalização parece ser precária. Em alguma medida, estes trabalhos são algo que, se tivessem tempo, as próprias noivas, mães, irmãs, tias e amigas realizariam. O que se busca nessas profissionais é competência e certa familiaridade, como se fosse realizado em casa, mas sem amadorismos.

Já em algumas áreas das produções de casamento, há a questão da tradição da família. A confecção de vestidos de noiva parece ser uma dessas áreas. A marca Inês Noivas, por exemplo, já está em sua terceira geração. Inês aprendeu o ofício com sua mãe e hoje suas filhas a ajudam a tocar o negócio. Outra família também está bastante comprometida com a produção de vestidos de noiva. Virgínia Manssan tem quatro netas que se dedicam a este ofício: Solaine Piccoli – reconhecida como uma das maiores estilistas do Brasil, Magda Isoppo – que tem atelier próprio com o nome da avó, Rosaura e Rosamaria – que têm um atelier sob o nome de Rosamaria Unique.

Oito pessoas participam do processo de produção que ainda conserva a tradição da matriarca da família. "A herança deixada pela Virgínia Manssan está presente em cada uma de nós, nos trabalhos manuais - uma paixão vivida até hoje através da arte do tear. O ateliê é um dos únicos a usar essa técnica em vestidos de noiva. Porém, a maior herança de nossa avó é, sem dúvida, valorizar por meio de um vestido o momento único do casamento", relembra Magda [Isoppo]. (Perfil Atelier Virginia Manssan, Ano VII, n.13, p.32)

A tradição está não só na profissão, mas também na valorização do casamento como um momento único importante na vida de uma mulher. Os três ateliers têm personalidades distintas em suas criações, mas as quatro irmãs indicam que a presença da avó e de seus ensinamentos permanece viva. As filhas de Magda e Solaine já estão trabalhando no ramo e não há informações maiores sobre a família de Rosamaria e Rosaura.

De algum modo, pode-se dizer que essas profissões são tidas culturalmente como femininas: a cerimonialista – que, em alguma medida, cuida e fornece as

necessidades das noivas e noivos; a confeitadeira; as estilistas/costureiras; as decoradoras e floristas. Contudo, o ramo de iluminação, som e imagem permanece concentrado em mãos masculinas.

No Rio Grande do Sul, há duas mulheres despontando nessas áreas. A revista as entrevistou, em diferentes ocasiões, buscando saber quais as diferenças entre seu trabalho e os realizados por homens.

IC - Quais foram os principais obstáculos no início? KB - Além de quebrar a barreira de que só homens entendem de som e luz, posso dizer que no início, uma grande dificuldade foi o atendimento. Por estarmos inovando e criando uma empresa com total personalização do serviço, precisávamos fazer diversas perguntas antes de orçar o evento. Questões como layout, quantidade de mesas, plantas e local da pista de dança, por exemplo, são fundamentais para visualizarmos cada situação. Acontece que no começo nem as noivas, nem as organizadoras, entendiam o porquê de tantas perguntas. E todas as vezes eu precisava explicar que tudo isso era necessário para que eu pudesse avaliar o equipamento ideal, aquele que atenderia com perfeição às necessidades do cliente. Hoje as pessoas já procuram as empresas buscando esse diferencial. E eu tenho certeza que a Up colaborou nesse processo! (Entrevista com Karla Busato, Ano VII, n.15, p.30)

Ao mesmo tempo em que a entrada de uma profissional num ramo considerado masculino tem seus obstáculos, como a falta de confiança no trabalho que será realizado e na competência de quem o realizará, essa entrada se dá como qualificação do serviço prestado. Assim, na medida em que tornar-se uma profissional de som e luz pode ser entendida como uma transgressão do que espera para uma carreira feminina, também se coloca a responsabilidade da melhoria do atendimento, de maior capricho e dedicação ao trabalho.

Tal noção parece estar ligada aos discursos que descrevem as mulheres como mais atentas, dedicadas e esforçadas que os homens. Valerie Walkerdine (1995), analisando o modo como as meninas eram nominadas em relação aos seus conhecimentos matemáticos, indicava que os meninos eram descritos como inteligentes e as meninas como esforçadas; mesmo aqueles que tinham baixo desempenho eram descritos como inteligentes, mas distraídos, preguiçosos ou ativos demais. As meninas, no entanto, mesmo com altos desempenhos, eram reconhecidas por seus esforços, pela sua postura em relação ao conhecimento, mas sua habilidade na área era colocada como menor que a dos meninos. Maria Claudia Dal Igna (2005), analisando o modo como professoras avaliavam o desempenho de seus alunos e alunas, indica que a noção de que

as meninas são mais esforçadas e dedicadas permanece, ao mesmo tempo em que os meninos são caracterizados como relaxados, agitados e inteligentes.

Na mesma direção, estatísticas³² têm mostrado que as mulheres são maioria no ensino superior e que, em relação aos homens, seu desempenho é melhor. Assim, difundiu-se um discurso de que as mulheres, quando chegam a determinadas posições de educação e trabalho, aumentam os índices de produtividade e de qualidade em seus setores. Esse discurso se articula com as noções de que as mulheres se esforçam, se comprometem e se dedicam mais as suas atividades do que os homens. Em alguma medida, o que se espera das mulheres que adentram mercados masculinos é que elas façam ainda melhor do que os homens. Neste caso específico, espera-se que elas estejam atentas aos detalhes e façam de tudo para chegar à perfeição.

Rute Arcari é a única mulher a fotografar casamentos em Porto Alegre, segundo a IC-RS. Ao ser entrevistada ela conta que começou a fotografar obras de arte após uma cirurgia nos olhos e que com o nascimento do filho passou a trabalhar com crianças. Foi no casamento da irmã que ela teve sua primeira experiência com essa produção e então não parou mais. A domesticidade aparece novamente nesse relato. É com a família, em casa, que inicia um trabalho que *a posteriori* se profissionaliza.

[...] O reconhecimento profissional veio graças ao seu olhar espontâneo, apaixonado e, acima de tudo, feminino. "Através das minhas lentes, quis evidenciar os detalhes que eu nunca havia enxergado", revela. (Entrevista com Rute Arcari, Ano V, n.9, p.16)

IC - Na prática, qual a principal diferença entre o casamento clicado por um homem ou por uma mulher? RA - [...] Acredito que ter alma feminina é um grande diferencial, pois para que um homem compreenda uma mulher é preciso que ele pense como nós. (Entrevista com Rute Arcari, Ano V, n.9, p.17)

O ser mulher parece a colocar em uma posição de melhor profissional apenas pelo ser mulher. Essas falas colocam a feminilidade como algo que, por si só, garante sensibilidade. Novamente, a introdução de uma mulher num meio quase exclusivamente masculino parece impulsionar todo o mercado para melhoria do atendimento e da qualidade. A “alma feminina” parece ser o local em que os atributos culturalmente entendidos como femininos são guardados, tal qual um relicário. Assim, ter “alma feminina” parece significar ser delicada, sensível, atenta ao que deve ser feito e aos

³² Cf. Síntese de indicadores sociais (IBGE, 2010).

cuidados que os outros precisam, terna e dedicada. Tais características parecem ser incompatíveis com uma figura masculina.

Nessa direção, sendo o casamento um evento realizado a partir de uma matriz feminina, Rute Arcari é posicionada como em maior vantagem para fotografar este evento, pois, como mulher, é capaz de entender as mulheres que se casam. Seu grande trunfo é ser mulher, com tudo o que isso implica em nossa cultura. Os fotógrafos podem até ter técnica e conhecimentos mais apurados, contudo, por não possuírem o ‘relicário’ feminino, são incapazes de pensar e olhar como uma mulher. Em alguma medida, assim, naturalizam-se as diferenças entre homens e mulheres como radicais e inconciliáveis, ao mesmo tempo em que se colocam como complementares, como se juntos reunissem características opostas. O ser mulher é produzido discursivamente como o mesmo que ter “alma feminina” e tudo o que ela representa.

Tanto Rute Arcari quanto Karla Busatto – que trabalha com luz e som – são indicadas pela IC-RS como mulheres de vanguarda por se aventurarem em profissões consideradas masculinas e por criarem um novo perfil de atendimento nesses ramos. Mesmo as mulheres com um estilo mais ousado são convidadas a serem delicadas e sensíveis na produção de um casamento, uma vez que o evento evoca uma feminilidade considerada natural, com uma aura de romance e lirismo.

Todos os itens da composição de um casamento devem traduzir essa aura, esse relicário que se produz como alma feminina. O vestido de noiva parece ser o mais importante deles na hora de expressar as emoções e a alma da noiva.

O vestido de noiva é o traje mais importante na vida de uma mulher, é ele que transforma um dia já especial em um dia de rainha, além de traduzir sonhos e esperanças. Não importa se a noiva é romântica ou arrojada, o vestido tem que traduzir tudo. (Coluna Acontecimentos – fala de Rosamaria, Ano VI, n.12, p.148)

Colocado como o traje mais importante da vida, ele se torna uma tradução da personalidade da noiva que a marcará em toda sua existência. As escolhas desse dia representam muito mais do que esse dia. Elas serão as evidências que poderão recriar as emoções e os sentimentos vividos.

Sempre inovando e pensando na mágica de cada momento, a Disney criou uma linha exclusiva para noivas, com vestidos desenhados pela estilista Kirstie Kelly. A designer procura sempre criar looks que conectem cada noiva ao seu sonho de princesa. Os modelos são bem variados e vão desde os mais tradicionais, com saias bem rodadas, rendas e brilhos aos mais simples e modernos, com corte mais retilíneo. Cada coleção

leva o nome de uma princesa da Disney e os modelos são desenhados de acordo com cada história. Enfim, para quem sempre teve o sonho de casar-se como uma princesa, nada mais próprio que um modelito como estes para fazer seu conto de fadas ainda mais real! (Coluna Enquanto isso em NY, Ano V, n.10, p.122)

O vestido de noiva é o que completa o evento, é o que caracteriza a mulher que está casando e que a coloca, de fato, realizando seu sonho. A Disney, responsável por difundir e criar histórias de ‘princesas’ em nossa cultura, tem uma divisão em seu parque de Orlando, nos Estados Unidos, apenas para cuidar e produzir casamentos. Embora os vestidos modelo princesa já não estejam tão em voga (o vestido utilizado por Lady Di é um bom exemplo desse modelo), o conceito princesa foi reatualizado para incorporar os demais tipos de corte, produzindo assim o casamento como o sonho de princesa e não mais o vestido. Desse modo, o casamento se torna a realização do sonho e o vestido representa essa conquista. Na cultura contemporânea, nada simboliza tanto o casamento quanto o vestido. E nesse sonho, ele arremata e expressa o estado de espírito da noiva.

Ser noiva é, com certeza, entrar num estado de espírito singular. É sonhar todos os dias, oscilando entre a ansiedade e a realização. No período que antecede o tão esperado sim, elas vivem a angústia e a alegria do corre-corre na busca pelos melhores fornecedores, preocupadas com os mínimos detalhes que tornarão o casamento o mais grandioso e importante evento de suas vidas. E quando chega o dia... ah!, os paparicos, make-up, cabelo, tanta gente ao redor... E tome flashes, sorrisos, e mais flashes e mais sorrisos. Elas se tornam celebridades de suas próprias vidas. (Editorial, Ano VI, n.11, p.12)

Não se trata só de sonho, é tornar-se celebridade. O casamento passa a ser o momento em que as mulheres ganham maior atenção e são posicionadas como seres especiais somente por estarem noivas. O sujeito-noiva passa a ser inscrito como um indivíduo que merece cuidados especiais; todos ao seu redor precisam dar o máximo de si para ajudá-la a produzir o casamento dos sonhos. Além disso, o ser noiva está colocado naquele lugar, mencionado anteriormente, de “padecer no paraíso”, uma vez que preparar o casamento é angústia e alegria, trabalho e uma delícia, ansiedade e realização.

A descrição feita por Fabiano Niederauer, no excerto acima, não apenas descreve, mas constrói o que deve ser uma noiva. O nervosismo e a ansiedade devem fazer parte desse momento e é isso que as constitui enquanto sujeitos-noiva. Nessa sintonia, produz-se também que no dia do casamento deve haver muita gente ao redor,

fotos, alegria. O dia precisa ser perfeito, desde o momento em que se acorda até o fim da noite de núpcias.

Entendo que há uma glamourização desse dia, obliterando outras possibilidades de sentir e viver esse momento. O que é descrito por Niederauer é o ser noiva, o que não se encaixa no que é dito não constitui uma noiva. Assim, a discursividade presente nos modos de produzir e pensar um sujeito-noiva é imperativa na produção de como viver, sentir e imaginar-se nessa posição de sujeito. Em alguma medida, os discursos presentes na revista instituem uma única forma adequada e correta de viver o período noiva. Seu objetivo final, enquanto projeto pedagógico é formar essa noiva sensível, lírica, dedicada e bela.

A instituição de modos corretos e adequados de viver o noivado produz um sujeito que precisa se preocupar com todos os detalhes de seu grande dia, ao mesmo tempo em que coloca suas escolhas e desejos como soberanos para todos/as atores/atrizes dessa produção.

IC - Vestido de madrinha, uma dúvida que atormenta muitas mulheres convidadas para essa missão, deve seguir um padrão específico? GK - Não existe obrigatoriedade em trajes de madrinha. É a noiva quem decide o comprimento e as cores dos vestidos usados por elas. (Entrevista com Glória Kalil, Ano II, n.3, p.33)

Neste período, a noiva é investida com tamanho poder decisório e permitida de ter suas vontades atendidas que ela deve dizer que roupas um conjunto de pessoas deve usar em determinado dia. E isso não só em termos de comprimentos e cortes, mas inclusive quais cores podem ser usadas. De algum modo, diz-se que a noiva é um sujeito “super poderoso” e que pode tomar decisões que influenciam não só a sua vida, mas de um conjunto de pessoas que estará presente na celebração, incluindo o noivo.

A noiva parece estar no controle de tudo o que irá acontecer em seu casamento, além disso, o noivado constitui-se numa etapa especial da vida em que se pode quase tudo e se tem privilégios especiais. O sujeito-noiva assume assim, um lugar de centralidade na produção de casamento, tendo em vista que os sonhos, as decisões e as escolhas são feitas a partir da sua visão sobre o que deva ser um casamento. Nessa direção, a IC-RS se coloca em posição de ensiná-las que sonhos são possíveis e como tomar as decisões e realizar um casamento considerado inesquecível.

O dia 17 de junho de 2012, com toda certeza, entrou para história. Um novo capítulo que começou a ser escrito com traços de liberdade por quem não queria mais se calar.

Naquela noite, risos, lágrimas e amor tomaram forma em páginas que estampavam a felicidade de pessoas corajosas. O novo projeto da 3R Studio nasceu audacioso, cheio de expectativas e repleto de responsabilidades. A revista começou a ser desenhada na união de André Piva e Carlos Tufvesson e hoje é uma realidade: a primeira revista de uniões homoafetivas do país, que reuniu mais de 200 pessoas em seu lançamento na boate 00 Rio de Janeiro. A Momento Inesquecível chegou com um único propósito: festejar a liberdade. (Coluna Acontecimentos, Ano VII, n.15, p.26)

Com a crescente oficialização de uniões homossexuais, há um investimento em manter a posição de sujeito-noiva ativa. Assim, mesmo que não seja necessariamente uma mulher a ocupar tal posição, é imprescindível que alguém a ocupe, uma vez que o sujeito-noiva é fundamental para a manutenção do ciclo produtivo do mercado de casamento. Nessa direção, ainda que alguns ensinamentos sejam modificados, o projeto pedagógico da revista se mantém para a criação de um sujeito de desejo, de sonhos e, fundamentalmente, de consumo.

5.1 Dedicadas

Entre os ensinamentos produzidos pela revista, a dedicação deve ser uma marca das mulheres que trabalham com casamentos e, especialmente, das noivas. A dedicação é posta em diversas direções, uma vez que uma boa noiva deve estar atenta às necessidades de sua produção de casamento, bem como de seu noivo, família e convidados. A festa perfeita exige tal dedicação e preocupação com todos os detalhes.

O advogado Marcelo Campos de Carvalho, 29, não imaginava que aquela inocente paixão pela estudante de medicina Cláudia Franzoi Fam, 29, se tornaria uma linda história de amor. O namoro, que começou em um feriado na praia do Rosa, Santa Catarina, durou aproximadamente seis anos. O esperado pedido aconteceu no casamento de uma amiga em comum. Dedicada, a noiva logo começou a organizar o grande dia e fez questão de participar de tudo, ao lado da cerimonialista Margarida Muller. (Casamento – fala da revista, Ano IV, n.8, p.43)

O pedido de casamento é o gatilho para iniciar a produção da festa. Após o pedido, a data deve ser marcada, preferencialmente, com uma distância de um ano ou mais para que tudo possa ser planejado e preparado adequadamente. Assim, uma noiva mostra-se dedicada quando logo inicia os preparativos para o seu grande dia. A contratação de uma cerimonialista mostra sua dedicação, uma vez que reconhece a necessidade de ter ajuda na realização desse empreendimento.

Contudo, a grande marca dessa dedicação está em receber bem os convidados. Parece que a partir da produção de casamento a mulher-noiva precisa demonstrar que é capaz de organizar e planejar atividades levando em consideração o bem-estar das demais pessoas, como se fosse um teste para comprovar sua eficiência em cuidar e gerenciar uma família.

IC - Em sua opinião, o que não pode faltar para uma festa perfeita? MV - Penso que os anfitriões devem passar ao convidado a sensação de que, em cada detalhe, o evento foi pensado em identificar-se com eles e com o objetivo de agradar a todos. (Entrevista com Moema Vignatti, Ano VI, n.12, p.17)

Durante seus ensinamentos a IC-RS reitera que a festa é da noiva, que suas escolhas e desejos são soberanos, entretanto, a realização de seus sonhos passa por fazer uma festa para os/as convidados/as. Há uma necessidade de que a produção de casamento agrade a todos/as os/as convidadas/os. Os discursos que circulam em nossa cultura são insistentes em dizer que as mulheres são cuidadoras por natureza e que por isso estão mais aptas a profissões de cuidado, como nas áreas de educação e saúde, e, especialmente no cuidado e educação de seus filhos/as (MEYER, 2004, KLEIN, 2010).

Em alguma medida, é esse cuidado que se está reiterando. Parece que se espera um sentido de doação nessa produção de casamento, colocando o bem estar e a satisfação dos convidados como desejo da noiva. Assim, o sujeito-noiva passa a ser constituído a partir de uma noção em que seus sonhos contemplam uma festa em que os convidados sejam bem cuidados. Ensina-se, então, que este é um desejo que deve ser satisfeito na produção de casamento. Nessa direção, acredito que o ser noiva se coloca como um modo de treinamento para uma boa esposa, que deve ser atenta e cuidadosa com o lar, com o marido e as/os filhas/os. Aí parece estar a realização do sujeito-noiva, no formar-se como boa esposa.

"Tudo foi escolhido carinhosamente para que os convidados fossem muito bem recebidos e soubessem da importância de suas presenças" (Casamento – fala da noiva, Ano VII, n.15, p.51)

As noivas inesquecíveis, que têm seus casamentos apresentados na revista, parecem assumir tal discurso, de que o foco da produção de casamento é a realização de seus sonhos, que se convertem em dedicar-se e cuidar bem de seus/suas convidados/as. É interessante pensar, também, que tal cuidado pode ser entendido como outros e novos produtos e serviços que precisam ser incorporados na produção de casamento. Muitas

das coisas apresentadas como formas de cuidar dos convidados se coloca como serviços de manobrista, papelaria personalizada, alimentos e bebidas de acordo com o perfil dos convidados, segurança, massagista, maquiador e até mesmo serviços de transporte para levar os convidados em casa.

Além desses itens, que muitas vezes não são utilizados pelos seus custos, outros considerados mais simples e delicados se colocam praticamente como imperiosos, uma obrigação oferecer.

Em qualquer casamento em NY não pode faltar no banheiro uma bandejinha com itens de primeira necessidade para as convidadas. Essa também já é uma prática comum no Brasil, mas aí vão as dicas do que as noivas americanas vêm colocando na bandeja, além dos tradicionais itens básicos: * aromatizador de ambiente - designe alguém para de vez em quando passar um pouco no banheiro para que fique sempre cheiroso. * spray de cabelo - para manter os penteados no lugar até o final da festa! * refrescante bucal * perfumes clássicos (como Chanel nº 5, Ralph Lauren Romance etc.) * antiácidos - excelentes para quem bebeu demais * absorventes - necessidade básica * hidratante * maquiagem * shampoo seco - se alguém derrubar um copo de champanhe e molhar a sua convidada, ela pode limpar o cabelo sem ter de estragar a escova! A venda na amazon.com (ver dry shampoo) * chapinha portátil - quem nunca chegou no meio de uma festa super animada com os cabelos suados e desgrenhados? Uma passadinha no banheiro é a solução para ficar linda até o final. (Coluna Enquanto isso em NY, Ano V, n.10, p.123)

Tais produtos parecem ser o mínimo, o básico, que uma noiva deveria oferecer as suas convidadas. Ainda há outros itens que nem estão listados, tendo em vista que são considerados básicos demais até para serem ditos que devem estar disponíveis. A beleza feminina é tão imperativa que se torna obrigação das noivas fornecer as ferramentas para que suas convidadas permaneçam lindas durante toda a festa.

Em certa medida, a beleza e o conforto dos convidados/as se tornam elementos a serem consumidos e sua presença faz parte de uma festa de sucesso. Além disso, seguindo o pensamento de Debord (1997) e de Sibilia (2008), o espetáculo contemporâneo é aquele que nos envolve em sua espetacularização. Dessa forma, as convidadas são convertidas em parte do espetáculo ao possibilitar que elas utilizem e usufruam o que é ofertado na produção de casamento. Nessa direção, ao mesmo tempo em que a dedicação das noivas parece algo “altruísta”, ela se coloca como fundamental para a realização de seu sonho de ser uma noiva inesquecível e perfeita. A dedicação é colocada como algo que gera uma enorme satisfação para a noiva que se dedica, uma

vez que a produção discursiva indica que ter uma família, especialmente para as mulheres, significa dedicar-se e até abdicar de si mesma.

Uma dica para quem vai passar o verão planejando um casamento de inverno. Aline Junges, da Petit Lembranças, desenvolveu uma linha de mantas para aquecer as convidadas. Feitas em tecido leve e quentinho, as mantas são um mimo simpático para distribuir em casamentos ao ar livre. As peças podem ser feitas de acordo com as cores da festa. Uma tag de tecido costurada na manta traz a data do casamento e o nome dos noivos escritos à mão. (Coluna Noiva.com, Ano V, n.10, p.26)

Reserve um espacinho da sua festa para receber os pequenos convidados. Vale criar um lounge especial para as crianças e enchê-lo com atrativos: livros, lápis de cor, blocos de montar. Contrate uma monitora para orientar as atividades. As crianças vão se divertir e os pais vão aproveitar melhor a festa. (Coluna Noiva.com, Ano V, n.10, p.26)

Vários produtos e serviços são criados para que os convidados se sintam acolhidos e bem tratados. Tudo deve ser pensado para o seu bem-estar. As mantas são um bom exemplo: uma vez que os vestidos de festa comumente não são adequados para temperaturas baixas, uma noiva que for casar no inverno deve lembrar-se disso e cuidar para que suas convidadas não passem frio. Da mesma forma, o cuidado com os pequenos/as convidados/as – que outrora não eram nem mesmo convidados para essa festa – se torna também um imperativo, uma vez que possibilita que os pais e mães se sintam mais confortáveis e disponíveis para curtir a festa. Tal cuidado com os convivas gera custos, por vezes bastante altos, fazendo com que outros itens acabem sendo cortados do orçamento. Assim, não só as noivas precisam tornar tal cuidado parte de seu sonho de casamento como até abrir mão de outros produtos e serviços para que isso seja feito.

O movimento de ensinar que cuidar bem deve ser um sonho e um desejo das noivas parece-me ser o mais interessante da dedicação. Ao mesmo tempo em que se ensina que o casamento é uma satisfação e a realização dos sonhos da noiva, o cuidado com os outros passa a ser produzido discursivamente como algo que deve fazer parte deste sonho. De algum modo, isso reforça os pressupostos de que as mulheres são mais aptas a organizar, receber bem e cuidar dos outros, atributos culturalmente entendidos como femininos.

5.2 Estar linda

Além de dedicar-se aos outros, as noivas, segundo a IC-RS, precisam estar atentas ao seu corpo e cuidar da beleza. Diferentemente de outras revistas do segmento, a IC-RS não inclui em sua agenda da noiva cuidados corporais além do dia da noiva³³. Contudo, ao longo do período analisado, matérias sobre maquiagem, joias e acessórios vêm ganhando espaço, além de terem sido criadas colunas específicas para a beleza da noiva.

Esse investimento parece ter se acentuado na medida em que se entende que, no casamento, as mulheres “se tornam a celebridade de suas próprias vidas”, como diz Fabiano Nedereauer. Com a escolha do vestido perfeito, a maquiagem correta e os acessórios, as noivas ficam prontas para se tornarem verdadeiras princesas, mas precisam, também, organizar-se para serem princesas lindas.

O caminho rumo ao casamento passa por encontrar o noivo perfeito, descobrir o organizador ideal, escolher a decoração, as músicas da cerimônia, os pratos do jantar e ainda um cronograma de beleza rígido para estar linda no grande dia. Pele, corpo, sorriso: tudo tem de estar perfeito, mas nem todos os procedimentos podem ser feitos a qualquer momento. A coluna Noiva.com conversou com profissionais renomados para descobrir as melhores formas de atingir o resultado desejado pela noiva. (Coluna Noiva.com, Ano VII, n.13, p.48)

Todo o investimento na produção de casamento não é suficiente se a noiva não estiver linda para viver o seu dia. Tal beleza não se refere apenas ao vestido e à maquiagem. As noivas são ensinadas a lançar mão de todas as alternativas possíveis para estarem perfeitas no grande dia. Não apenas isso, a IC-RS ensina como e quando procurar tais recursos e o que há disponível para a transformação da mulher em noiva perfeita.

A noção de que a beleza faz parte do feminino não é recente, contudo o que se entende por belo foi sendo ressignificado ao longo da história. Silvana Goellner (2003, p.32), analisando a Revista Educação Physica, no período de 1932 a 1945, indica que o estímulo e o imperativo à beleza se fazia presente com falas como “beleza se constrói”. Além disso, já se dizia que ser bela era fruto de árduo trabalho. Assim, além do estafante trabalho de produzir um casamento, há a obrigatoriedade de fazer-se bela para esse dia. Novamente, a irrepetibilidade do dia constitui sua importância de modo que é

³³ O dia da noiva é um pacote de cuidados completo oferecido por muitos salões e estéticas para o dia do casamento. Normalmente há diversos pacotes com tratamentos diversos: de massagens relaxantes a banhos de ofurô.

preciso preparar-se exaustivamente para, então, ficar feliz com o resultado final e não arrependê-lo anos depois ao rever fotos e vídeos.

Embora muitos noivos também passem por alguns ritos de beleza antes do casamento – o clareamento dental é o mais procurado – não há menções na revista para que os homens-noivos embarquem nessa jornada de embelezamento. Assim, da mesma forma como o restante da produção de casamento, fazer-se bela para esse dia se torna uma atribuição feminina. O dia da noiva é parte dessa jornada e se tornou tão comum que já é considerada um cuidado básico.

IC - Quais são os principais tratamentos e pacotes de beleza para noivas no Hugo Beauty? GN - São quatro pacotes. Desde o básico, como cabelo, maquiagem e cuidados com as unhas, até o mais completo, com todos os recursos para o dia da noiva, inclusive um profissional exclusivamente à disposição e um cardápio especial. Temos como prática montar os serviços de acordo com as necessidades da mulher. Entre as opções que oferecemos estão hidratação facial, drenagem, limpeza de pele, massagens, banhos... Em muitos casos, os tratamentos começam semanas antes da data do casamento. (Entrevista com Gabriela Niederauer, Ano III, n.7, p.16)

Atualmente, todos os grandes salões oferecem pacotes de dia da noiva – que se estendeu para debutantes e formandas. Os serviços incluídos variam bastante entre os estabelecimentos e, mesmo em cada salão, há diversas modalidades que podem ser escolhidas. A partir do que é ofertado pode-se depreender o que se espera de uma noiva em seu casamento: cabelo bem feito; unhas arrumadas; pele limpa; hidratada e perfumada; rosto com maquiagem primorosa; corpo afinado e relaxado. Com tais serviços uma noiva poderá desfrutar de seu dia tendo certeza de que está perfeita.

Além disso, os discursos veiculados pela revista indicam que o sujeito-noiva precisa não só estar linda, mas acreditar nisso. A confiança é peça chave para que se possa aproveitar tudo o que foi planejado. Estar e sentir-se linda são postos como uma obrigação, contudo tal discurso que o institui dessa forma também o coloca como algo merecido: ao menos uma vez na vida as mulheres devem ser paparicadas, cuidadas e terem tratamento especial.

Dia da Noiva: cabelo, maquiagem, manicure, pedicure, depilação, bronzamento, estética corporal, estética facial, maquiagem definitiva. Você Merece! (Propaganda, Ano II, n.3, p.69)

Nesta publicidade, além de serviços que serão utilizados estritamente para a festa, ainda outros são oferecidos, como a maquiagem definitiva, o bronzamento e até a

depilação, entendendo que ao captar uma cliente nesse momento poderá tê-la durante muito mais tempo. Além disso, os discursos do fazer-se bela são tão persuasivos que muitas noivas decidem neste momento realizar intervenções muito maiores ou profundas do que fazer o cabelo e a maquiagem.

Fique ainda mais linda nesse dia especial. Cirurgias realizadas em hospital - procedimentos que não necessitam internação Prótese de Mama - Plástica do Nariz - Plástica das Pálpebras - Plástica do Abdome - Lipoaspiração - Lifting de Face - Redução de Mamas - Botox - Preenchimentos – Peelings (Propaganda, Ano VI, n.11, p.142)

Ao contrário dos discursos presentes na revista analisada por Goellner (2003) ou mesmo daquela analisada por Sandra Andrade (2002), que falam em árduo e constante trabalho corporal para atingir a beleza, a IC-RS pouco investe neste tipo de trabalho. Em outra direção, ela aponta tecnologias específicas que poderão ser realizadas e modificar o corpo em um ano ou menos: o tempo médio de existência de uma noiva. O corpo-projeto, como indicado por Andrade (2002), é algo a ser produzido e construído ao longo de toda a vida. Assim, não se trata de ter/produzir um corpo para toda a vida, a questão é ter um corpo pronto para o dia do casamento. Desse modo, espera-se que as mulheres-noivas assumam o discurso do “estar linda” de forma radical, aceitando tantas intervenções quanto forem necessárias – e couberem no orçamento – para chegar ao altar em sua melhor forma.

Entre os anos de 2010 e 2011, o canal E! apresentou um *reality show* em que 12 mulheres competiam para ganhar o casamento dos sonhos, além de um *extreme makeover* com todas as cirurgias plásticas e tratamentos estéticos que precisassem/quisessem. Pode-se dizer assim, que tal discurso de total remodelação do corpo para o casamento circula em nossa cultura contemporânea, sendo a IC-RS responsável por pô-lo em circulação.

Se o desejo da noiva for uma cirurgia plástica no nariz não é recomendado deixar para a última hora. Dênis Valente pede antecedência de pelo menos 2 meses. "Por mais que o nariz ainda esteja inchado e não tenha sido alcançado o resultado desejado, ele certamente estará menor e com ângulos, proporções e formato de qualidade estética melhor do que antes da intervenção". E se a noiva quiser perder peso? Dênis Valente diz que em uma lipoaspiração pode-se retirar até 8% do peso corporal, ou seja, em uma menina de 70kg pode-se retirar até 5,6kg. A cirurgia deve ser feita no mínimo 4 meses antes do casamento, pois a maior parte do inchaço resultante dessa intervenção, leva cerca de 3 meses para ceder e a pele retrair. "Além de poder causar desconforto com o

calor e a emoção durante a festa, prejudicaria as provas do vestido". (Coluna Noiva.com, Ano VII, n.13, p.49)

Dessa maneira, a IC-RS preocupa-se em ensinar como é possível realizar tais procedimentos, bem como um cronograma adequado, de modo a estar pronta para o altar. Além disso, são indicadas todas as possibilidades de correções e tratamentos para estar com tudo em ordem no grande dia. A preparação, embora não conste nas duas edições de agenda noiva publicadas pela revista, constitui um calendário específico, tal qual o restante da produção de casamento. Tão importante quanto a decoração, ou talvez até mais, são as escolhas de beleza propostas pela IC-RS. As cirurgias estéticas são uma parte dessas modificações propostas. A preocupação com a estética dental vem se tornando grande, ainda mais porque se espera sorrir muito no dia do casamento.

Quando o assunto é um sorriso alinhado e branco a indicação é iniciar a preparação 6 meses antes do casamento. A ortodontista Marina Lara diz que com esse prazo é possível trabalhar para corrigir posições dentárias, fazer clareamento e recontorno dos dentes. É possível, no entanto, conseguir algum resultado com menos tempo de antecedência. "Podemos fazer o clareamento até 7 dias antes do casamento. Indicamos também o polimento com pasta de brilho na véspera do casamento". (Coluna Noiva.com, Ano VII, n.13, p.48)

É interessante pensar que seria a partir da produção de casamento que algumas mulheres-noivas procuram a correção de posições dentárias. A posição dos dentes não é mera questão de estética, dependendo do caso, o desalinhamento pode causar problemas de oclusão que afetam a fala, a digestão, a visão e, principalmente, a coluna. Assim, pode-se pensar que mais do que estar bela, o que se ensina é estar saudável e "sem problemas" antes de casar-se, como se todos os defeitos precisassem ser corrigidos e reparados previamente ao casamento. Nessa direção beleza e saúde se confundem, transformando-se numa única noção de perfeição.

Com tantos preparativos pré-cerimônia, o dia do casamento é descrito como importante não só para as questões estéticas, mas para cuidar da alimentação.

Como todas sabem, nos meses que antecedem o casamento a noiva se preocupa muito com o corpo e a alimentação. Ela tem que entrar perfeita no vestido de noiva para arrasar no momento mais esperado da sua vida! Tão importante quanto cuidar dos últimos meses, é dar atenção especial ao dia da cerimônia. Seus horários serão alterados, às vezes você almoçará um pouco antes do comum, mas é muito importante saber o que comer e não se deixar levar pela empolgação e esquecer as refeições. (Coluna Vitrine, Ano V, n.9, p.20)

Todo o esforço empreendido nos meses que antecedem o casamento não pode ser posto fora no grande dia. Nessa direção, essa é uma das únicas menções à alimentação ao longo do período analisado. A alimentação só se torna uma questão quando ela pode afetar o modo como a noiva irá usufruir de seu casamento.

Em alguma medida, os discursos constituem o sujeito-noiva como belo por natureza, uma vez que a noiva deve (a si mesma) estar maravilhosa em seu dia de princesa.

Por sua vez, Paula, a estrela da noite, esteve deslumbrante em um vestido assinado por Sérgio Pacheco, confeccionado com uma saia plissada de tule e, na parte superior, renda e pedras formando um decote V. (Casamento – fala da revista, Ano VII, n.15, p.95)

Enquanto estrela da festa e centro das atenções, o sujeito-noiva, deve estar absolutamente deslumbrante, uma vez que todo o evento gira ao seu entorno. Rui Spohr dizia que todos os lados do vestido precisam ser igualmente deslumbrantes. Para isso, entretanto, as noivas precisam estar em sua melhor forma e escolher modelos que valorizem o corpo da forma correta, disfarçando as imperfeições. Nessa direção, as/os estilistas são considerados magas/os que podem fazer o sonho e a perfeição realidade.

A moda atravessa os séculos fazendo história e deixando um rastro de belas criações. Entre idas e vindas de estilos e tendências, os vestidos de noiva permanecem imponentes, emblemáticos, exemplares únicos de uma romântica e nostálgica feminilidade. Belos e altivos em suas mais variadas versões, é um traje que guarda um Q de magia, capaz de transformar mulheres em princesas e encantar todos a sua volta. Um efeito conquistado pelo corte exato dos estilistas que se combina à escolha de tecidos nobres. (Matéria sobre moda, Ano I, n.2, p.14)

O vestido de noiva é colocado pelos discursos acerca do casamento como o traje mais especial que uma mulher irá usar em toda a sua vida. Worsley (2009) indica que as mulheres constroem uma relação de amor e ódio com esta peça. Ela argumenta que o vestido de noiva é símbolo da heterossexualidade compulsória, do destino obrigatório como esposa e da constituição de uma família – questões apontadas pelo movimento feminista como mantenedores das assimetrias e hierarquias de gênero que produzem a mulher como um ser inferior e que deve se submeter aos homens. Nessa direção, quando nossa cultura passa a produzir mulheres que, em sua maioria, não se entendem como inferiores em relação aos homens, o casamento e o vestido são colocados em xeque. Ao mesmo tempo, continuamos produzindo mulheres que sonham com um dia de princesa, em que se é o centro das atenções. Assim, o desejo e o encantamento que o

vestido de noiva produz parece ser algo difícil de negar. Contudo, ao assumi-lo não se está dizendo sim à submissão, à inferioridade e ao destino fatal.

O casamento parece ser o que nos liga com um passado remoto em que éramos mais femininas e vivíamos vidas de princesa. A nostalgia, produzida discursivamente como algo presente na produção de casamento e no vestido de noiva, parece remeter a algo que nunca aconteceu, mas que existe através da literatura e de outros artefatos culturais. Ao assumir o desejo de casar, se assume o desejo de consumir essa nostalgia e de tentar fazê-la existir ao menos por um dia. É pelas mãos de especialistas – nesse caso dos estilistas – que se torna possível fazer essa ligação nostálgica.

No quesito beleza, os cuidados devem ser diários, afinal, o casamento é mais um recomeço da relação. Então, estar linda é sempre muito importante. Renata Hoff Eventos (Matéria especial sobre casamento inesquecível, Ano VII, n.15, p.174)

Contudo, a beleza não deve ser uma meta apenas para o casamento, ela deve ser cuidada dia a dia. A importância disso parece ser a relação. O casamento é apenas uma parte da relação (a mais importante, como ensina a revista), é necessário que ela se mantenha e para isso beleza é fundamental. Em alguma medida, a beleza como atributo feminino é reiterada como forma de garantir a manutenção do casamento, do *marriage*.

E foram felizes para sempre?

Ao longo desta tese busquei mapear os ensinamentos que a revista *Inesquecível Casamento – RS* produz e veicula entre suas leitoras. Como currículo, a *IC-RS* tem como objetivo a formação de um sujeito específico, a noiva, que deverá ser capaz de produzir, junto com as/os melhores profissionais, um casamento inesquecível. Concentrei meus esforços em tentar entender as lógicas que operam na produção desse sujeito-noiva que deve saber o que é preciso ser feito para ter o casamento de seus sonhos.

Ao final deste percurso posso dizer que o casamento é constituído por diferentes discursos, como o dia mais importante da vida de uma mulher e de um casal. Contudo, os desejos e sonhos femininos sobre o casamento parecem ser preponderantes e soberanos aos masculinos. A produção de casamento enseja uma série de investimentos, de tempo e de dinheiro, para que tudo ocorra conforme as fantasias dos sujeitos-noiva.

Entendo que os ensinamentos da revista são muito persuasivos, uma vez que instituem o casamento como o grande sonho da vida de uma mulher e para o qual ela deve trabalhar arduamente. Esse trabalho envolve contratos com prestadores de serviços, escolher e definir o projeto de casamento e entender a importância deste momento em sua vida. Assim, mais do que um dia romântico e de expressão do amor, este é um grande momento de consumo. A constituição do sujeito-noiva passa também pela construção de um sujeito de consumo que esteja atento ao que é necessário e importante numa produção de casamento. A noiva é produzida, então, como uma consumidora exigente e soberana.

Além disso, as noivas são posicionadas como mediadoras entre o conhecimento sobre o que é um casamento e seus noivos, uma vez que, mesmo sendo direcionada às noivas, a revista convoca o casal como fonte de muitas decisões. Nessa direção, há uma produção desse sujeito-casal. Espera-se que a festa esteja afinada com seu perfil e que ela traduza o modo como o casal se vê. Assim, a produção de casamento pode ser entendida como uma narrativa de si, envolvida na cultura contemporânea de espetacularização do eu.

Ao mesmo tempo em que há uma preocupação com a personalização, há também tradições que devem ser mantidas, mesmo que ressignificadas. A tradição é necessária para que o que está acontecendo seja reconhecido culturalmente como um

casamento e não uma festa qualquer. Assim, diversos elementos devem se fazer presentes, mesmo que não tenham mais seu significado “original” – como o bolo, por exemplo, que atualmente não se coloca como a sobremesa do jantar, mas uma importante *mise en scène*.

Ensina-se, ainda, que a importância do casamento se dá pela sua irrepetibilidade e pela oportunidade de realizar sonhos – descritos como existentes desde a infância. Tanta importância deve justificar os gastos, a contratação das/os melhores profissionais disponíveis. Ainda mais, o sucesso da festa é descrito como sucesso na vida conjugal – o que aumenta a demanda pela festa inesquecível e perfeita. Instituído como a coroação da relação, a produção de casamento parece significar a dimensão do amor, bem como, coloca-se como ápice da vida conjugal: momento em que todos/as os/as amigos/as e familiares terão suas atenções voltadas para esse casal, desejando o melhor futuro possível.

A preparação do casamento parece passar, também, pela construção de uma noiva atenta e dedicada. Ela deve iniciar o trabalho de produção do casamento tão logo seja pedida em casamento e lembrar as necessidades de todas/os convidadas/os, de modo que a festa seja acolhedora. Tal dedicação, além de ser construída como um desejo da noiva, parece ser necessária, também, para a constituição de uma boa esposa, que cuidará bem da casa e das pessoas que vivem nela. Esse cuidado deve ser marca de uma noiva. A preocupação com todos os detalhes da cerimônia aparece de forma recorrente.

Além disso, há imperativo de estar bela, especialmente no dia do casamento. Os discursos que produzem o casamento o colocam como único e irrepetível. Nessa direção, a responsabilidade das decisões tomadas se torna muito maior, uma vez que não há chances de repetir o evento. Tendo em vista que essa produção não se repetirá, é importante estar maravilhosamente perfeita, ao menos nesse dia. Assim, inúmeros serviços são colocados à disposição das noivas para atingir esse objetivo.

A concentração da produção de casamento como algo feminino é reiterada durante todo o período analisado. Mesmo em áreas em que predominam profissionais homens, as mulheres que adentram estes ramos se colocam como mais qualificadas para atender casamentos, uma vez que possuem o que é denominado como “alma feminina”. Esse “relicário da essência feminina” aparece como um verdadeiro tesouro repleto de sensibilidade, dedicação e amabilidade. Dessa forma, diz-se também que mesmo as

mulheres mais ousadas, ou que não se enquadram na representação cultural de feminino, devem encontrar seu relicário durante o período de produção de seu casamento, uma vez que essa produção deve ser lírica, sensível e feminina.

Enfim, parece que ser noiva, de fato, é entrar numa esfera diferente, como dizia Fabiano Niederauer, “celebridade de suas próprias vidas”. Talvez tenha sido essa minha motivação para mudar os planos e chegar ao glamour das noivas: para viver, mesmo que indiretamente, um pouco mais esses dias de “paparicos e flashes”... Tal como a personagem Monica Geller, do seriado *Friends*, que ao fazer o *check out* do hotel em que passou a noite de núpcias diz: “Eu não sou mais uma noiva. Eu nunca vou ser uma noiva novamente. Agora, eu sou apenas a esposa de alguém!”. O ser esposa não tem o mesmo glamour do ser noiva, entretanto toda noiva deverá virar uma esposa.

No entanto, as mulheres parecem resistir a esse fim dos dias de soberana, prolongando ao máximo os efeitos dos dias de noiva. A questão é, me parece, que cada vez mais levamos esse mundo *bride* para o resto de nossas vidas tentando esticar ao máximo nossas possibilidades de sermos celebridades por mais tempo em nossas famílias e redes de amigos (e sociais). A espetacularização do eu parece atingir seu ápice com a celebração de casamento, de modo que é difícil retornar à “vida normal” de simples mulheres. Assim, crescem os blogs pós-noivas que ajudam as atuais noivas a realizarem seus sonhos, além de contarem como – agora – é viver casadas e planejar os filhos e ter que fazer compras de supermercado.

Criado em maio deste ano, o site Sempre Noiva surgiu após a grande troca de informações entre inúmeras noivas, casadas e apaixonadas por casamento através de um grupo de discussão. Idealizado pelas gaúchas Joanna Pivotto e Paula Grahl, o portal vem divulgando as últimas tendências em casamento, gastronomia, maternidade, decoração, moda e tudo que interessa o mundo feminino. Tem como objetivo apresentar fornecedores, publicar os eventos mais badalados do Brasil e estreitar a relação cliente e fornecedor. É inovador por ter uma linguagem clara e objetiva, fazendo com que a internauta sintam-se amiga de quem escreve. Por dia chegam a ser trocados mais de 500 e-mails. (Coluna Acontecimentos, Ano VII, n.13, p.22)

Desse modo, cresce o número de apaixonadas por casamento. Há um número razoável de noivas inesquecíveis que reaparecem na revista lançando produtos, sites e blogs para e sobre casamento. Este é um sintoma do crescimento desse mercado e de seu constante aquecimento, como também indica a sedução que este mundo *bride* produz. Parece que a exposição que a noiva ganha durante a produção do seu casamento é viciante e que é necessário produzir outras formas de continuar expondo-se.

Tão gostoso quanto comemorar o grande dia é celebrar cada minuto ao lado da pessoa amada. Agora nosso site oferece uma lista de bodas, com os elementos que representam cada ano de aniversário. (Coluna Inesquecível on line, Ano VII, n.13, p.20)

Uma dessas formas é a comemoração de bodas e a renovação de votos. As festas de bodas, que há alguns anos atrás aconteciam apenas quando o casamento chegava a 25, 50, 70 anos, hoje vem sendo comemorada quase que a cada ano. Já a renovação de votos, que não costumava ser comum no Brasil, passou a ser cada vez mais procurada – embora seu número ainda não seja tão significativo.

Não se trata de fazer uma análise se isso é bom ou ruim. O ponto é marcar como nossa cultura vem produzindo as noções sobre casamento contemporaneamente e como as mulheres são ensinadas a se posicionar em relação a ele. Parece-me, que diferente das visões feministas dos anos 1960, em que o casamento era descrito como um destino fatal e uma prisão feminina, hoje, o casamento ganha contornos de conquista feminina – seja por ter encontrado um companheiro/a ou por realizar seus sonhos. Casar implica sentir-se bela, soberana e responsável pelas próprias decisões. Além disso, coloca-se como um momento especial em que todas as atenções se voltam para a noiva e que todos os seus desejos devem ser atendidos. Acredito que a partir dessas considerações é possível entender a necessidade de estender ao máximo esse momento descrito como de plena felicidade.

Coisas de uma cultura da espetacularização da vida, que, como se tem mostrado em outras instâncias (TOMAZZONI,2009; VIDAL,2008; MANSKE,2006; BANDEIRA, 2009) , exerce as suas pedagogias através de currículos que se organizam e estruturam no âmbito de dados discursos.

Referências

- ALVES, Leonardo Barreto Moreira. *A constitucionalização do direito de família*. Teresina: 2001. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2441>> Acesso em: 04 jan. 2009.
- AMARAL, Jonathan Henriques do. *Pedagogias de gênero na divulgação científica da revista Mente & Cérebro*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 129 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. *Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 139 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Eu canto, bebo e brigo, alegria do meu coração: currículo de masculinidade nos estádios de futebol*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 127 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BANDEIRA, Mário Leston. Teorias da população e modernidade: o caso português. In: *Análise Social*. Lisboa: Universidade de Lisboa, v. xxxi, n. 135, 1996, p. 7-43.
- BARTHÉLEMY, Dominique. Parentesco. In: DUBY, Georges. *História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 94-168.
- CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e; PASINATO, Maria Tereza y KANSO, Solange. **CAMINHOS PARA A VIDA ADULTA: AS MULTIPLAS TRAJETORIAS DOS JOVENS BRASILEIRO**. *Ultima décad*. [online]. 2004, vol.12, n.21, pp. 11-50. ISSN 0718-2236.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. *Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações*. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 203 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rocco, 2001.
- CARRERAS, Joan. *Casamento: sexo, festa e direito*. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHARTIER, Roger. As práticas de escrita. In: _____. *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 113-163.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 387-569.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. In: *Novos Estudos*, São Paulo: Cebrap, n. 73, nov. 2005, p. 111-124.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. "*Há diferença*"? Relações entre desempenho escolar e gênero. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FARGE, Arlette. Famílias. A honra e o sigilo. In CHARTIER, Roger. *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 559-595.

FERNANDES, Letícia Prezzi. *Nas trilhas da família... Como e o que um serviço de educação social de rua ensina sobre relações familiares*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 123 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini dicionário Aurélio*. São Paulo: Positivo, 2008.

FISCHER, Helen. *Por que amamos: a natureza química do amor romântico*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 7ª ed., 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

GESSAGHI, Victoria. La parte sumergida del iceberg: clases, elites y clases altas en la construcción de una problemática de investigación. In: NEUFELD, THISTED y SINISI. *Docentes, padres y estudiantes en épocas de transformación social*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, p. 1-20, 2010.

GOMES, Isabel Cristina and PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. Casamento e família no século XXI: possibilidade de *holding*?. *Psicol. estud.* [online]. 2003, vol.8, n.spe, pp. 3-9.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação & realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

IBGE. *Síntese dos indicadores sociais*. Rio de Janeiro, v.27, p.1-317, 2010.

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil*. Rio de Janeiro, v.39, p.1-178, 2012.

ILLOUZ, Eva. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. *El consumo de la utopía romántica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Buenos Aires: Katz Editores, 2009.

KINGSTON, Anne. *A importância de ser esposa*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KLEIN, Carin. *Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma 'infância melhor'*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 255 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

KONDER, Leandro. Drummond: “sou e não sou, mas sou”. In: _____. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 149-54.

LALANDA, Piedade. Casar *pelo civil* ou *na igreja*. In: *Sociologia, problemas e práticas*, Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/Instituto Universitário de Lisboa, n. 39, ago. 2002, p.69-83.

LASCH, Christopher. *A Mulher e a Vida Cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004.

MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MAIA, Claudia. *A Invenção da Solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

MAKNAMARA, Marlécio. Afinidades e afinações pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 153-172.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A Vida Sexual dos Selvagens*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro. Segunda edição. 1983

MANSKE, George Saliba. *Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 209 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARINS, Cristina Teixeira. Noções de feminilidade nos ritos matrimoniais: uma análise antropológica. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2013, p.1-8.

MARQUES Teresa Cristina de Novaes; MELO Hildete Pereira de. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962. Ou como são feitas as leis. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 16, n. 2, 2008, p. 463-88.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.176-246.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 9-27.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann et al. The family as the focal point for social inclusion policies in Brazil: models for some of these programs, basic assumptions about family and their practical implications. In: *Seminário avanzado sobre la salud y el desarrollo a través de la mirada de género [anais]*. 16 folhas, 2007.

MÔNEGO, Bruna Gomes; TEODORO, Maycoln Leoni Martins. A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. In: *Psico-USF*, Itatiba/SP, v.16, n. 1, jan-abril, 2011, p. 97-105.

MULVEY, Laura et al. Visual pleasure and narrative cinema. In: *Screen*, v. 16, n. 3, p. 6-18, 1975.

NEVES, Ana Sofia. As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.15, n.3, set/dez, 2007, p.609-627.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v.8, n.2, 2000, p. 9-42.

OBEID, Rafael Issa. *Notas sobre as origens do casamento civil no Brasil*. In: *Jus Navigandi*. Teresina: ano 18, n.3472, 2013. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/23332>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-46.

PERROT, Michelle. Os atores. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.77-283.

PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

POLICARPO, Douglas. *A incompatibilidade da dignidade afetiva e o direito à sucessão: uma abordagem do reconhecimento da paternidade extemporânea*. Teresina: 2006. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=9257>> Acesso em: 04 jan. 2009.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST; VINCENT. *História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.137-365.

RESTREPO, Eduardo. Respuestas a un Cuestionario: posiciones y situaciones. In: RICHARD, Nelly. *En torno a los Estudios Culturales: localidades, trayectorias y disputas*. Santiago: Editorial ARCIS/CLACSO, 2010, p.107-120.

RIBEIRO, Simone Clós Cesar. *As inovações constitucionais no Direito de Família*. Teresina: 2002. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3192>> Acesso em: 04 jan. 2009.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies – an introduction to the interpretation of visual materials*. Londres: Sage, 2001.

ROUCHE, Michel. Alta Idade Média Ocidental. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Cord.). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 403-532.

SABAT, Ruth. *Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 264 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Airton Ricardo Tomazzoni dos. *Lições de dança no baile da pós-modernidade; corpos (des)governados na mídia*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 264 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de si?: a educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 198 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 261-278.

SCLIAR, Moacyr. O exame pré-nupcial: um rito de passagem da Saúde Pública. In: *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz, v.13, n.3, jul/set 1997, p. 527-30.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. In: *PsiCo*. Porto Alegre: PUCRS, v. 40, n. 4, out./dez. 2009, pp. 430-437.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Gênero e Educação. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, jul/dez 1995, p.71-99.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SILVA, Isabela Machado da; MENEZES, Clarissa Corrêa; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Em busca da "cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas: PUC-Campinas, v.27, n. 3, 2010, p. 383-91.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Orgs.) *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STRIM, Cintia. *Educando o corpo feminino: saúde como um mais, corpo molecular e otimização da beleza na Revista Claudia*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 129 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O valor (do) casamento na agricultura familiar. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v.12, n.1, 2004, p. 253-67.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. A camisola do dia e o seu divino conteúdo. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, v.10, n.22, 2004, p. 285-328.

TIRAMONTI, Guillermina; ZIEGLER, Sandra; GESSAGHI, Victoria. *La educación de las elites: aspiraciones, estrategias y oportunidades*. Edditorial Paidós, 2008.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 88-94

VEYNE, Paul. O império romano. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Coord.). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17-213.

VIDAL, Fernanda Fornari. *Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: ensinando sobre infâncias e relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 188 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VINCENT, Gérard. Uma história do segredo?. In: PROST; VINCENT. *História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.137-365.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. In: *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 207-226, 1995.

WORSLEY, Harriet. O vestido de noiva: inspiração fashion para noivas e estilistas. São Paulo: Publifolha, 2010.

WORTMANN, Maria Lúcia. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: *caminhos III*. 2005

YALOM, Marilyn. *A história da esposa: da virgem Maria a Madonna: o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Anexo 1 – Mídia Kit

MÍDIA KIT 
Revista Inesquecível Casamento

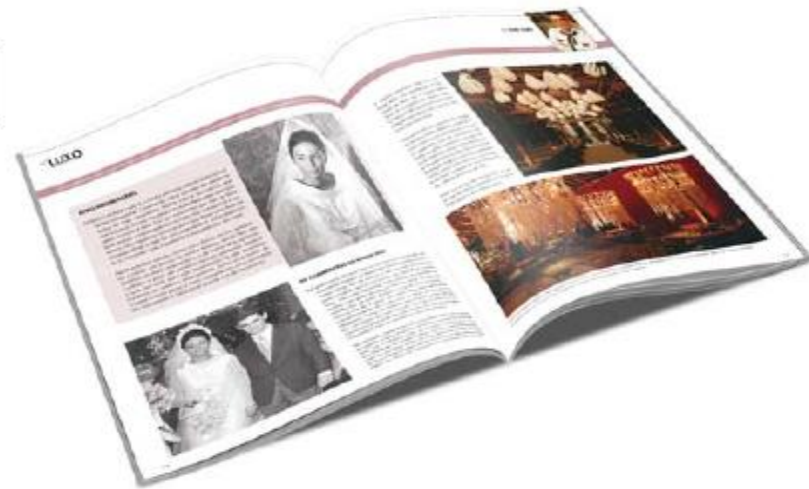
3RSTUDIO
EDITORA

REVISTA INESQUECÍVEL CASAMENTO



A publicação que mostra as festas mais charmosas da alta sociedade e reúne os **melhores** profissionais do mercado de **casamento**.

INESQUECÍVEL
CASAMENTO



HISTÓRICO



Criada em 2002, com o objetivo de levar para as noivas as últimas tendências em decoração, gastronomia, cerimonial, moda, viagem e todos os detalhes da produção nupcial, a publicação tornou-se rapidamente, objeto de consumo das noivas.

Atualmente, a revista Inesquecível Casamento é publicada no **Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Goiânia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.**



PERFIL DO PÚBLICO

- 90% feminino
- Faixa etária entre 20 e 45 anos
- Noivas e profissionais do setor de casamentos
- Classe social A e B



CONTEÚDO



A qualidade da impressão e o cuidado com o conteúdo publicado são os grandes diferenciais da revista Inesquecível Casamento.

Algumas colunas e editorias encontradas na Inesquecível Casamento:

MATÉRIAS **ENTREVISTAS** **PERFIL** **MODA** **BELEZA** **VITRINE** **IC** **DESTAQUE** **DECOR** **GASTRONOMIA** **ACONTECIMENTOS**
MUST HAVE COM BRUNO CHATEAUBRIAND **VIAJANDO A DOIS** **LUA DE MEL** **JOIAS** **GUIA DOS NOIVOS**



NÚMEROS DO MERCADO



O que poucos sabem com relação ao casamento é que se trata de um mercado que movimenta uma quantia estimada em mais de 10 bilhões de reais por ano no Brasil, segundo dados do IBGE. Além de nunca ter saído de moda, a mesma fonte comprova que, em média, ocorrem:

960.000 registros civis, anualmente.

1,7 milhões de festas de casamento por ano.

100 mil reais são os gastos em média por cada festa de casamento.

Dezembro e Julho são os meses de maiores índices de casamentos no Brasil.

25% dos casamentos acontecem entre indivíduos que já foram casados anteriormente.



NÚMEROS DA INESQUECÍVEL CASAMENTO



A publicação supera todas as expectativas de venda, anúncio e mídia, atingindo um crescimento de **30%** a cada edição.



IC RIO DE JANEIRO

- periodicidade quadrimestral
- tiragem de 15mil exemplares

DESDE 2002



IC RIO GRANDE DO SUL

- periodicidade semestral
- tiragem de 8mil exemplares

DESDE 2004



IC BRASÍLIA

- periodicidade semestral
- tiragem de 8mil exemplares

DESDE 2005



INESQUECÍVEL CASAMENTO NA MÍDIA



Com a assessoria de imprensa da 3RBC, comandada por Bruno Chateaubriand, a Inesquecível Casamento encontra-se frequentemente na mídia.

30 de agosto a 4 de setembro de 2010

programa

José Carlos Botas

INESQUECÍVEL CASAMENTO - Além dos 120 expositores com as tendências da indústria do casamento, com atividades nas áreas de cerimonial, decoração, convites, moda, maquiagem, buffet, doces, bolos e roteiros de lua-de-mel, o salão traz mesas redondas sob o comando da jornalista Leda Nagle. Entre os participantes, os decoradores Antonio Neves da Rocha e Daniel Cruz, o cerimonialista Roberto Cohen e a designer de eventos Christina Lipp. Hotel Intercontinental, Av. Prefeito Mendes de Moraes, 222, São Conrado, São. e dom., das 14h às 22h, R\$ 35. Estacionamento: R\$ 10.

Gripe na cabeça

Das mais raras de suas experiências, a jornalista Leda Nagle, autora do livro "Gripe na cabeça", relata a história de uma mulher que, após um casamento, ficou doente e passou a sofrer com dores e náuseas. Ela conta como conseguiu superar a doença e voltar a viver normalmente.

Infecção

Infecção de origem bacteriana causada por uma bactéria chamada MRSA, que pode ser transmitida de pessoa para pessoa, é uma grave doença que pode levar à morte se não for tratada corretamente.

Retorno

Choveu de manhã, mas logo se dissipou.

Alívio

Após meses de tratamento, a jornalista Leda Nagle finalmente conseguiu superar a doença e voltar a viver normalmente.

CARAS

www.caras.com.br - R\$ 8,90

A24 JB CIDADE | Junho 2010 | Edição Especial | 22 de agosto de 2010

Anna Ramalho

O ESPAÇO DIAMOND, idealizado por Bruno Chateaubriand, receberá mais de 20 joalheiros dentro do 8º Workshop Inesquecível Casamento. Serão apresentadas novas alianças e jóias de casamento. A designer Yara Figueiredo será uma das expositoras.

Tesouro

Bruno Chateaubriand e Fabiano Niederauer, da "Inesquecível Casamento", terão hoje o endereço no Intercontinental e irão apresentar em agosto seu primeiro salão de jóias exclusivo para noivas, com alianças, brincos e tiaras de mais de 30 expositores.

VERBA DIZEM QUE O CASAMENTO É UM TESOURO.

página 3 bruno astuto

NATÁLIA E BRUNET VESTIDAS PARA CASAR

Na festa de 2010 e em sua edição 2011, a revista Caras apresenta um momento especial: a escolha do vestido de noiva. A noiva Natália Guimarães (23) escolheu o vestido de noiva para participar do workshop Inesquecível Casamento, no Hotel InterContinental. Ela escolheu o vestido de noiva e quer que o casamento seja o mais perfeito possível. Ela escolheu o vestido de noiva e quer que o casamento seja o mais perfeito possível.



INESQUECÍVEL CASAMENTO NA MÍDIA



Indústria & Comércio
O Diário econômico do Paraná
32 ANOS

O ano começa bem para o Brasil Carvalho Gascon e a família, com o casamento realizado em um dos melhores endereços de Curitiba - o Castelo do Brasil. A ocasião marcou o lançamento da Revista Inesquecível Casamento que acontece hoje, quarta-feira, às 18h00, com entrada para 300 pessoas.

SEGUNDO CADERNO • 7

CURTINIAS

- **Alexandro Sartore** inaugura exposição fotográfica na galeria Ana Maria Nicolson
- **Língua Solta**, do Miam Hultin, estreia dia 22 no OCUJ
- **Patrícia Poeta** estreia obra de teatro em Curitiba
- **A 3R Studio** lança a revista "Inesquecível Casamento", dia 30, em Curitiba.
- **Secretaria de Educação** lança a rede de escolas para a Pátria Nacional de Aviação Civil das 24 e 35.
- **Grande Prêmio Brasil do Turf** homenageia, na dia 2, os jogadores Juvencio Machado da Silva e Jorge Ricardo.
- **A Pampa Grill Bar** inaugura salão de eventos.
- **Casa Civil** da prefeitura abriu vagas no seu line de jovens solteiros.
- **Secretaria estadual de Cultura** promove a primeira edição de Dubora Colares no estado.
- **A Yamaha Musical** promove o ciclo instrumental no Shopping Tijuca.

AGENDA
www.3r.com.br

1. Casamento - Flávia Borges Teixeira e Marcus Campos Ferreira recebem os diretores da 3R Studio Comunicação, Fabiano Niederauer e Luiz Octávio Carpenter, para o coquetel de apresentação da revista Inesquecível Casamento Goiânia, no Castro's Park Hotel, na segunda-feira. A publicação chega em Goiânia para divulgar luxuosas festas.

JORNAL DO ESTADO

Com o pé direito
Adeleir sempre por a muitas pessoas, o ano novo começa bem para os brasileiros. O casamento de Flávia Borges Teixeira e Marcus Campos Ferreira, realizado no Castelo do Brasil, foi um dos mais luxuosos realizados em Curitiba. O evento contou com a presença de milhares de convidados e marcou o lançamento da revista Inesquecível Casamento. A publicação chega em Curitiba para divulgar luxuosas festas.

Casamento
Flávia Borges Teixeira e Marcus Campos Ferreira recebem os diretores da 3R Studio Comunicação, Fabiano Niederauer e Luiz Octávio Carpenter, para o coquetel de apresentação da revista Inesquecível Casamento Goiânia, no Castro's Park Hotel, na segunda-feira. A publicação chega em Goiânia para divulgar luxuosas festas.

Marcia PELTIER
LIVRE ACESSO

INESQUECÍVEL CASAMENTO

A revista Inesquecível Casamento festeja seu sexto aniversário, amanhã, no Espaço Emend de Arte e Cultura. Atualmente a publicação tem edições, além do Rio, no Rio Grande do Sul, Brasília, Paraná e Santa Catarina.

CONFIDENCIAL

CASAMENTO. A 3R Studio Comunicação entra o ano com a aquisição da gráfica Aca Digital. O objetivo do coquetel é expandir a empresa de comunicação, responsável por publicações como o revista Inesquecível Casamento.

Marcia PELTIER
LIVRE ACESSO

A revista Inesquecível Casamento festeja seu sexto aniversário, amanhã, no Espaço Emend de Arte e Cultura. Atualmente a publicação tem edições, além do Rio, no Rio Grande do Sul, Brasília, Paraná e Santa Catarina.

OUTRAS OPCÕES

Casamento

- A 3R Studio realiza este fim de semana o workshop "Inesquecível casamento", no Hotel Sheraton Rio. O encontro abordará temas relacionados ao cerimonial e preparativos de um casamento, com palestras e mostras individuais de profissionais do ramo. Informações pelo telefone 2266-6242.



MARKETING VIRTUAL - PORTAL IC



Desde que surgiu, em 2002, a revista Inesquecível Casamento conta também com um portal na Internet.

Com média de **100mil visitas/mês**, o site www.revistacasamento.com.br conta com notícias do setor, colunas, guia de profissionais online, dicas para noivas, vídeos e muito mais.



MARKETING VIRTUAL - MÍDIA SOCIAL



Cada revista de cada estado possui seu próprio Facebook, Orkut e Twitter. As mídias são constantemente alimentadas pela equipe da 3R Studio Comunicação, aumentando a cada dia o número de seguidores, usuários e membros nas comunidades.



MARKETING VIRTUAL - IPAD E IPHONE



Mais uma vez pioneira, a revista Inesquecível Casamento é a primeira publicação do segmento que pode ser comprada na App Store e acessada através do iPhone ou iPad. Através dessa nova mídia, o usuário pode acessar a revista na íntegra e ainda assistir vídeos, ver galerias de imagens e entrar diretamente na página de cada fornecedor. Esta é mais uma maneira de os parceiros da revista expandirem sua visibilidade.



TABELA DE PREÇOS



FORMATO DA PÁGINA	VALOR TOTAL**	
	Rio • SP • PR/SC	BSB • RS • GO
1/4 (97,5 x 13 mm) Não é permitido nenhum tipo de determinação de posicionamento do anúncio	R\$ 1.900,00	R\$ 1.710,00
1/2 (210 x 136 mm) Não é permitido nenhum tipo de determinação de posicionamento do anúncio	R\$ 2.900,00	R\$ 2.610,00
Inteira indeterminada (210 x 277 mm)	R\$ 4.500,00	R\$ 4.050,00
Dupla (420 x 277 mm)	R\$ 7.500,00	R\$ 6.750,00
Dupla especial (420 x 277 mm) Posicionamento até o índice	R\$ 9.600,00	R\$ 8.640,00
Dupla de abertura (420 x 277 mm)	R\$ 12.000,00	R\$ 10.800,00
3ª Capa (210 x 277 mm)	R\$ 6.200,00	R\$ 5.580,00
4ª Capa (210 x 277 mm)	R\$ 11.500,00	R\$ 10.350,00
Rodapé colunas (190 x 50 mm)	R\$ 1.900,00	R\$ 1.710,00
Anúncio Guia dos Noivos (87,4 x 24,7 mm) para anunciantes	R\$ 800,00	R\$ 720,00
Anúncio Guia dos Noivos (87,4 x 24,7 mm) para não anunciantes	R\$ 1.300,00	R\$ 1.170,00

*Para página determinada, acrescentar 20% no valor do anúncio.

**Não está incluído o valor da criação.

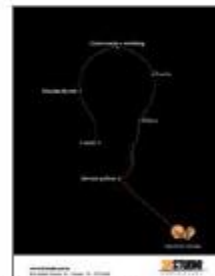
PORTAL IC	VALOR TOTAL
Guia de serviços (6 meses)	R\$ 500,00
Guia de serviços (1 ano)	R\$ 800,00
Janela flutuante (15 dias)	R\$ 1.500,00
Banner inicial topo (1 mês)	R\$ 3.000,00
Banner rodapé (1 mês)	R\$ 900,00



FORMATOS



Página Dupla • 42 x 27,7cm
43 x 28,7cm com os 5mm de sangramento



Página Inteira • 21 x 27,7cm
22 x 28,7cm com os 5mm de sangramento



Meia Página • 21x13,6cm
22 x 14,6cm com os 5mm de sangramento



1/4 Página • 9,75x13 cm
Sem sangramento

REQUISITOS TÉCNICOS PARA A ENTREGA DO ANÚNCIO

Cores em **CMYK**

Resolução em **300 DPIs**

Extensões aceitáveis: **JPG, TIFF, e PDF** (fechado, com as fontes)

Entregue sempre junto com o anúncio uma impressão do mesmo para verificação de fontes, tamanhos etc.

A 3R Studio só se responsabiliza pela cor dos anúncios que tiverem prova digital (O.R.I.S)

O prazo máximo para que todo o material seja entregue é de até cinco dias úteis antes do fechamento da edição.



CONTATO



MATRIZ

RIO DE JANEIRO
 (21) 3578-6242
casamento@3rstudio.com.br
 Rua General Dionísio, 36 - Humaitá
 Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22271-050

INSERÇÕES
CASAMENTO
www.revistacasamento.com.br

3RSTUDIO
 EDITORA
www.3rstudio.com.br

FILIAIS

SÃO PAULO
 (11) 3052-1077
equipesp@3rstudio.com.br
 Rua José Maria Lisboa, 860 salas 11 e 12 Jardins - São Paulo - SP - CEP: 01423-001

PARANÁ
 (41) 3082-2919 / 9108-1745 / 9904-0295
equipepr@3rstudio.com.br
 Rua Conselheiro Laurindo, 502 conjunto 202 Centro - Curitiba - PR - CEP: 80060-903

BRASÍLIA
 (61) 3349-0265 / 3340-8956 / 8404-4366
equipebsb@3rstudio.com.br
 CLN 212, Bl. B, Lj. 41 - Asa Norte
 Brasília - DF - CEP: 70864-520

RIO GRANDE DO SUL
 (51) 9812-2280 / 3343-2289
equipepoa@3rstudio.com.br
 Alameda Coelho Neto, 40 sl 202 - Boa Vista Porto Alegre - RS - CEP: 91340-340

REPRESENTANTE COMERCIAL SANTA CATARINA
 (48) 9948-1318
equipesc@3rstudio.com.br

REPRESENTANTE COMERCIAL GOIÂNIA
 (62) 8106-5770 / (61) 8111-0206
equipego@3rstudio.com.br

